



O CAMINHAR NA EDUCAÇÃO

NARRATIVAS DE APRENDIZAGENS,
PESQUISA E FORMAÇÃO

EDMÉA SANTOS
LEONARDO RANGEL

PREFÁCIO DE LUCIA SANTAELLA



O CAMINHAR NA EDUCAÇÃO
NARRATIVAS DE APRENDIZAGENS,
PESQUISA E FORMAÇÃO

EDMÉA SANTOS
LEONARDO RANGEL

PREFÁCIO DE LUCIA SANTAELLA

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O caminhar na educação: narrativas de aprendizagens, pesquisa e formação

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Autores: Edméa Santos
Leonardo Rangel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S237c Santos, Edméa.
O caminhar na educação [recurso eletrônico] : narrativas de aprendizagens, pesquisa e formação 1 / Edméa Santos, Leonardo Rangel. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-241-8
DOI 10.22533/at.ed.418202907

1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil.
3. Professores – Formação. I. Rangel, Leonardo.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Caminhos híbridos, ubíquos e líquidos de vivência e aprendizagem

De pronto, a leitura deste livro desperta, entre outros, o sentimento sereno e feliz do nomadismo. *Viajar é preciso*. Quais viagens e por quais caminhos? As respostas também vêm de pronto. Os espaços são múltiplos e se multiplicam porque hoje as viagens não se realizam apenas nos deslocamentos geográficos, em visitas de paisagens físicas e humanas. Fazem-se também no contraponto contínuo dos deslizamentos propiciados pela arte dos cliques nos espaços informacionais em que o existir se torna líquido.

O que é viver, ensinar, pesquisar, formar e entregar-se à aprendizagem contínua, incessante, desbravadora e corajosa que tira proveito da cibercultura, essa cultura híbrida em que o físico e o digital se cruzam, se interpenetram e nos transformam em seres híbridos e ubíquos. Eis o que este livro-jornada nos apresenta. Começemos pela viagem.

Emprestei a exortação “viajar é preciso” de um texto guardado na memória, inesquecivelmente lindo, assinado por Sergio Paulo Rouanet, texto que introduz a viagem do autor pelos escritos de Walter Benjamin. Viajar é preciso porque a razão viva, metabólica, que não se entrega aos hábitos entorpecidos, é razão nômade, aquela que também aprende nos deslocamentos geográficos que explora. Só humanos viajam. Animais não viajam, migram para fugir aos rigores do inverno. Mesmo os humanos que ficam, não viajam, são diferentes das plantas que têm raízes e dos bichos que não podem sobreviver fora de seu ecossistema. Por isso, viajar é um ato de liberdade. Precisamos, sim, partir para os prazeres do trânsito, das descobertas e do retorno. Viajar, de fato, é retornar transformado.

Existe, entretanto, um outro tipo de viagem, aquele que fazemos sem sair do lugar, ou seja, nossas viagens pelas circunvoluções do pensamento. *Pensar é preciso*. C. S. Peirce dava a isso o nome de *musément* cuja tradução em português é a palavra, pouquíssimo usada, *uberdade* para significar fertilidade, valor em produtividade do pensamento. É uma certa ocupação agradável e refrescante da mente, uma espécie de devaneio, contanto que retiremos desse termo a ideia de fantasia e de sonhar acordado, um devaneio, portanto, que não é movido pela imaginação pura e simples, mas pelo desprendimento, pela entrega ao puro jogo do pensamento.

Trata-se de um jogo sem regras, a não ser a verdadeira lei da liberdade que pode tomar a forma da contemplação estética ou da construção de um castelo puramente mental. Se você se entregar a esse tipo de puro jogo meditativo, com a candura que lhe é própria, chegará a um ponto em que atento ao que está em torno e dentro de você, iniciará um diálogo consigo mesmo. Isso é o que constitui a meditação.

Entretanto, além da meditação, existe um outro tipo de trilha para essa modalidade de pensamento, quando se trata do engendramento das ideias. É o pensamento que brinca, que joga consigo mesmo, que viaja meio ao léu sob os comandos dos demônios

indomesticáveis das associações de ideias até encontrar uma paragem de visitação em uma ideia que brilha como um achado. Algo próximo daquilo que Walter Benjamin chama de “iluminação profana”. Nascem assim nossas boas ideias, ou pelo menos aquelas que são nossas e que estão nos germens de nossos escritos.

Escrever, contudo, é uma outra viagem. *Escrever é preciso*. Quando nos deslocamos do solo pátrio e da língua pátria, nossa língua mãe, para outras paragens nas geografias do mundo, tornamo-nos tradutores da língua e da cultura do outro em miragens de cultura própria. Assemelhamo-nos, assim, a forasteiros que lutam para se sentir em casa, pisando um chão que não lhes pertence. Ainda dormimos debaixo de estrelas, mas elas não são as nossas.

Escrever também é uma espécie de tradução. Traduzir pensamentos vagos e ainda incertos em pensamentos articulados, traduzir a fala alheia admirada em fala própria, traduzir a utopia do querer dizer em algo que se diz inelutavelmente incompleto. Em suma, escrever é sempre um ato de coragem. Enfrentar o papel ou a tela branca é como enfrentar um touro à unha, como já dizia Décio Pignatari.

São três os tipos de viagem e de caminhos acima esboçados, caminhos em que cidadãos que somos da cibercultura, nossa vivência é ubíqua pela habitação entrecruzada e híbrida de dois espaços simultâneos: o físico e o ciber. Em primeiro lugar, a viagem pelos espaços e caminhos geográficos nas visitas de paisagens humanas nas quais buscamos nos integrar. Em segundo lugar, as viagens pelas arquiteturas líquidas e moventes do pensamento em busca de sua autotransformação. Em terceiro lugar, a viagem da escritura, entre tensa e prazerosa, atividade em que viver e escrever tornam-se irmãs siamesas, o que nos faz lembrar Sherazade, aquela que conta histórias para sobreviver. No nosso caso, a sobrevivência é, sobretudo, da memória, pois viagens físicas ou mentais não escritas dissipam-se nas neblinas do esquecimento.

Por essas e outras razões, as quais cada um tem a liberdade de encontrar por si mesmo, convido-lhe, meu caro leitor, meu semelhante, a aventurar-se pelas páginas deste livro onde encontrará viagens e trilhas multirreferenciais, entre cidades e livros, lugares e palavras, roteiros e descobertas, diários e leituras, enfim, interstícios de saber e de sentir, em experiências compartilhadas de aprendizagem híbrida e ubíqua. Com atenção, todavia, para o fato de que tudo aqui deverá soar como uma advertência. Entre as lições tristemente sombrias que está nos dando, o Coronavírus veio também para revelar que o ensino-aprendizagem não poderá mais se dar exclusivamente nos limites de salas quadradas nas quais só se pode aprender quadrado, pensar quadrado e sentir quadrado. Vamos abrir nossos espaços por caminhos múltiplos, híbridos, ubíquos e líquidos. Esse é o convite que este livro nos faz.

Lucia Santaella, 11-05-2020

Em um tempo que está marcando nossa alma com a insígnia do Covid-19.

APRESENTAÇÃO

Quadrado Rio de Janeiro

Da casa de Méa...

Covid-19, da noite pro dia me deparo com uma nova realidade. Para não perder a vida, tivemos que nos distanciar fisicamente de tudo, de todos e das cidades com os seus e os nossos movimentos. Aquilo que amamos viver na relação cidade-ciberespaço, agora quase se limita a relação com a casa e com o ciberespaço. Viajar e caminhar de repente se tornaram atividades impensáveis. Atividades vitais para minha pessoa. Só para vocês terem uma ideia, para trabalhar eu preciso viajar cerca de 80 quilômetros saindo da minha casa (Leme, Rio de Janeiro) até a minha universidade (UFRRJ, Seropédica). Esta viagem é sempre cercada de muitas interações com colegas muito diferentes uns dos outros. São muitas histórias contadas, vida e formação se fundem em animados papos na corona.

Viajo muito pelo Brasil e também para outros países, faz parte da atividade acadêmica, o encontro físico entre pares. Nos encontramos para partilhar conhecimentos em eventos científicos, encontros de avaliações de carreiras, pesquisas de mestrado e doutorado. A cada banca, muitos encontros com narrativas de vida e formação. Encontros com ações de ensino, pesquisa e extensão, atividades com compõe nossa vida acadêmica.

As viagens não se resumem apenas ao exercício do trabalho, mas elas sempre estão na minha agenda também quando descansamos do mesmo. As férias são momentos também de nos movimentarmos por outros espaços-tempos de vida e formação. Viajo com toda família, viajo com meu marido, viajo com minha filha, viajo com amigos, viajo sozinha. Seja como for, as viagens são sempre itinerâncias de vida e formação. Registrar estas itinerâncias é para mim um exercício incrível de pesquisa-formação na cibercultura. Viajo com minhas memórias, viajo com seus registros e também com meus artefatos e dispositivos de memórias auxiliares. As memórias auxiliares (bloco de notas, agendas, celular, computador) ampliam minhas memórias corporais, expandem e estendem meus sentidos, minhas vivências e sobretudo minhas experiências.

As experiências nos constituem, nos fazem ser quem somos, nos forjar seres humanos, nos forma e nos permitem que pensemos em como forjar outras pessoas. Criar, gerir e avaliar ambiências formativas são apenas algumas atividades que nós formadores de formadores praticamos. Como exercer nossa experiência de pesquisa e formação sem ampliar nossos repertórios? Como ampliar nossos repertórios sem nos movimentarmos na relação cidade-ciberespaço, uma vez que somos praticantes culturais do nosso tempo?

Viajar e caminhar são atividades que forjam processos formativos, como eles inventamos dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura. Não fazemos tudo isso sozinhos. Mas cada um de nós inventa seus jeitos de viver estas experiências. Juntos no coletivo GPDOC/UERJ/UFRRJ criamos diversos e diferentes dispositivos de pesquisa-

formação. Das aprendizagens com os cineclubes, dos atos de currículos online em ambientes virtuais de aprendizagens e nas redes sociais da internet, com equipamentos urbanos - a exemplo dos museus -, nas salas de aula presenciais e online em nossas escolas e universidades seguimos criando, nas autorizando...

Tudo muda, com o Covid-19. Mas a nossa experiência com a cibercultura e a educação online não nos deixa parar de educar, pesquisar, formar e se formar. Estamos em atividade fazendo, pensando, narrando. Deixamos rastros nas redes. Por outro lado, sentimos muita falta das viagens e dos movimentos urbanos. Há tempos, forjamos o que hoje chamamos de “caminhar ubíquo” como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura. Aproveitamos a quarentena do covid-19 para sistematizar um texto, revivendo memórias de viagens e caminhadas. A “**Parte 1**” - primeira parte desse livro, conta um pouco sobre esta aventura do caminhar ubíquo. Aqui o leitor conhecer nosso conceito, seus repertórios teórico-metodológicos em uma narrativa formal e científica. Na “**Parte 2**” - segunda parte, resolvemos partilhar notas de memórias de viagens. Chamo de notas, porque escolhi apenas algumas narrativas de diário de uma viagem que fiz em 2015. O reencontro com estas notas foi literalmente uma nova viagem. Muitas ações que venho mobilizando atualmente, já estavam lá registradas há 5 anos...

Mas porque estas notas? Eu e meu grupo de pesquisa, GPDOC, praticamos há muitos anos o “diarismo”. Fazemos diários de aulas, de pesquisa e de formação. Registramos e partilhamos a produção do nosso material de pesquisa que se materializa em narrativas de nossas itinerâncias de vida e formação. Dialogamos com estes registros num esforço de compreendermos a compreensão dos nossos parceiros de pesquisa e de nossas próprias compreensões sobre estes processos. Esta prática, também extrapola a experiência do nosso trabalho, mas que sempre forja ressonâncias para outras produções. Aprendemos o tempo todo, nascemos condenados a aprender.

Daí, resolvi partilhar um diário de 2015. Na época, fiz uma viagem de férias onde aproveitei para fazer um curso de storytelling em inglês e obviamente aprender um pouco mais com as cidades. Escolhi San Francisco na Califórnia. Na ocasião, partilhei estas notas apenas com alguns amigos e membros da minha família por e-mail. Lynn Alves, amiga de partilhas de viagens de aprendizagens, foi uma das minhas correspondentes. Graças a ela inclusive, consegui recupera-las. Assim como eu, Lynn adora viajar e aprender nas férias. Trocamos muito e adoramos aprender uma com a outra.

De agosto de 2013 a agosto de 2014, morei em Portugal. Lá fui professora visitante na UAB de Portugal em Lisboa. Produzi muito academicamente. Partilhei saberes e aprendi bastante. Rastros dessa produção podem ser encontrados em meu Currículo Lattes e no meu site/acervo: www.edmeasantos.pro.br. Na “**Parte 3**” - terceira parte, preparei um mini-guia (roteiro) onde partilho dicas de viagem para cidades do Porto, Braga e Lisboa. Na verdade, preparei este guia originalmente para minha amiga Máira, que foi a Portugal participar de um congresso, aproveitando suas ricas férias. De lá pra cá, este guia já

circulou bastante e aproveito agora este momento, para revisitá-lo. Reviver cada dia foi como voltar a caminhar por todos os lugares que cartografei.

Este livro é uma compilação de textos diferentes e que nos mostram como estas diferenças são importantes em nossos processos formativos. Partilhamos três gêneros textuais aparentemente incompatíveis (artigo científico, diário e guia/roteiro de viagem), mas que para nós são fundantes em nossas práticas. Fiz questão de partilhar com vocês leitores e leitoras esta experiência. Convido vocês a viajarem comigo um pouco. Amei atualizar algumas viagens e caminhadas que fiz, até porque sei que farei muitas outras, não da mesma forma, mas exercitando e aprendendo a viajar e caminhar diferentes. Hoje, escrevendo esta apresentação, não sei como será o amanhã. Mas sei que será... Para hoje, o que temos são estas memórias. Vem comigo!

Como não estamos sozinhos e as redes nos conectam, convido o amigo e parceiro acadêmico Leonardo Rangel, a falar do “Seu quadrado” sobre seus caminhar... Vamos juntos em coautoria!

Abril de 2020.
CopaLeme, Rio de Janeiro

APRESENTAÇÃO

Quadrado Salvador

Da casa de Léo...

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grillados com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos (KRENAK, 2019, p. 30).

Na presente seção, o caminhar será abordado em seu sentido polissêmico, como prática, metáfora, movimento, potencialização do pensamento, etc. As ponderações que faço desenvolvem argumentos e lacunas presentes de modo embrionário em pesquisas acerca dos processos formativos singulares contemporâneos. Comecei estudando a relação entre educação e os espaços limiães, no intuito de traçar uma epistemologia das fronteiras e evidenciar as potências das margens. Em seguida, esbocei o que chamei de educação dos encontros. Acontece que tanto em um projeto quanto no outro faltou compreender a qualidade dos movimentos que acontecem através dos encontros.

No projeto da educação do encontro, deparei-me com a perspectiva biocêntrica e seu incrível potencial para compreender a complexidade dos processos educativos, sobretudo a resistência das coisas à vontade de domínio. Para compreender essa resistência, adotei uma perspectiva onto-ecológica e refiz caminhos já percorridos para buscar novas possibilidades onto-ecológicas. Caminhos que levaram a outras compreensões relativas aos sentidos da educação. Foi possível perceber, por exemplo, que a educação não pode prescindir da compreensão e apreensão das complexidades dos sentidos que fazem parte do mundo da vida e que ajuda a formá-los. Os diversos sentidos estão sempre presentes e atravessam os cotidianos das escolas, e de todas as redes educativas, envolvendo-se nos mais distintos processos de trans-formação. Nesse sentido, não há formação e constituição do mundo sem a mobilização de sentidos, como sustenta o filósofo francês Gaston Bachelard.

Para Bachelard (2007), a constituição do mundo se dá a partir de dois fenômenos que se dialetizam e dinamizam o tempo todo entre si: movimento e repouso. Enquanto o Ser se constitui cercado-se de grande quantidade e da qualidade do repouso, produzindo processos de estabilizações, criando delimitações, gerando identidades e identificações; o movimento atrela-se ao Devir, ao fluir das coisas, portanto, encontra-se relacionado à diferença. Movimentar-se é estar sujeito às mudanças e aos imprevistos dos acontecimentos. Repousar é tentar encontrar abrigo, alguma paragem, fenômeno propício aos processos de estabilizações. Alguns destes movimentos serão esboçados na **parte 1**, composta pelo capítulo 1.

Nilda Alves (2018), em recente projeto, tenta compreender os cotidianos das

escolas e as reverberações dos processos migratórios na educação. A autora sustenta que os migrantes empreendem um dialético fenômeno pendular, demonstrado através da expressão: ‘caminhar, caminhar, parar, parar’! O ‘caminhar’ pode ser traduzido a partir do que Bachelard (2007) compreende como ‘movimento’. E o ‘parar’ atrela-se facilmente ao ‘repouso’. Dito de modo inverso, o repouso pode ser compreendido como práticas cotidianas das pausas para planejar o movimento, ao passo que o movimento deixa traduzir-se pelas práticas bastante cotidianas das caminhadas.

Desse modo, pode-se afirmar que o migrante vibra numa intensidade mais pulsante, e dialetiza de modo diverso as dinâmicas entre movimentos e repousos. É como se seu pôr-se em movimento (caminhar) mexesse mais com seus processos de repouso (identificação). O caminhar, enquanto prática cotidiana do movimento é potencializador de mudanças. Muda-se ao caminhar, caminha-se com as mudanças, como nos informa o praticantepensante¹ Marcelo. Já Brenda e Besse (2014) mostram como esses movimentos que potencializam mudanças, também criam paisagens. Estes movimentos com as caminhadas serão expressos na **Parte 2**, nos capítulos 2 e 3.

No momento atual, alguns movimentos estão sendo adiados por conta do isolamento físico provocado pela pandemia. Esse quadro tem descortinado e agravado as políticas de morte orquestradas pelo modelo hegemônico de economia. Os últimos tempos vêm ratificando que o neoliberalismo é um regime necropolítico, afinal consiste em política que diz quem importa e quem não importa, quem pode viver e quem deve morrer (MBEMBE, 2018). Essas políticas neoliberais fragilizam a coisa pública, tomam a escola como local de suspeita, e impõem a lógica da privatização em todos os âmbitos, incluindo à saúde. Elas terão de ser drasticamente repensadas, problematizadas, pois a agência do Coronavírus aponta a falência e falácia delas, além de mostrar a incrível ineficiência para lidar com fenômenos de potencialização e maximização da vida. Davis (2020) alerta para o fato dos EUA (berço dessa política), encontram-se vulneráveis diante da epidemia. Para o autor, “daqui a um ano podemos olhar para trás com admiração para o sucesso da China em conter a pandemia, mas com horror ao fracasso dos Estados Unidos. A incapacidade das nossas instituições de manter a Caixa de Pandora fechada, é claro, não é uma surpresa” (DAVIS, 2020, p. 7). Não é surpresa, porque desde ao menos 2000, há sistemáticas tentativas de desinvestimento na saúde, e enfraquecimento no amparo às pessoas que necessitam de cuidados.

O novo coronavírus propagador da COVID-19, irá mudar a maneira de compreendermos

1. Nilda Alves (2010), marcando, estilizando e potencializando os estudos *dos nos com* cotidianos, opta por grafar as palavras juntas, como forma de contestar os dualismos reinantes na chamada cultura ocidental e na ciência. A opção por juntar as palavras, criando neologismos, é de suma importância ontológica e epistemológica, porque aposta na complexidade e pluralidade do mundo e da vida. Desse modo, a noção ‘*praticantepensante*’ indica que a ação não pode ser compreendida como fenômeno antagônico nem dicotômico ao pensar e vice-versa. Entre ambos há dinâmicas complexas e polivalente. Ao longo da obra utilizaremos a referida expressão, alternando-a com a noção de caminhante. Caminhar além de constituir-se como prática, revela-se como potente exercício do pensar. Temos vários relatos de escritores/as que utilizam o caminhar como prática potencializadora dos processos de criação, os mais conhecidos são: Jean-Jacques Rousseau, Friedrich Nietzsche, Henry David Thoreau, Rebecca Solnit etc.

os processos biosocioculturais e educacionais e o modo de nos relacionarmos uns com os outros. É a natureza nos dando mais uma lição! Assim, “cabe a nós criar uma maneira de responder, por nós, mas também pelas inúmeras espécies vivas que levamos conosco [ou que nos levam, no caso do ‘Corona’] para a catástrofe” (STENGERS, 2015, p. 34-35). A pandemia é um convite para ‘sentirfazerpensar’ novas relações com os outros. É tempo de aprendermos a ‘sentirfazerpensar’ novos modos de criações com a natureza da qual somos parte, de buscarmos estabelecer novos acordos, porque “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com suas referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (KRENAK, 2019, p. 14). Afinal, “é importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (KRENAK, 2019, p. 27).

Um dos modos de compreendermos as diversidades de modos de vida, de movimentos e linhas, de redes é afirmando as potências dos movimentos que se dão através das possibilidades dos encontros (KRENAK, 2019), nas caminhadas, no contar histórias (sempre no plural) de modo compartilhado (ADICHIE, 2019; KRENAK, 2019). Afinal, nos mobilizamos em um mundo que se encontra sempre em devir. E acolher a proposição de Ingold (2015) e viver o constante movimento das linhas, que formam — e também movem, agitam e alvoroçam — pistas e superfícies, significa compreender educação como possibilidades de se criar encontros, nas redes que formamos e nas quais somos formados (ALVES, 2010, 2019). Já os currículos podem ser concebidos como ‘espaçotempos’ em que ocorrem esses encontros. Eles pressupõem itinerários, movimentos, linhas e redes que se desdobram em questões sociais, e voltam a se transformar em questões curriculares.

Aproveitem a leitura, afinal: ler é caminhar em direções que jorram e jogam com os sentidos das linguagens. Ela é sempre plural e polissêmica como as caminhadas, sobretudo porque “o livro fica sendo, no chão do seu autor, uma árvore velha, capaz de transviá-lo e de o fazer andar errado, se tentar alcançar-lhe os fios extremos, no labirinto das raízes” (ROSA, 2015, p. 21).

Maio de 2020
Barris, Salvador-Ba.

SUMÁRIO

QUADRADO RIO DE JANEIRO	1
Movimento M - Caminhar ubíquo: dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura	1
Abrindo a conversa sobre o caminhar ubíquo: pesquisando na cibercultura	2
A pesquisadora em movimento, formar e se formar na relação <i>cidade ciberespaço</i> : forjando o dispositivo “caminhar ubíquo”	6
Caminhar ubíquo, derivas, errâncias e itinerâncias formativas: em busca do Brooklyn Museum	10
Saberes para um caminhar ubíquo	20
Movimento E - Caminhadas e aprendizagens pela cidade de San Francisco: notas de um diário de viagem	22
15 de fevereiro de 2015	22
16 de fevereiro de 2015	24
17 de fevereiro de 2015	28
18 de fevereiro de 2015	32
Movimento A - Quem viveu algumas cidades, tem histórias em forma de dicas... Porto, Braga e Lisboa pra você	38
1 - Porto	38
2 - Em Braga	41
3 - Lisboa	42
QUADRADO SALVADOR	49
Movimento L - Da cabeça aos pés: o caminhar como dispositivo des-articulador...	49
Clivagens nas pedagogias das mãos	54
Aprender a pensar com e sem os glúteos	60
Movimento E - Caminhadas, deslocamentos e paisagens	63
As caminhadas e as práticas educativas	67
Caminhar pelas/nas ruas das cidades	71
Os ‘praticantespensantes’ nas/das/com cidades	76
Movimento O - Caminhadas com o vento, a flor e as estrelas	79

Exposição, encontros, linguagens e presença	81
Caminhar <i>como vento</i>	89
REFERÊNCIAS.....	94
SOBRE OS AUTORES	100

QUADRADO RIO DE JANEIRO

Da casa de Méa...

MOVIMENTO M - CAMINHAR UBÍQUO: DISPOSITIVO DE PESQUISA-FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA

O texto apresenta o dispositivo do caminhar ubíquo em contexto de práticas de pesquisas multirreferenciais. Entendemos por caminhar ubíquo o ato de caminhar por territórios físicos em conexão com o ciberespaço, produzindo, registrando e significando dados de pesquisa-formação na cibercultura. O caminhar é trazido como ato forjado nos acontecimentos de aprendizagem e formação do pesquisador em relação direta com equipamentos culturais, pessoas e suas significações em movimento, territórios simbólicos.

Valoriza-se, aqui, a interação efetiva do pesquisador na relação *cidadeciberespaço* por meio de saberes urbanos, comunicacionais, pedagógicos, mobilizados com tecnologias digitais em rede. A inspiração teórica e metodológica conta com algumas noções cunhadas e ou atualizadas por Roberto Sidney Macedo, em diálogo com outros parceiros intelectuais do campo, na interface educação/comunicação, mais especificamente na atual fase da cibercultura, que, entre outros eventos, vem se materializando por dispositivos móveis em rede. Narrativas autobiográficas advindas de caminhares ubíquos da autora em suas itinerâncias urbanas são trazidas neste texto para materializar apontamentos introdutórios sobre o dispositivo em questão. Assim, não dissociamos a experiência formativa da pesquisa de seus processos de narração. Como nos sugere Macedo (2015):

No que concerne à relação entre a experiência e a narração sabe-se que a experiência tem um claro conteúdo narrativo porque transcorre no tempo, vive a duração, portanto, reflete as vivências e as implicações dos sujeitos e seus protagonismos. [...]. A valorização da narração coloca o narrador numa condição de autor e mais importante ainda, de viver um processo de autorização, como já dissemos, de tornar-se coautor de si (MACEDO, 2015, p. 46).

Além dessa introdução, onde buscamos contextualizar a presente produção, organizamos o texto em mais três partes: 1) “Abrindo a conversa sobre o caminhar ubíquo”, em que apresentamos a noção de cibercultura em contextos de mobilidade ubíqua, em sintonia com nossa itinerância de pesquisa-formação na cibercultura, e em que apresentamos as

questões motivadoras para este trabalho; 2) “A pesquisadora em movimento, formar e se formar na relação *cidade ciberespaço*: forjando o dispositivo ‘caminhar ubíquo’”. Aqui, trazemos narrativas de algumas itinerâncias urbanas vivenciadas pela autora, na qual cartografamos práticas de pesquisa em movimento na interface cidade/ciberespaço e forjamos o dispositivo propriamente dito; 3) “Saberes para um caminhar ubíquo”, em que apresentamos indicadores que poderão inspirar outros professores-pesquisadores, para que outros caminhares ubíquos possam ser praticados.

Esperamos que o nosso esforço de síntese, ao cartografar diferentes saberes digitais (urbanos, pedagógicos, comunicacionais e científicos), continue nos convidando a forjar, cada vez mais, pesquisas em movimento, em deslocamento. “O deslocamento é o seu método e dispositivo de investigação preferido; parar em lugares imprevistos, para que a diferença se lhe apresente e o acrescente, é sua paixão de aprendente *flâneur*.” (MACEDO, 2015, p. 61)

Por mais que saibamos que outras ecologias vêm sendo instituídas predominantemente no e pelo ciberespaço, não podemos nos furtar do direito às cidades (Harvard). Portanto, nossa opção de pesquisa assume a política de sentido do imbricamento *cidadeciberespaço* como fundante. Concordamos com Jacques (2012), para quem “o único modo de ter uma cidade viva e democrática é poder caminhar sem suprimir os conflitos e as diferenças, poder caminhar para protestar e para reivindicar o próprio direito à cidade” (JACQUES, 2012, p. 170).

Abrindo a conversa sobre o caminhar ubíquo: pesquisando na cibercultura

A cibercultura é a cultura contemporânea mediada por tecnologias digitais em rede na relação *cidadeciberespaço* (SANTOS, 2005, 2014, 2019). Desde as práticas cotidianas vivenciadas pelo homem ordinário, que tece seu dia a dia, mais ou menos inventivo, no mais alto nível de desenvolvimento científico e tecnológico forjado por coletivos e instituições, tudo passa hoje por mediações diretamente ligadas ao digital em rede. Mais que nunca, a relação *cidadeciberespaço* vem sem instituindo por seres humanos em movimento, em trânsito. Trânsitos que rompem fronteiras físicas e simbólicas. Obviamente, não podemos esquecer os intensos níveis de exclusão digital, que não deixa de ser, também e sobretudo, existencial.

Esse contexto é engendrado pelo capitalismo cognitivo, que desloca para os países mais pobres e em desenvolvimento a força produtiva, própria das sociedades industriais, colocando nos centros econômicos seus núcleos inventivos. Uma nova ideia pode forjar novos e poucos ricos, que exploram a força de trabalho de muitos outros excluídos, mesmo sabendo que estes nem podem ser considerados excluídos, uma vez que jamais tiveram acesso aos modos e aos meios de produção engendrados pelas tecnologias digitais em

rede. Novos arranjos, outras intensificações de antigos processos de opressão e luta.

Neste texto, optamos por falar das lutas, de invenções de pesquisa e formação. Lutas essas que, no campo da educação, mais precisamente do âmbito da formação de professores-pesquisadores, instituem fazeres e saberes, ou seja, fazemos para saber. Criamos e inventamos nossa existência, para com ela operar em ato, em ato de currículo. Nosso trabalho, junto ao obFORMACCE e ao GPDOC-UERJ/UFRRJ, sempre procurou investir em dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura.

Pesquisar na cibercultura é, antes de mais nada, buscar compreender o nosso tempo, seus fenômenos científicos, tecnológicos, artísticos, comunicacionais, antropossociais e culturais, mais especificamente ligados aos processos formativos. Compreender para atuar, atuar compreendendo, formando e se formando em rede. Nosso investimento cotidiano busca imbricar à docência com e na pesquisa acadêmica de excelência. Isso significa criar metodologias de pesquisa sintonizadas com os movimentos do nosso tempo. Não nos interessa replicar metodologias de pesquisas qualitativas que não nos permitem acompanhar, vivenciar e atuar na relação *cidadeciberespaço* em conexão ubíqua (SANTOS, 2014, 2019; ALMEIDA; SANTOS; SILVA, 2019; WEBER; SANTOS, 2010; MARTINS; SANTOS, 2019).

Nossas inspirações teórico-metodológicas buscam brincar operações conceituais inspirados nas abordagens da multirreferencialidade (Ardoino, Barbier, Macedo, Barbosa, Borba) com as pesquisas com os cotidianos (Certeau, Alves) e a própria cibercultura (Lévy, Lemos, Santaella, Silva, Santos). Bricolar não é misturar e ou praticar posturas ecletistas. Entendemos a bricolagem como prática multirreferencial do tecer junto e com coerência epistemológica, subvertendo o pensamento único e disciplinar.

Os *bricoleurs* não são transgressores enlouquecidos, são cronistas da diferença e sua presença e influência infindáveis. [...] O *bricoleur* projeta-se, lançando-se, por uma errância que se quer fecunda e implicada à criação. Configura-se no sujeito erótico em ação, está muito mais próximo do artista, do artesão (MACEDO, 2015, p. 60).

A cibercultura é para nós não apenas o contexto ou o nosso próprio tempo histórico, mas, também e sobretudo, um campo de conhecimento que se atualiza no e com os cotidianos. Assim, vimos instituindo ao longo dos últimos anos um saber específico e legitimado não só pelo homem ordinário, mas, também e sobretudo, por uma interdisciplinar comunidade científica. Os estudos da cibercultura, principalmente inspirados por pares brasileiros, para nós também são inspiração epistemológica. No Brasil, contamos com a ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisa em Cibercultura, comunidade científica da qual fazemos parte e que muito nos forma pelas práticas ciberculturais que estudamos e vivenciamos de forma autoral.

Não separamos teoria de metodologia nem estas das práticas e experiências cotidianas. Com inspiração nos estudos das epistemologias das práticas, a exemplo da abordagem multirreferencial, vamos tecendo a cada pesquisa-formação na cibercultura um

repertório autoral que vem se materializando ao longo dos últimos 20 anos em diversos dispositivos científicos e ou curriculares. Foram trabalhos no início desenvolvidos por nós individualmente e depois também pelos coletivos GPDOC/UERJ (há mais de 15 anos) e GPDOC/UFRRJ (mais recentemente).

Compreender os fenômenos que emergem na cibercultura, atuando no protagonismo cotidiano, nos permite *aprenderensinar* forjando práticas e dispositivos que materializam etnométodos, ou seja, “suas maneiras interativamente constituídas de compreender e resolver as coisas da vida e da formação” (MACEDO, 2010, p. 43). Assim, com nossos etnométodos, instituímos nossas operações conceituais para com estas atuar em práticas outras, muitas vezes já imbricadas nas e pela relação *cidadeciberespaço*.

Concordamos com Macedo (2010), para quem o ato de compreender não se limita a abstrair ou entender simplesmente. “Em se tratando de um fenômeno humano vinculado à própria condição do existir – ao existir, existimos compreendendo –, [compreender] implica uma atividade que engloba um conjunto de condições e possibilidades, via aprendizagem, de transformar em realidades significativas para o sujeito acontecimentos que emergem no dia a dia da vida.” (MACEDO, 2010, p. 23).

A tradição das convencionais “pesquisas qualitativas”, que partem das teorias e buscam a empiria, muitas vezes para validar conceitos e operações conceituais clássicas, tem se caracterizado por usar as falas e narrativas dos sujeitos, recortando-as apenas para validar categorias selecionadas *a priori* nos estudos teóricos (revisões de literatura e ou revisões temáticas). O quadro teórico muitas vezes configura-se como uma “igrejinha epistemológica”, não permitindo a emergência de novas operações conceituais, uma vez que não há imersão direta nos cotidianos. Buscamos exatamente refutar essa prática de pesquisa. Procuramos “mergulhar com todos os sentidos” (ALVES, 2001) no campo de pesquisa empírica – sempre na relação *cidadeciberespaço*. Nosso esforço é mesmo “virar de ponta-cabeça” (ALVES, 2001). São as práticas cotidianas tecidas na empiria que descortinam as invenções e, em última análise, os nossos dispositivos de pesquisa-formação na cibercultura.

Vivenciamos uma fase da cibercultura forjada pelo alto desenvolvimento tecnológico que faz a cidade (territórios físicos) mais conectada ao ciberespaço (espaço telemático habitado por seres humanos em processos de comunicação com a internet, atualmente acessível por dispositivos móveis) e vice-versa. Quando Lévy (1999) conceituou, no século passado, a cibercultura como a cultura do ciberespaço, ele jamais separou o ciberespaço das cidades. Sua ênfase no ciberespaço se deu pela emergência das práticas sociais na internet, que na época era acessada por dispositivos sem mobilidade e pelo acesso local, a exemplo dos computadores de mesa conectados à rede inicialmente por conexão telefônica. Com o avanço tecnológico, fomos vivenciando experiências mais imbricadas na relação *cidadeciberespaço*.

Muitos autores fizeram esta separação, cidade *versus* ciberespaço, inclusive

repetindo em seus textos tal dicotomia até os dias atuais. Essa observação tem a ver com nossa atuação no campo, como pesquisadora atuante e protagonista no campo e no tema com meu coletivo GPDOC, participando de várias bancas de defesas de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, dentro e fora do Brasil, bem como avaliando artigos para importantes canais de difusão científica. Vem de nosso próprio testemunho de trabalho no campo da Educação em interface com a Comunicação.

Quando não dispúnhamos das redes e conexões móveis (2/3/4/5 G, redes *wifi*, entre outras) e dos dispositivos móveis (*notebooks*, *laptops*, *tablets* e celulares inteligentes), tínhamos mesmo a sensação física de uma pretensa separação entre cidade e ciberespaço. Nossos corpos foram condicionados ao *desktop*, à mesa de trabalho. As mesas de trabalho de nossos escritórios, laboratórios, ateliês, salas de aula presenciais, abrigavam nossos computadores de mesa, que também chamávamos e ainda chamamos de *desktop*. Inclusive usávamos e ainda usamos nossos dispositivos móveis (*laptops*, *notes* e *tablets*) sobre as mesas físicas de nossos escritórios ou equipamentos urbanos (cafés, museus, escolas, entre outros). O que mudou e vem mudando cada vez mais radicalmente é a nossa mobilidade em seus diversos níveis: física (quando nos deslocamos com nosso corpo físico), cognitiva (quando nos deslocamos com nossa imaginação e pensamento) e informacional (quando nos deslocamos com nossas informações, enviando e recebendo mensagens, principalmente com o desenvolvimento do digital em rede, cada vez mais ubíquo e conectado).

Vivemos e praticamos a cibercultura atualmente em movimento ubíquo. Nossos corpos libertaram-se dos *desktops* cada vez mais, graças aos acessos e às conexões das redes e dispositivos móveis, das mídias locativas e da própria internet em sua era 4.0. Em outros trabalhos (SANTOS, 2003, 2005, 2012, 2014, 2019), já apresentamos de alguma forma a evolução da *web* da fase 1.0 à fase 4.0. Neste trabalho, destacaremos a *web* 4.0, que já não é mais e apenas *web*. Costumamos dizer que a *web* se libertou dela própria. A internet explodiu e se derramou pelas cidades, nas e com as coisas que se materializam, cada vez mais, em objetos inteligentes (SANTOS; FELIPPO; SANTOS, 2019). Da internet das coisas aos hiperalgoritmos, são muitas as mudanças, e com elas novos desafios vêm emergindo nos contextos de nossas pesquisas. Desafios e dilemas vivenciados por nós em tempos de pós-verdade e *fake news* (SANTAELLA, 2019), só para citar um exemplo.

Durante anos, estamos investindo em atos de currículos e dispositivos na cibercultura, forjando e atualizando nosso método de pesquisa-formação na cibercultura. Nossa singularidade inventiva e autoral parte do esforço junto ao coletivo GPDOC de criar e forjar uma docência epistemologicamente curiosa, como também nos ensinou Paulo Freire (1997). Para tanto, não podemos deixar de forjar e inventar a própria metodologia, para com ela aprender e nos autorizarmos também como intelectuais cotidianistas e multirreferenciais na cibercultura. É exatamente neste contexto que o dispositivo do caminhar ubíquo vem se instituindo como um esforço de compreender a formação na cibercultura. “Implica a

construção de explicitações e perspectivas propositivas [...], envolve a própria itinerância reflexiva e de atividade do autor. [...]. Compreender se caracteriza como uma atividade de fato, que, em si, já é mediadora, ou seja, produz mudança, alterações em nós e nos outros.” (MACEDO, 2010, p. 24).

Para este trabalho, nossa principal pergunta de pesquisa é: como pesquisar em educação na cibercultura em tempos de mobilidade ubíqua? Para respondê-la, não podemos deixar de fazer outras perguntas em desdobramento:

- Como pesquisar fora do *desktop* e em movimento vivenciando, de fato e sobremaneira, a relação *cidadeciberespaço* em ubiquidade?
- Que dispositivos podemos inventar, forjar e até ressignificar, uma vez que não descartamos a experiência vivenciada em anos de pesquisa?
- Como aproveitar os potenciais comunicacionais dos artefatos culturais (celulares e mídias locativas), mais especificamente o digital ubíquo na relação *cidadeciberespaço*, instituindo dispositivos e artefatos curriculares e científicos?

O artigo não pretende a responder de forma completa e definitiva todas as questões acima elencadas, mas tratará de cada uma delas a partir de eventos de nossa pesquisa-formação na cibercultura, cada vez mais em movimento, pois, como nos recorda JACQUES (2012), sempre nos movimentamos:

A história das origens da humanidade é uma história do caminhar, é uma história de migrações dos povos e de intercâmbios culturais e religiosos ocorridos ao longo de trajetos intercontinentais. E às incessantes caminhadas dos primeiros homens que habitaram a terra que se deve o início da lenta e complexa operação de apropriação e de mapeamento do território (JACQUES, 2012, p. 44).

O que muda com o movimento e com as práticas do caminhar em nosso tempo é exatamente a relação *cidadeciberespaço*, que vem alterando inclusive nossas práticas de mapeamento do território, que não é mais apenas físico, adquirindo condição lógica e simbólica, que, em interstício, com a condição física, desafia sobremaneira as nossas práticas de pesquisa-formação na cibercultura. A seguir, apresentamos a você, leitor (a), uma narrativa pessoal de pesquisa em mobilidade ubíqua. Como já falamos aqui, pesquisar na cibercultura é, antes de tudo, buscar compreender a relação *cidadeciberespaço*, sendo epistemologicamente curioso (a).

A pesquisadora em movimento, formar e se formar na relação *cidade ciberespaço*: forjando o dispositivo “caminhar ubíquo”

Cidade de Nova York, 2019.

Escrevo este texto lembrando uma experiência incrível que me provocou a desenvolver a noção do “caminhar ubíquo” como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura em 2013. Caminhando pela cidade de Nova York, fruindo com meu celular, fui tecendo práticas

de saberes urbanos em sintonia com aprendizagens plurais. De lá para cá, foram muitas aulas, palestras e conferências sobre o tema do caminhar ubíquo. Mais recentemente, passamos a desenvolver, com Martins (2017), uma pedagogia da hipermobilidade. Essas atuais criações são um contínuo de experiências vivenciadas antes do GPDOC/UERJ. Desde 2008, juntamente com Weber (WEBER; SANTOS, 2010), estamos investindo em atos de currículos e dispositivos para a pesquisa em educação na cibercultura em tempos de mobilidade ubíqua.

Toda pesquisa-formação na cibercultura começa com dilemas docentes, tais dilemas muitas vezes são fruto de questionamentos que emergem no exercício do magistério e pode, muitas vezes, partir de demandas dos próprios estudantes. Lembro-me, no contexto de aulas em cursos de graduação e de pós-graduação, que diversos estudantes relatavam que não frequentavam equipamentos culturais e que, muitas vezes, nem se movimentam livremente pela cidade.

Muitas vezes, o cotidiano é circunscrito no território físico dos bairros, dos condomínios e/ou conjuntos habitacionais, com limitadas circulações desses espaços para espaços de estudo, práticas religiosas, trabalho e redes familiares e de amigos. Apesar dessas limitações de circulação no território físico, a mobilidade cognitiva e informacional já é uma realidade mediada pelos seus dispositivos móveis, uma vez que nossos alunos são usuários desses dispositivos. Constatamos em nossos contextos de pesquisa e formação que nossos alunos dispõem de dispositivos móveis, mas não acessam suas cidades em plenitude. Muitas vezes são apartados do direito à cidade. Esse direito começa pelo direito de se movimentar fisicamente. Sem a mobilidade física, não acessamos a cidade em plenitude. Como formar *professorespesquisadores* que não habitam ou habitam com limitações suas próprias cidades? Como ampliar repertórios culturais e curriculares vivenciando o direito à cidade?

Desenvolvemos o projeto de pesquisa-formação CidadeEducaUERJ (WEBER; SANTOS, 2010), pelo qual caminhamos com nossos estudantes, vivenciando com eles os potenciais e constrangimentos da relação *cidadeciberespaço*. Aproveitamos o tempo físico de nosso currículo e planejamos diversas caminhadas pela cidade do Rio de Janeiro. Caminhamos deixando a cidade nos levar. Caminhamos em fruição com nossos dispositivos móveis narrando e compartilhando a experiência estética em diferentes linguagens no ciberespaço. Visitamos museus e diversos espaços culturais vivenciando-os e refletindo sobre suas potencialidades formativas de cidadania. Para saber mais, consultar página do Facebook: CidadeEducaUERJ. Partilhamos das ideias de Jacques (2012):

Caminhar é um instrumento insubstituível para formar não só alunos como também cidadãos, que o caminhar é uma ação capaz de diminuir o nível de medo e de desmascarar a construção midiática da insegurança: um projeto “cívico” capaz de produzir espaço público e agir comum (JACQUES, 2012, p. 171).

Os desdobramentos do projeto CidadeEducaUERJ foram plurais e diversos.

Inventamos atos de currículos, no contexto do GPDOC e também em parceria com outros coletivos dentro e fora do Brasil, sempre em contextos de formação mediados por aplicativos para celular, *app-learning* (SANTOS; COUTO; PORTO, 2017). Atualmente, desenvolvemos a pesquisa institucional com mais foco no que chamamos de “*app-docência*”. Este artigo faz parte desse nosso último investimento de pesquisa (SANTOS, 2019).

Como já destacamos aqui, no tópico anterior, cada pesquisa do coletivo GPDOC inventa e forja dispositivos. Isso nos ocupa sobremaneira. Afirimo que é exatamente aqui que nossa autoria metodológica se efetiva com singularidade e inovação. Nossa autoria é reconhecida nas comunidades científicas exatamente por esse protagonismo coletivo. Os dispositivos podem ser forjados e reapropriados por quem forma e se forma em ato. Por outro lado, não podemos confundir os dispositivos com a experiência formativa em si. Alerta-nos Macedo: “[...] o dispositivo entra de forma importante na experiência da formação, sem que devamos confundi-lo com ela própria, evitando, portanto, a recaída na ideia de formação como algo meramente externodeterminado pelos âmbitos do dispositivo” (MACEDO, 2011, p. 158). O caminhar ubíquo é um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura e com ele mediamos processos formativos.

Mas por que esperar tanto tempo para escrever sobre o caminhar ubíquo? Não temos uma resposta objetiva. Será que a inspiração completa vem de NY? Kkkkkkkkkkkkkkkk (risos internéticos). Estou realmente feliz e muito tranquila, num café no EW – 10th Street, narrando a vida e literaturizando a ciência, como nos instiga Alves (2001). Com Macedo, aprendi também que as palavras possuem políticas de sentidos. Por essas e outras, sinto-me extremamente confortável em usar a “narrativa” na polícia de sentido da multirreferencialidade.

A narrativa que torna a formação dizível, visível, é considerada como constitutiva do próprio sujeito em formação e não uma simplificada maneira de alguém realizar uma prestação de contas a outrem e com isso ter seu destino selado por um ato de autoridade solipsista. Assim, narrar é reesistir (MACEDO, 2011, p. 116).

Aqui a narrativa é material de pesquisa, tema, objeto de estudo e também uma política de comunicação científica. Narrativas em textos, imagens e sons se misturam em horizontalidade e pluralidade de sentidos, fazendo emergir ecologias de saberes para que possam experimentar a própria formação. Tempo de maturação e de muitos movimentos, movimentos esses ligados ao intenso trabalho que temos em nossas universidades. Nos últimos anos, mais precisamente nos últimos 12 anos, tenho viajado mais e pelo mundo. Lembro-me de que já era mãe de uma menina de 6 meses de idade, quando fiz minha primeira viagem internacional. Fui para Portugal, participar de uma edição do Challenges na u-Minho-PT. De lá para cá, tenho conseguido viajar para outros países num movimento de comunicar a ciência que produzimos, mas, também e sobretudo, como um exercício de ampliação de meus repertórios culturais (SANTOS, 2014, 2019).

Em um de meus trabalhos (SANTOS, 2014), toco nesse tema como uma missão

docente. Considero que um dos papéis dos professores em nosso tempo é criar, mediar e avaliar ambiências formativas que busquem forjar ampliação de repertórios culturais e científicos para com nossos estudantes, formando-os e nos formando. Mas como desenvolver esses saberes se não ampliarmos nossos próprios repertórios? De que forma nossas viagens nos afetam existencialmente?

Na base da viagem há muitas vezes um desejo de mudança existencial. Viajar é a expiação de uma culpa, iniciação, incremento cultural, experiência. [...] Esta concepção da experiência como prova arriscada, como passagem através de uma forma de ação que mede as dimensões e a natureza da pessoa ou do objeto que a empreende, descreve também na concepção mais antiga dos efeitos da viagem sobre o viajante (JACQUES, 2012, p. 45).

Viajar é uma das mais importantes experiências formativas para seres humanos ao longo de nossa história. O corpo em movimento aprende. Aprende porque se desloca de sua zona de conforto em alteridade, aceita e é aceito. Confrontar nossos limites e potenciais culturais. Avaliar e se autoavaliar, conhecer para refutar e ou valorizar o que somos em nossos contextos concretos. Um *professorpesquisador* que não se movimenta poderá criar ambiências formativas plurais? Nós nos movimentamos com e em diferentes situações e com diferentes artefatos culturais e curriculares – dos livros aos filmes, com mais e diferentes histórias inventadas *dentrofora* das escolas e universidades, mas também viajando.

Lembro-me da gestão “Pátria Educadora”, da então presidenta eleita Dilma Rousseff, que também entendia e financiou, como política pública concreta, a mobilidade física de estudantes de graduação e pós-graduação, com intercâmbios internacionais para vivências e interlocuções científicas entre pares pelo mundo.

A “viagem” é compreendida por nós como uma experiência estética de formação. Acontece na tessitura de nossas itinerâncias formativas, tecidas na interface *cidadeciberespaço*. Com essa interface, vamos deixando rastros de experiências, mapeando a própria itinerância como rede de saberes humanos, não humanos, com as coisas, o meio ambiente. Narrativas, imagens e sons são produzidos e partilhados digitalmente. O celular, com suas aplicações (*apps*), é nosso diário de pesquisa *online*. Com e em nossos diários vamos descrevendo, narrando, compreendendo em contexto e forjando o método. Com Pais (1993) entendemos:

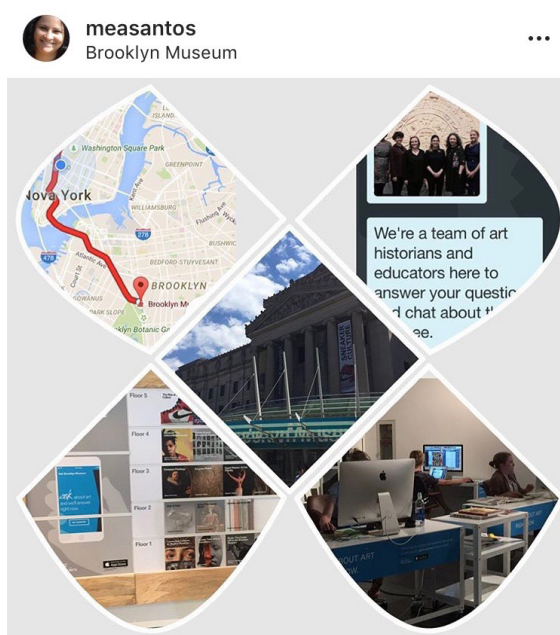
Etimologicamente, método significa caminho e, como o caminho se faz ao andar, o método que deve nos orientar é esse mesmo: o de trotar a realidade, passear por ela em deambulações vadias, indiciando-a de uma forma bisbilhoteira, testando ver o que nela se passa mesmo quando “nada se passa”. Nesse vadiar sociológico, como se adivinha, importa fazer da sociologia do cotidiano uma viagem e não um porto (p.113).

Mas porque Nova York e não outra cidade? Estava de férias, gozando minha licença remunerada de trabalho. NY é uma cidade conectada e que nos permite de fato e de direito nos movimentarmos ubiquamente. Contamos com diversas redes e conexões com a internet nos mais diferentes modelos de gestão. Acessos públicos e privados de

liberados. As conexões com diferentes tecnologias – de redes sem fio a satélites – nos permitem vivenciar a mobilidade ubíqua. Além disso, contamos também com a segurança urbana na portabilidade de nossos dispositivos pessoais. Esses acessos se comunicam com os equipamentos culturais que também são por eles proporcionados, a saber: praças públicas, bibliotecas, museus, galerias, cafés, lojas comerciais, centros comunitários. Essas condições nos permitem vivenciar com algum grau de liberdade, conforto e segurança os potenciais comunicacionais de nossos dispositivos móveis na relação *cidadeciberespaço*.

A seguir, trazemos a narrativa de uma de nossas movimentações em NY. A escolha por essa movimentação específica se deu pela sua potencialidade de interações com diferentes redes, nos permitindo atualizar em ato nosso repertório de pesquisa-formação na cibercultura, sobretudo no que tange aos desdobramentos com nossa autoria em educação *online*.

Caminhar ubíquo, derivas, errâncias e itinerâncias formativas: em busca do Brooklyn Museum



Sempre quis conhecer o Museu do Brooklyn. Os motivos são diversos e plurais. Sou baiana de Salvador. Filha de um homem afro-índio do Sul da Bahia com uma mulher branca, do Sertão baiano. Esse casal, meus pais, se encontra e se estabelece em Salvador, cidade mais negra fora do continente africano. História e cultura afro-brasileiras sempre me interessaram e me implicam a compreender esses movimentos diaspóricos e suas tensões étnico-raciais. Essa história se comunica com outras histórias de africanos na diáspora. Os negros americanos protagonizaram e ainda protagonizam ações dos direitos civis, sendo a arte uma das mais importantes formas de expressão desse protagonismo. Arte,

por sinal, é outra paixão minha. Museus de arte são os meus preferidos. Sempre aprendo muito, me desloco, entro em desequilíbrios éticos, estéticos e também políticos. Artistas geralmente chegam antes dos cientistas, principalmente na quebra de alguns paradigmas e na instituição de tantos outros. Sendo assim, aproveitei a oportunidade e resolvi, num domingo de sol, conhecer o Brooklyn Museum.

Mas como chegar lá? Hospedada num hotel em Manhattan, na Rua 59, consulto meu Google Mapas e traço a rota que deveria seguir a pé, via metrô, carro ou ônibus. Decidi ir pelo Metrô, afinal esse é o mais rápido e barato meio de transporte na cidade. O mapa indicou uma única baldeação numa estação na região do *downtown* para troca de trem. Teoricamente, após a baldeação já chegaria ao sonhado museu. Mas como não controlamos todas as variáveis da vida cotidiana, e muito menos as rotas da pesquisa, não podemos linearizar nossa itinerância no campo de pesquisa. Por essas e outras razões, tive de evacuar o metrô antes da estação de baldeação indicada pelo Google Mapas. O comboio parou e a mensagem sonora recomendou esperar dentro do trem do destino original. Todos os meus sentidos entraram em alerta para esse acontecimento. Daí a mobilidade cognitiva entrou em ação. As conexões com outros eventos da experiência nos fazem recordar os principais motivos que fazem um trem parar. Pensei eu: será que alguém se suicidou? Será que contamos com problemas na infraestrutura da malha? Depois de alguns minutos, recebemos a ordem de evacuação e orientação para entrar em outro trem. Será que estava diante de um “acontecimento” na pesquisa?

Uma vez já instalada no outro trem, observo que perdi a minha conexão com a rede Wiki do metrô de NY. Mas, curiosamente, reparei que o meu Google Mapas continuava me orientando. A “bolinha azul” se movimentava comigo. Como isso era possível? Que tecnologia suportava tal ação? Em pouco tempo, descobri que era um satélite que garantia isso. Aliviada por não perder a orientação da minha mobilidade física, noto que alguém se senta diante de mim. Veja quem foi:



Seria o rapaz um artista? Caramba! Por que ele pintou o ícone da Wi-fi na testa? O que ele quis comunicar com isso? Será que quis que as pessoas se conectassem com ele? Mas por que será que ele lê uma revista física e não a tela de seu celular? O que é esse acontecimento? Afinal, pesquiso atualmente mobilidade ubíqua na cibercultura. Como posso estar diante dessa provocação? Ou seria um disparador? Um acontecimento?

Segundo Macedo (2018, p. 46): “O acontecimento é aquilo que nos coaciona a decidir por uma nova maneira de ser, de atuar ou de atrair. Suplemento incerto, imprevisível, dissipado, apenas aparece. Nomeio o não sabido da situação”.

Pensei eu: será que ele quer fazer uma crítica às pessoas que não se olham e que vivem ligadas com seus dispositivos móveis? Se for essa a questão, não estaria ele menos conectado que os leitores ubíquos (SANTAELLA, 2009). Afinal, ler com conexão ubíqua nos permite acessar mais de um texto, hipertextos que têm como possíveis links a conversa com pessoas geograficamente dispersas. Ler impressos nos conecta com diversas ideias, nos permite criar histórias, cenários, personagens..., mas não nos permite interagir com outros textos e outros interlocutores fisicamente. Seja qual for a questão e as possibilidades de respostas, estive naquele momento em uma das mobilidades mais interessantes, a mobilidade cognitiva em sua potência máxima. Afinal, não se pesquisa sem fazer perguntas.

Ser epistemologicamente curioso passa, sobretudo, pela capacidade de questionar o mundo, fazer perguntas em contexto. Questionar, buscar respostas mesmo que temporárias, levantar e testar hipóteses, virtualizar, simular... Os acontecimentos são esses disparadores que nos perturbam e nos mobilizam, nos deslocam. Macedo (2016) nos sugere acolher os acontecimentos no contexto da pesquisa com atitude etnográfica, na qual a vida ordinária se efetiva como vida em aprendizagem. “Estar à espreita, escutar sensivelmente, deixar que a questão abra os caminhos dos sentidos e os sentidos vão abrindo os seus próprios caminhos, passam a constituir a possibilidade do acontecimento se tronar um evento heurísticamente fecundo.” (MACEDO, 2016, p. 34).

Na troca do trem, tive a mobilidade informacional devolvida, com nova conexão com o *wifi* do trem; fiz uma fotografia do pretense artista e levantei uma pergunta num *post* em minha *timeline* no Facebook. Perguntei para meus interlocutores *online* o que eles e elas achavam desse disparador. O que essa imagem provocaria em outros contextos? Que sentidos e significados podem provocar esse “personagem conceitual” (ALVES, 2019) que se materializa numa imagem em minha rede *online*? Como um acontecimento vivido na cidade de NY afetou um lugar do meu ciberespaço? Será possível pesquisar na relação *cidadeciberespaço* sem se afetar por essa relação sempre viva e em emergência, cada vez que acionamos suas potencialidades comunicacionais? O que esse acontecimento me fez pensar? Que paisagens criei com meu caminhar? Tenho aprendido a caminhar como forma de ver paisagens e como modo, não somente de ver, mas sobretudo de criar paisagens.

Segundo Caeri (2013, p. 51):

O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele percebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares.

É no “lugar” que produzimos sentidos, o espaço da prática, apropriação ou seu uso. Assim, ao partilhar na minha rede social Facebook as questões que ora fazia na relação *cidade/ciberespaço*, fui me dando conta, ainda mais, do seu potencial comunicacional. A interação com outros internautas, alunos e pesquisadores, se deu de forma bastante intensa e diversa. Narrativas, imagens e sons foram produzidos em rede e em comunicação interativa, ao passo que a compreensão desses dados produzidos acontecia em sincronia com sua produção. Meu celular como um todo era meu diário de campo. Diário que não só registrava os dados “coletados”, mas que os produzia em ato, e essa produção já não se apartava mais de seus interlocutores, os praticantes culturais. Conexões com outras leituras e referenciais teóricos também foram tecidas, forjando assim o que Macedo vem chamando de pesquisador “cartógrafo”.

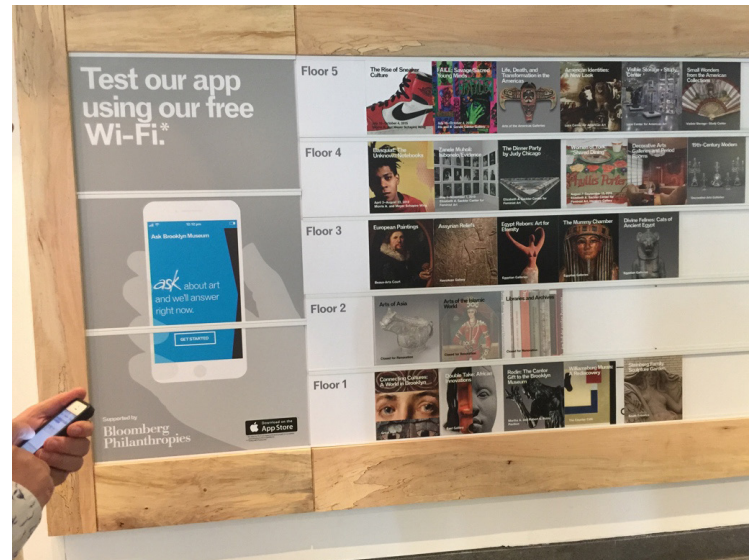
O cartógrafo se apropria de tudo que encontra pelo caminho para realizar seu trabalho. Ele não deve ser confundido com uma espécie de colonizador que traz na bagagem mapas e valores prescritos, mas como alguém aberto a percorrer e descrever itinerâncias, errâncias, opacidades, negatricidades, diferenças e identificações. O instituinte subjetivo emerge como campo privilegiado da cartografia (MACEDO, 2016, 64).

Finalmente, ele...

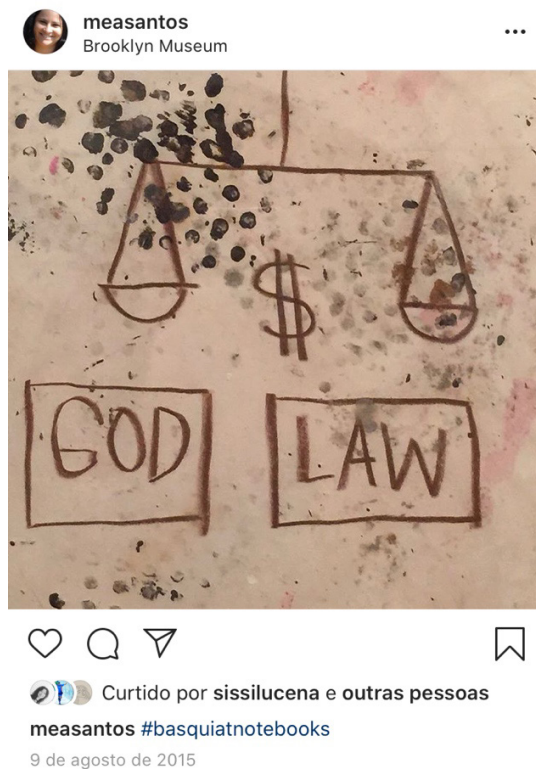


Diante da grandiosidade arquitetônica do museu, nem imaginei que poderia vivenciar experiências de pesquisa e formação com dispositivos de aprendizagem ubíqua e também de educação *online in loco*. Tudo isso, além da própria ambiência formativa da fruição com a arte ali presente. Gerações diferentes de artistas negros. Artistas de dentro e fora dos Estados Unidos. Artistas ativistas dos direitos civis, artistas contemporâneos. A imagem

a seguir apresenta uma possibilidade de percursos para caminhar pelo museu. De forma bastante didática e visual, temos acesso à programação, organizada de acordo com conteúdo disponibilizado em cada piso do edifício. Mas algo nessa imagem chamou a minha atenção, o destaque para um aparelho de celular e a comunicação que orientava para o acesso ao aplicativo ASK, uma espécie de audioguia.



Com o aplicativo (*app*) devidamente instalado, inicio meu tão esperado percurso pelo BM. Logo na entrada me deparo com a chamada para uma curiosa exposição sobre Basquiat, artista que muito me impressiona com sua autoria urbana em multilinguagens, *dendrofora* das galerias e também das altas cenas do mercado de arte. Jean-Michel Basquiat começa sua trajetória deixando anonimamente sua arte pelas ruas de NY. Percurso iniciado pela mobilidade física, não demorou muito para minha fruição em mobilidade física disparar diferentes mobilidades cognitivas e informacionais acerca do artista e sua obra. Fotografei e conversei com minhas imagens, partilhei algumas delas em meu Instagram com narrativas de visual *storytelling* (MADDALENA; SANTOS, 2017), que é uma forma de contar história com foto e narrativa da foto, ampliando na rede a conversa com esse disparador. Caminhei com J-MB e sua obra focada na escrita, ao contrário do que estava acostumada a encontrar em outras redes. Fui cocriando e virtualizando também com textos da curadoria, disponibilizados com os objetos museais.



Após muitas fruições, ida e vidas, olhar atento, me deparei com uma sala e uma instalação em que uma artista sul-africana expunha fotografias de mulheres lésbicas e suas lutas cotidianas contra a lesbofobia. O gênero fotográfico escolhido pela artista foi o retrato e compôs, com impressionantes instalações, mais uma rica ambiência formativa. Muitas obras documentavam velórios de algumas dessas mulheres. Além da contemplação inquietante promovida pela estética apresentada, dei-me conta mais uma vez de que a arte educa, inspira sempre práticas outras de educação e formação. Muitas ideias foram surgindo e meus registros foram se intensificando nas redes via meu celular. Meu “diário *online* de pesquisa” explodia na bricolagem com diferentes aplicativos (*apps*). Mais recentemente, nomeamos essa bricolagem de “*App*-diário” (LUCENA; SANTOS, 2019).



Há alguns anos, praticamos o registro do material de nossas pesquisas em dispositivos *online*, diários *online* de pesquisa (SANTOS, 2005, 2014, 2018). Com o digital em rede, podemos registrar os percursos de pesquisa de forma hipertextual. Além de criar narrativas que se materializam em textos, imagens (estáticas e dinâmicas) e sons, podemos dialogar com esse material. O diálogo permite que não separemos a produção da interpretação dos dados. Compreender a compreensão nunca foi tão ubíquo em contexto de pesquisa de campo.

Celular acionado no modo bloco de notas, rolo de fotografia, gravador de áudio e vídeo, postagens no Instagram e Facebook (dialogando com o GPDOC e interlocutores de minhas redes), chegou a hora de usar o aplicativo do museu. Muitas vezes os museus não conseguem incluir o acerto das exposições temporárias em seus audioguias, mas há casos de exposições que vêm com audioguias específicos. Os audioguias geralmente são soluções tecnológicas que contam com narrativas audiovisuais dos autores e suas obras, e objetos museais. Assim, vamos dentro e fora do Brasil, aprendendo e pesquisando mais e melhor com os museus e seus acervos.

No caso específico do aplicativo do BM (ASK), nos surpreendeu exatamente a possibilidade de interação humano-humano via celular. Saber que podemos interagir com um especialista e aprender um pouco mais me surpreendeu bastante. Através de uma interface síncrona de texto (*chat* ou bate-papo), pude interagir com um educador museal e partilhar minhas impressões sobre algumas obras. Mais que ter apenas uma informação digitalizada sobre a obra, pude vivenciar a educação *online*, com comunicação síncrona,

numa rede educativa, que em 2015 ainda não fazia parte de minhas pesquisas na educação na cibercultura, mais especificamente com a educação *online* fora dos espaços formais de aprendizagem (escolas e universidades). Essa experiência formativa na interface *cidadeciberespaço* foi disparadora para outros e novos interesses de pesquisa.

Considerando as potencialidades comunicacionais da mobilidade e da ubiquidade, os museus passaram a fazer uso das mesmas visando ampliar a experiência comunicacional e educacional de seus públicos, por meio de participação ativa e de uma variedade de meios de compartilhamento de informações, tornando a experiência do usuário mais significativa e contextualizada (SANTOS; MARTI; SANTOS, 2019, p. 11).

Para nós, educação online é tema, objeto e campo de pesquisas. Desde os primórdios da educação via internet, entendemos educação online como um fenômeno da cibercultura (SANTOS, 2003, 2005, 2014, 2019) e não apenas uma evolução da EAD via internet. Educação online é antes de qualquer coisa interatividade, colaboração, coautoria e multilinguagens em movimento. São processos educacionais em rede com ou sem mediação e intencionalidades curriculares. Pode acontecer na informalidade das aprendizagens mediadas por tecnologias digitais em rede, quando interagimos com nossos dispositivos móveis na relação *cidadeciberespaço* ou na formalidade das escolas e universidades que desenham e praticam a docência online (criando currículos online) ou ainda na não formalidade de outros espaços de aprendizagem fora do âmbito da escola e da universidade, a exemplo dos museus.

Atualmente, com Frieda Marti, orientanda de doutorado, vivencio um inovador dispositivo de educação museal online que lança mão da comunicação assíncrona, mais especificamente das redes sociais do Museu de Ciências e História Natural do Brasil (MARTI; SANTOS, 2019). Quando pensamos em educação museal online, concluímos:

Fazerpensar a educação museal online é também compreender, conforme Certeau (2014) nos ensina, que o praticante cultural (i.e., o visitante do museu) não é um consumidor passivo de conteúdos expositivos e mediações museais. O visitante (online e/ou presencial) tece seus próprios conhecimentos/significações a partir das experiências vivenciadas no/com o museu, fazendo usos diversos daquilo que lhe pretende ser imposto (MARTI; SANTOS, 2019, p. 21).

Mais recentemente, para demarcar as aprendizagens sem intencionalidade formativas, lançamos mão da noção da aprendizagem ubíqua (SANTAELLA, 2011), ou seja, todas as aprendizagens que são tecidas com a mediação dos nossos dispositivos digitais em movimento na relação *cidadeciberespaço*. A noção de educação *online* neste contexto vem sendo mais utilizada para nomear e caracterizar práticas de currículos *online* (em *espaçostempos* intencionais de ensino e aprendizagem, onde o desenho didático é criado e vivenciado institucionalmente). Vale ressaltar aqui que em nossos trabalhos a noção de “educação *online*” se contempla a diversidade de práticas de educação na cibercultura nas mais diversas e diferentes modalidades. Diante da polifonia de noções que encontramos na literatura especializada, vale a pena apresentarmos, mesmo que rapidamente, um quadro contrastivo, que ajudará o leitor a se movimentar um pouco pelo campo.

Educação <i>online</i>	Práticas mais amplas de educação mediadas por tecnologias digitais em rede (soluções tecnológicas da web 1.0, 2.0, 3.0, 4.0), ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), aplicativos (<i>apps</i>) com ou sem mediação docente e interatividade. Em nossos trabalhos, tratamos “educação <i>online</i> ” como fenômeno da cibercultura e valorizamos as práticas de desenho didático interativo. Isso implica mediação <i>online</i> com docentes e estudantes em intencionalidade pedagógica.
e-learning	Idem educação <i>online</i> . Em algumas situações, principalmente no Brasil, a expressão <i>e-learning</i> é utilizada também como sinônima de “ensino eletrônico” sem mediação humana e interatividade. Essas práticas são comuns em treinamentos corporativos.
m-learning	Práticas de educação <i>online</i> mediada por dispositivos móveis. Em seus primórdios, os desenhos didáticos eram praticados de acordo com o uso específico e customizado de plataformas e dispositivos físicos e lógicos. Os projetos de <i>m-learning</i> são formais e não formais.
<i>b-learning</i> ou ensino híbrido	Práticas de educação <i>online</i> que combinam educação presencial e a distância (<i>online</i>) em currículos formais. Por considerarmos que o “digital” encontra-se “na pele da cultura”, não costumamos separar educação <i>online</i> de educação presencial. De todo modo, a expressão <i>b-learning</i> é marcada pela combinação de situações presenciais com situações a distância.
Aprendizagem ubíqua	Práticas culturais, informais, de aprendizagens mediadas por dispositivos móveis. Não conta necessariamente com práticas de currículos <i>online</i> formais. Contempla a aprendizagem que acionamos quando estamos em interação com nossos dispositivos móveis.
App-learning	Práticas de educação <i>online</i> mediados por aplicativos (<i>apps</i>). Difere-se da aprendizagem ubíqua exatamente pela intencionalidade pedagógica provocada por práticas de currículos <i>online</i> .

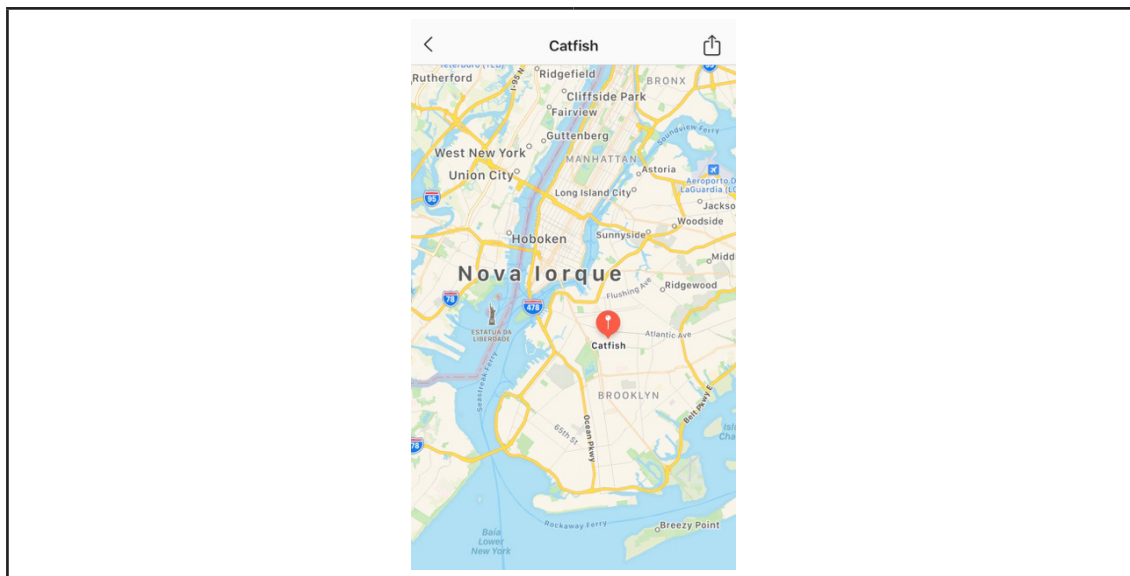
Nesta experiência específica no e com o BM, pudemos vivenciar experiências de educação *online*, *app-learning* e aprendizagem ubíqua. Toda fruição museal sempre começa ou termina numa lojinha. Lojinha? Isso mesmo, o apelo capitalista entra em cena e aciona desejos de consumo. O apelo ao desejo de levar para casa, materializado num objeto, uma recordação da experiência vivenciada. Além dos encantos com outras artes, design, costumamos levar um pouco do que vivemos também para presentear quem gostamos.

Ao foliar um guia físico da lojinha me deparo com uma informação sobre “Catfish”. Redes cognitivas acionadas lembraram-me de um prato típico da região norte-americana de Nova Orleans. Outras memórias de histórias das trajetórias dos direitos civis são acionadas, jazz e linguagens de resistência, fome chegando... Fome de comida, diversão, arte e desejo de aprender. Fiz com meu celular a leitura do *QRcode* encontrado no guia turístico, que me levou ao mapa de como chegar a pé ao restaurante Catfish. Caminhar em busca de sabores... E sabores são saberes...



Na certeza de que sabores forjam saberes, a imersão em mais um contexto urbano nos levou a outras dimensões, que não podemos continuar narrando, uma vez que não dispomos mais de tempo e de espaço. As imagens a seguir não são mais o guia físico que encontramos na lojinha do museu. São imagens de nossa autoria em contexto de imersão culturalmente situada.

<p>measantos Catfish</p> <p>measantos New Orleans in NY</p>	<p><i>Jambalaya</i> é uma espécie de <i>paella</i> típica de Nova Orleans e de toda a Louisiana, em que os principais ingredientes são, além do arroz, frango, <i>andouille</i> (um tipo de chouriço de origem francesa), lagostim de água doce ou camarão e vegetais, principalmente pimentão, aipo, cebola, tomilho e pimenta-caiena. Para saber mais, acesse: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jambalaya</p>
---	--



Comemos *jambalaya*. Entre um brinde e outro, a alegria de aprender em rede.

SABERES PARA UM CAMINHAR UBÍQUO

Num esforço de compreender a compreensão, podemos conectar nossas interpretações com nosso quadro teórico, temático e metodológico (nos conectamos em tempo real com periódicos científicos, livros *online*, *blogs* de especialistas, entre outros e plurais canais de difusão científica). Além de conectar o material de pesquisa emergente com possíveis repertórios científicos, podemos também partilhá-los em diálogo com outros autores e interlocutores de pesquisa na relação *cidadeciberespaço*. Pude com o GPDOC vivenciar experiências memoráveis de orientação ao dialogar com os praticantes de nossas pesquisas. Essa experiência formativa rompe com as dicotomias “coleta X análise de dados”, “orientador X orientando”, “orientando X sujeitos da pesquisa”, “campo físico X campo *online*”. As interfaces digitais potencializam sobremaneira um modo e rigor outro na prática da pesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos. Produzir diários *online* de pesquisa nos permite mapear e sistematizar nossos percursos e itinerâncias provocadas por esses percursos.

Com o termo “percurso” indicam-se, ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação de caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa). Pretendemos propor o percurso como forma estética à disposição da arquitetura e da paisagem (CAERI, 2013, p. 31).

Em síntese, mapearmos alguns saberes forjados no caminhar ubíquo:

- Construir e mapear percursos;
- Formular problemas e fazer perguntas;
- Atentar para o acaso e os acontecimentos;
- Resolver problemas *in loco* diante de situações-limite;

- Aprender com o entorno;
- Acionar redes de saberes em contexto;
- Reconhecer e utilizar tecnologias em contexto;
- Virtualizar, testar hipóteses e simular;
- Produzir, registrar e significar narrativas, imagens e sons;
- Criar aulas na interface *cidadecibesespço*.

Com um olhar sempre atento e o caminhar sempre ativado, continuemos deixando a cidade nos levar... Caminhemos!

MOVIMENTO E - CAMINHADAS E APRENDIZAGENS PELA CIDADE DE SAN FRANCISCO: NOTAS DE UM DIÁRIO DE VIAGEM...

15 de fevereiro de 2015

Depois de quase 24 horas de viagem, contando horário de Brasília. Chegamos a San Francisco pelo Aero México. Viagem tranquila, comidinha honesta, tripulação alegre e muito simpática. Coisa de latinos... Notei uma diferença imensa em relação, por exemplo, à tripulação da TAP e de outras empresas europeias. Até a Cidade do México, onde fizemos escola, foram 10 horas. A demora é explicada pela rota liberada pela ANAC, em vez de voarmos pelo oceano, voamos pela Amazônia.

Chegando ao aeroporto da Cidade do México, já senti aquela energia boa. Cores de Frida por todo lugar, disputando, é claro, com a megaestrutura dos Free Shops. Ah! Mas a Aero México nos deu trabalho numa coisa que para mim é básica. Eles não fazem a transição das bagagens. Temos de tirar e botar as malas em trânsito. Já imaginaram a volta? Aff! Mas, mesmo assim, a relação custo benefício é favorável. Pagamos 1.000,00 dólares com apenas uma escala. Na concorrência, eram 1.600,00 com três escalas pelo menos...

Até embarcarmos para San Francisco, passeamos pelas lojas locais nos encantando sempre. Muito artesanato lindo. Bonecos, roupas, objetos de decoração, joias, acessórios. Tudo lindo, exuberante e colorido. Comemos um sanduíche delicioso. O melhor dos últimos tempos. A delícia nos custou 10,00 dólares, ou seja, 30,00 reais da época. Foi aí que começamos a nos situar...

Embarcados a caminho de San Francisco, já notamos a diferença na aeronave. Novíssima e com tela para assistirmos filmes. Amo isso. Mas não se compara com a programação da TAP, que é muito melhor, não só em termos de qualidade como de quantidade. Salvo para a categoria música. O Marco se deleitou com as opções de música clássica, super selecionadas. Nesse trecho foi servido um ótimo café da manhã mexicano. Ovos mexidos com molho de tomate levemente picante e tutu de feijão (*frijoles refritos*). Simplesmente delicioso. Fiquei querendo mais... Apesar de longa a viagem, na chegada já deu para perceber, espero que não me decepcione, que a nossa estada na volta, parando e ficando quatro dias na Cidade do México, será incrível... É assim que me sinto. Este sentimento até me tirou um pouco do foco de San Francisco. Curti tudo, mas só pensava no México...

Finalmente chegamos a San Francisco. Depois da bunda mais que quadrada, enfrentamos uma enorme fila na imigração. O agente que nos atendeu era descendente de asiáticos e nos atendeu muito bem, apesar de nos fazer inúmeras perguntas. Nunca fui tão questionada assim, nem nas minhas três viagens para NY. Se fosse minha primeira vez na

América, teria me enrolado muito. Por falar nisso, me achei metida com o meu *melecudo* inglês... kkk. Na saída, em frente à alfândega, nos perguntaram “*Where are you from?*”. Respondi: “Brasil”, e eles devolveram com um belo “*Enjoy...*” Não quiseram checar nossas malas. Mas uns coleguinhos mexicanos não escaparam da revista...

Bem, primeira surpresa no aeroporto: uma exposição fabulosa do Museu de Hollywood. Joias e acessórios das divas do cinema. Amei muito. Por conta disso, ficamos três horas no aeroporto entre essa exposição e uma parada para o almoço. Por sinal não resistimos à comida asiática. Comemos um pato caramelado com massa. Uma delícia acompanhada com cerveja chinesa mais que demais... Obviamente, a comparação com o pato de Londres e de Lisboa logo veio. Nesses lugares, o pato é bem melhor, mas vamos descontar... afinal, seria exigir muito de uma comida de aeroporto... Dois pratos de pato (20,00 dólares) mais duas cervejas (14,00 dólares). Total: 34,00 dólares... quase 100,00 reais da época. Vamos em frente...

E agora? Como chegar à nossa *home stay*? Como eu deixo tudo para o momento-chave, não planejo nada – o que deixa Flavinha, minha irmã, louca, fui olhar no mapa o endereço e perguntar no setor de informação como chegar lá? Qual o *bus* ou metrô? A atendente me indicou o sistema de vans. Incluindo duas malas grandes, pagamos com cada um 17,00 dólares. A moça da informação era *china* e o motorista da van também. Simples coincidência? Kkk.

No caminho de casa, uma constatação. San Francisco não é uma cidade arborizada. Ela é uma cidade literalmente dentro de uma floresta. Nossa casa fica exatamente no centro de San Francisco, esquina com o Golden Gate Park, um dos mais importantes da cidade. Gigante e lindo. Vendo no mapa, me teletransportei direto para NY, onde da última vez fiquei hospedada entre dois parques.

Fomos super bem recebidos pela nossa anfitriã, Mag. Ela é ótima. Adora conversar. Professora aposentada de 72 anos com corpo de 40 e cara de 58. Ex-professora de ginástica. Nosso quarto é uma *big* suíte. Lindo! Cama gostosa, decoração clássica e super privativo. Este luxo fica no 888 da 26 th Ave, próximo do Golden Park e de um ponto de ônibus. Inicialmente ela nos mostrou como utilizar e limpar o banheiro, nos apresentou a cozinha, todos os equipamentos e a logística das chaves. Nos deu de presente um cartão local para termos descontos no comércio e nos deu a dica do ônibus, coisa que a Lynn Alves já tinha nos alertado. Aqui em San Francisco não tem troco. A passagem custa 2,50 dólares. Se você colocar mais na máquina, ela não devolve o troco. Consciente disso, Mag já trocou dinheiro para nós. Muito fofa.

Quando vimos as fotos na sua sala, ela aproveitou e falou dos filhos, marido e netos. Por falar em filhos... quatro homens lindos com caras de árabes. Morenos altos, gatos. Como não lembrar das minhas maricotinhas... Depois saberei se tem alguém solteiro... kkk.

Depois de tudo isso, e como nada é perfeito, perguntamos sobre o wi-fi. Ela nos deu a

senha. Simplesmente enorme e não funcionava. Deixamos claro que precisávamos muito disso para nosso trabalho. Só hoje, dia 16, feriado aqui, descobrimos a senha. Por nossa conta. Tentativa e erro. Já 15 horas do horário local, fomos procurar um supermercado, café, algo para garantirmos um lanche mais tarde... Triste constatação. A região é super residencial e não tem nada, nada parecido por perto, que se pudesse alcançar a pé. Não podemos achar que tudo é como o nosso Leme... Então, vendo o mapa, já sacamos que estamos perto do Ocean Beach. Pegamos um *bus* e lá fomos nós. No ponto final, encontramos um supermercado para a felicidade do Marco. Enquanto eu queria ir ao Parque, o Marco queria supermercado. Mas ele tinha razão mesmo. Precisávamos garantir a comida da noite. O supermercado tinha de tudo, sobretudo aquelas coisas que americano adora. Comida pronta, bolos e biscoitos... Mas também muita coisa orgânica, frutos do mar incríveis. Convertendo, é tudo caro para nós. Moral da história, coisas para salada e sanduíche custaram 60,00 dólares. Com desconto do cartão da MAG, ficou em 54,00 dólares, ou seja, 160,00 reais da época. Já fizeram as contas de quanto gastamos por dia? Ainda sem programa cultural. Mas é isso, férias valem muito...

Como o supermercado fechava às 19 horas, resolvemos comprar primeiro e depois passear pelo calçadão. Ao chegar ao calçadão, uma surpresa: não tem nada além dos prédios e casas de três andares. Aqui não temos prédios enormes e nem arquitetura modernosa. Pessoas na praia em grupos fazendo fogueiras. Nada de agito e badalações... Gostamos, mas fomos embora. Afinal o frio já estava chegando... Ainda no supermercado... descobrimos os vinhos feitos pelo Coppola a 30,00 dólares em média e cartões para comprar artefatos culturais como Netflix, Apple, Amazon... Achei o máximo isso...

Fico por aqui... Depois tem mais. Aproveitando enquanto os *homeworks* não chegam... kkk.

[]s

Méa

16 de fevereiro de 2015

Depois de acordar de uma noite bem dormida, de uma cama fofa e macia, fomos preparar nosso café da manhã. Nossa anfitriã já estava em plena atividade física na sua sala privada de ginástica. Preparei um sanduíche de abacate com alface e salmão defumado, e tomamos com suco de frutas vermelhas. Tudo natureba e orgânico, comprados no dia anterior. Mag, nossa anfitriã, ficou impressionada com nosso café da manhã. O café da manhã aqui é simplesmente: cereal, leite e chá ou café. Ninguém merece...

Mag é muito simpática e adora conversar. Batemos muito papo, contei as descobertas do dia anterior e compartilhei com ela os planos para o dia de hoje. Ela nos deu dicas

preciosas, além de compartilharmos curiosidades culturais e dilemas cotidianos, a exemplo do desafio, hoje em dia, de pagar as contas básicas. Ficamos sabendo que ela paga 4 mil dólares de contas por mês. Cada parada com a Mag amplia um pouco mais meu repertório, sem contar que ela corrige legal minha pronúncia *baianesa*...

Hoje o programa inicial foi testar o endereço de nossa escola. Fui ao super Google e mapeei o caminho de *bus*. Daí fomos para o ponto que fica bem em frente à nossa casa. Nos deparamos com um dia lindo, céu azul, luz fabulosa, gente correndo e caminhando pelo parque. Vamos caminhando, se cansarmos pegamos o *bus*. Optamos em caminha pela calçada, lado oposto ao do parque. Sem palavras. Descobrir novas paisagens, vegetação em geral, flores e plantas nunca vistas. A arquitetura da cidade em geral é formada por casas de no máximo três andares, todas com garagem embaixo. Há um respeito na lógica de não verticalizar a cidade, há também diversidade estética, se repararmos bem. Isso só se faz caminhando mesmo pela cidade.

Ruas super limpas. Pelas fotos do álbum do segundo dia, vocês devem ter notado a diversidade toda. Essa delícia de passeio foi o suficiente para eu chegar a uma resposta para um dilema plantado em minha cabeça, principalmente por conta de uma fala da Lynn: “San Francisco é uma linda cidade, nada parecida com NY cheia de prédios altos; San Francisco é como o Rio: montanhas, verde e mar.” Realmente temos tudo isso aqui, e Lynn tem toda razão, mas não tem nada de Rio, apesar de ter realmente montanhas verdes, plantas, mar e lagoas... Desde a viagem do aeroporto até a nossa casa, fiquei reparando e tentando achar semelhanças e nada, nada me remetia ao Rio. Gente, o Rio é muito, muito mais bonito. Mas aqui não é o caso de fazer comparações elementares e sim de mapear semelhanças e diferenças. Afinal, as noções subsunçoras só emergem a partir da experiência. Então, vamos lá... continuemos a caminhada...

A vegetação é bem diferente. Daí é que eu saquei logo e fui tendo mais certeza à medida que fui adentrando a cidade a pé. Nós temos “floresta atlântica” com toda sua exuberância em flora e fauna. Nada se compara a isso. Sem contar com o desenho das montanhas e morros... E mais o borogodó do brasileiro com toda sua criatividade e esculhambação... kkk.

San Francisco é mais que uma cidade arborizada. Ela fica dentro de uma floresta. A relação das pessoas com as plantas é incrível. Todas as casas possuem jardins, de tamanhos variados. Por falar nisso, no final do dia, encontramos a banheira da nossa rica suíte cheia de vasos de flores. Duas hipóteses: 1 - Será que lá é mais gostoso para elas?; 2 - Será que a nossa anfitriã nos avisa que banho de banheira nem pensar? Kkk. A orientação aqui é: “Não demorem no banho.” Ela deve saber que nós brasileiros adoramos nos banhar... kkk.

Muitas casas possuem suas próprias árvores. Ao longo do caminho, além do limite do Golden Park, que é enorme, nos deparamos com vários outros parques, jardins e praças. Adoramos fotografar, e o passeio foi “sopa no mel” para nós. Que luz tem esta cidade...

Depois de três horas de caminhada, avistamos uma linda igreja, a primeira da viagem. Quem já viajou conosco sabe que Marco adora entrar em todas as igrejas. Quando vimos que a igreja tinha o nome do Santo Inácio, não deu outra. O ex-jesuíta não resistiu... kkk. Eu também gosto de entrar e apreciar a arquitetura, as obras de arte. Mas, no meu caso, fico sempre dividida. Nunca deixo de pensar no sangue derramado para garantir tanta beleza e até muita ostentação...

A igreja é linda e super bem cuidada. Não senti nenhum cheiro de mofo, comum em igrejas que ficam a maior parte tempo fechadas. Gostei especialmente da capela da Nossa Senhora. O mosaico em cor de ouro contrastava bem com a imagem de mármore. Os vitrais também eram lindos. Depois de curtir tudo aquilo e também agradecer a Nossa Senhora, voltamos para a pista e nos deparamos com a Universidade de San Francisco. A entrada estava aberta e avistamos logo o jardim central, lindíssimo, com plantas e um estupendo pinheiro. Não sei se a universidade é multicampi, mas notamos que a sede da Fulton Ave é enorme, com vários prédios. Chegamos até a virtualizar uns projetos... Será aqui o próximo ano sabático ou pós-doc? Lembrei também do Dilton, nosso aluno e orientando da Maria Luiza, que virá pra cá fazer sanduíche de doutorado.

Depois disso tudo e já avistando uma área mais comercial, entramos num supermercado. Obviamente, fomos logo mapear os vinhos da região. Nos deparamos com um frizer cheio de espumantes gelados e não resistimos: compramos um kit com quatro garrafinhas de um honesto *brut* californiano. Mas vamos tomar isso com o quê? Kkk. Fomos olhar as comidinhas. Gente eu sou baiana e fui criada com frutos do mar... não resisto a eles. Vi logo uns caranguejos enormes, lembrei das sapateiras de Portugal. Como eu queria ter uma cozinha só minha, para comprar aquilo tudo e fazer em casa... ahhhhh. Mas ficamos felizes com alguns grãos, sementes e frios. Compramos tudo e fomos brindar o amor e as férias numa praça ao lado... Este pequeno prazer nos custou 20,00 dólares, ou seja, 60,00 reais da época. Entre pombos e gente doida que passava e puxava papo, duas pessoas chamaram nossa atenção.

O primeiro foi um simpático segurança do supermercado, um negro enorme que sorria para nós com cara e aprovação pelo nosso programa. Estávamos mesmo felizes e enamorados... O segundo foi um loucão – branco, magérrimo, vestindo uma peruca muito estranha – que sorriu para nós com um sorriso amarelão. Puxou papo conosco e nós rimos muito com ele. Sem *alugar*, ele conversou muito conosco... Papo de gente doida, não sabíamos quem era mais louco... kkk. Mas já deu para perceber que o nosso amigo ali carregava toda história de sexo, drogas e rock da cidade...

Depois dessa parada estratégica e muito divertida, voltamos para a pista. Continuamos a caminhada... Avistamos, pelo menos, uns três templos de Testemunha de Jeová, além de várias igrejas católicas, batistas e metodistas. Será que é preciso ter isso tudo para “segurar a onda” da cidade? kkk. Lembramo-nos do recém-lançado filme *Grandes olhos*, de Tim Burton, e comentamos sobre uns dos papos do café da manhã com a Mag: o índice

de divórcios cresceu em mais de 60% nos EUA nos últimos anos. Uma das causas: as mulheres estão encontrando seus caminhos fora do casamento dependente dos maridos, tanto financeira quanto psicológica e existencialmente.

As pessoas vão se descobrindo, se abrindo para o mundo, permitindo e fazendo mediações... Algumas mediações libertam e outras aprisionam em outras lógicas, às vezes até mais perversas... Mas voltando ao filme *Grandes olhos*, a artista que foi roubada, pelo próprio marido, por anos, contou com o apoio de testemunhas de Jeová para se libertar do marido ladrão... Que coisa... Obviamente, ela já tinha dado o passo mais importante... Quem não viu o filme, eu mais que recomendo. O tema da autoria e da autorização (Ardoino) é o coração na narrativa cinematográfica.

Chegamos ao final da enorme, e rastreada por nós, Fulton Ave. E agora? Será que já estamos perto da nossa escola de inglês? Parada para consultar o Google. Mas, enquanto isso, avistamos o Ballet de San Francisco. Escândalo! Muita coisa, mas, para variar, a programação top praticamente parava em fevereiro. Isso sempre acontece conosco... Entrei para pedir informações e um simpático atendente me explicou tudo. Os preços variam de 40,00 a 100,00 dólares. Bem carinhos... como em todos os lugares. Lynn, você tem razão, mais uma vez. Este povo aqui é muito baiano... kkk. Misturado em simpatia. A moça responsável pela Ópera imprimiu para mim o mapa para me informar como chegar ao centro. Incrível.

Saindo do Ballet, nos deparamos com o Civic Center. Arquitetura europeia, jardim com árvores podadas, em memória dos heróis (deles é claro) da Primeira Guerra. Neste momento, sentimos que o oceano já estava próximo. A temperatura mudou absurdamente. Já eram 15 horas. Entramos no ônibus, não tanto por causa do cansaço – afinal, estávamos andando há seis horas –, mas mais por causa do frio. Ufa! Que gostoso, mais quentinho e ótimo descanso para nossos pés... Paramos quase na estação do Ferry; até a chegada, nos deparamos com uma outra cidade. Agora sim, cidade! Kkk. Região de prédios à moda dos grandes centros, todas as lojas, bancos, escritórios. Estávamos na região financeira da cidade. Nosso curso fica num dos complexos de negócios mais importantes de San Francisco, o Embarcadero Center.

Mas como ninguém é de ferro, vamos almoçar? Optamos por um *pub*. Agora é a vez das cervejas pretas com espuma macia. Depois de um bom brinde com meu amor, acompanhado de anéis de cebola, por sinal os melhores que já comi, pedi uma salada de camarão. Vamos comer salada! Marco pediu um clássico hambúrguer. Os pratos eram gigantes, se soubéssemos daria para compartilhar... Ficamos umas duas horas neste almoço. Pedimos a conta. Gastamos nessa farra 60,00 dólares, ou seja, 180,00 reais da época. Ainda não podemos fazer contas. Afinal estamos no segundo dia de 21... aff! Curtimos muito o lugar, a comida, o descanso e o povo. Como Marco tem ótimo ouvido, ele ficou incomodado com um garoto que gritava muito e com os sons RRRRRR dos americanos... Até agora nenhum brasileiro pelo nosso caminho. Que diferença de NY,

Londres, Paris, Lisboa, Amsterdã, Praga, cidades da Itália e tantas outras... kkk.

E agora voltamos para achar o curso de inglês. Já era noite, feriado... Mas deu tudo certo. Graças à simpatia do povo e sua presteza em ajudar o próximo, deu tudo certo para nós. Sem contar nossa cara de pau... kkk. Achamos a escola e o ponto de ônibus para voltar para nosso lar, doce lar... Voltamos para casa por volta das 22 horas, vibrando pelo nosso lindo dia in San Francisco... Nossa anfitriã já estava recolhida. Agora é hora de encarar o chuveiro... Ai que frio! Frio aqui é só à noite...

[]s

Méa

17 de fevereiro de 2015

O terceiro dia em San Francisco já começou diferente. Ai que frio! A noite foi gelada e o dia inteiro não foi diferente. Acordar e avistar o céu azul não foi possível. Aliás, o céu da manhã está da cor da noite. Dia ou noite? Noite ou dia? Minha única certeza era a madrugada. O curso de inglês, via carta oficial, nos avisou que deveríamos ser pontuais. Nada de atraso no primeiro dia. Senão perderíamos a possibilidade de fazer o curso de *storytelling*. No meu caso, essa possibilidade seria a minha chance de me livrar do básico *general English*. Acordei cedo, fiz o diário anterior, tomei um banho mais que rápido, acordei o Marco, e lá fomos nós ao encontro do já íntimo Muni 5 Fulton. Nesta manhã, nem vimos a Mag. Na verdade, acho que Mag agora, só no final de semana. Isso se não formos fazer o passeio nos vinhedos californianos...

Pontualmente no curso, nos deparamos com uma recepcionista mais que elétrica que nos recebeu com um simpático *kit* escolar e rapidamente nos encaminhou para a sala do teste. Como sempre e para não variar mesmo, lá fui eu fazer mais um teste de nivelamento para constatar o que eu já sabia: continuo, com muita sorte, no nível “intermediário”. A sensação é péssima. Afinal, esta é a terceira vez que eu uso minhas férias para estudar inglês e nunca mudo de nível... kkk. Na primeira vez, em 2011, viajei para NY com as amigas Elmara e Telma. Elmara já professora de inglês e Telma iniciante. Saíamos todos os dias da aula super empolgadas. Elmara com uma paciência de Jó comigo. Nosso almoço era sempre uma tagarelice só. Mas como Telma era quase zerada na língua, não tinha jeito, falávamos Português *all the time*. Mas isso não era problema. Afinal, a viagem não era para falar inglês e sim conhecer NY. Foram 17 dias fabulosos com essas queridas amigas. Desbravando NY... Inesquecível...

Na segunda vez, fui sozinha para NY e fiquei lá quatro semanas. Aproveitei minhas férias de 2013 e resolvi que estaria só. Nada de amigas, amor ou qualquer coisa que me tirasse do foco. Ao fazer o teste, novamente intermediária... kkk. Dessa vez não falei

português com amigas, mas gastei todas as minhas manhãs orientando alunos e corrigindo uma dissertação completa... aff! Agora, em San Francisco e com meu amor, aqui estou eu novamente gozando minhas férias e dando mais uma oportunidade para o meu nível intermediário. O teste é sempre o mesmo. Na primeira página, 15 questões de gramática à moda das pegadinhas dos vestibulares, ou seja, eu sei o que a frase significa e tenho de completar a frase com uma palavrinha no começo, no meio ou no final. Ninguém merece isso... kkk. O tempo gasto para fazer essa tarefa é exatamente para escolher o que “chutar”. Passando para a segunda parte do teste, me deparo com três microtextos para interpretar. Fiquei tão feliz com o primeiro. Era sobre a agenda de cinema da cidade. Li e respondi as questões toda feliz. Mas a felicidade durou pouco, antes de partir para o segundo texto, aparece a moça e toma tudo de mim... Como assim? Ainda faltam dois! Não se preocupe. Vamos agora para a sala ao lado...

Moral da história: não acabar tudo em quarenta minutos significa que você é mesmo “nível intermediário ou *low* intermediário”. Ser intermediário aqui já é lucro. Kkk. Bem, agora vamos para as informações importantes. Já conheço todas. Não faltar ao curso para não ficar ilegal nos EUA. Para este item nem ligo, afinal dessa vez faço um curso só de 20 horas semanais o que já é permitido com o rico visto de turista. Não chegar atrasado, mudança de residência só na sexta-feira, etc. etc. Depois de tanta falação, lá vou eu para o teste oral. A essa altura, o meu teste escrito já havia sido corrigido. Depois de uma rápida e tranquila conversa, o resultado: “nível intermediário”. A essa altura eu só queria saber se faria mesmo o tal curso desejado. Deu certo! Lá vou eu para a minha aula de *storytelling*...

Já na sala de aula, acompanho a turma numa correção de trabalhos do final de semana. O tema era Dia dos Namorados. Turminha gostosa e sem nenhum brasileiro, muitos asiáticos e umas moças sauditas. Por falar em sauditas, elas me adoram. Já estou melhor amiga de uma linda moça de olhos grandes e amendoados... Após a correção, a professora orienta a próxima atividade. O desafio era contar uma história conectando três temas: empresas, comidas e feriados. A história deveria ser contada via slides, texto, fotografia ou vídeo, e a apresentação no dia seguinte não poderia passar de cinco minutos. Sem mais nenhum detalhe, todos os alunos deixam a sala de aula convencional e passam para o laboratório de informática.

Gente, nessa parte eu me teletransportei para 1996, quando eu era professora de Informática Educativa em escolas de Salvador. Juro que foi uma viagem... Só que, no momento, eu não era a professora, eu era uma aluna de 10 ou 11 anos de idade. É assim que me sinto em meu processo de *literacy* na língua inglesa. Isso mexe comigo demais. Me desloca de um lugar de poder que eu tenho hoje. Afinal, sou uma professora doutora, de um programa de excelência no Brasil. Um dos poucos por sinal. Edméa Santos já é uma referência.

O curioso é que eu não vejo, com muita honestidade, a situação atual como menor. Até me divirto muito com isso. Mas é uma sensação de viver mesmo uma outra identidade,

num outro *espaçotempo*, numa outra e tão diferente rede educativa. Contar isso tudo agora para vocês é muito bom. Saudades da minha pequena. Nina Sofia hoje tem oportunidades tão diferentes das que tive na minha infância... isso me deixa feliz e ao mesmo tempo curiosa, curiosidade de pesquisadora que adoro ser. Por falar em Nina, ela aos 8 anos já usa com autoria dispositivos móveis, viaja pelo mundo e estuda inglês. Eu na idade dela nem tinha TV em cores, telefone fixo, e computador pessoal era algo ainda muito distante para mim...

Mas voltemos ao laboratório de informática... Chegando lá nos acomodamos individualmente em cada computador. Como eu fui a última a entrar na sala, fiquei com a máquina mais próxima da professora, que de vez em quando circulava pela sala. Daí abri o Power Point – que Nelson Pretto não veja isso – e comecei a fazer a minha tarefa. Inicialmente me perguntei: por que não usar algo da web 2.0? Tipo o popular Prezi ou alguma Wiki. Fui ao mais simples e exatamente ao *software* que eu utilizava coincidentemente com os meus alunos em 1996.

Abri a tela e comecei a escrever em inglês a minha história. Escrevi seis telas sobre a UERJ, minhas atividades, as comidas que gosto de preparar e o carnaval. Como não falar do carnaval? Estamos em pleno carnaval, feriado que eu mais amo, junto com as festas juninas. Adivinhem de que carnaval eu falei. Acertaram! Rio de Janeiro e Salvador, obviamente. Kkk.

Adorei escrever. Eu adoro escrever, falar... Mas em relação ao inglês, a habilidade da escrita é a minha pior. Não sei escrever coisas básicas em inglês. Me viro bem na leitura, mas escrever é complicado. Dessa vez me empolguei. Escrevi tudo e depois voltei para ilustrar. Kkk. Logo eu que defendo que imagens não devem ser apenas ilustrações. Na verdade, elas nunca são apenas ilustrações, mesmo quando inicialmente temos essa intenção. Imagens são narrativas autônomas, falam por si e contam histórias como nenhum outro recurso. Afinal, cada leitor vai sempre contar a sua história a partir das mesmas imagens. Onde buscá-las? Fui ao meu www.docenciaonline.pro.br buscar as minhas imagens pessoais ao site www.uerj.br para buscar as imagens da UERJ. Por último, recorri ao velho e bom Google para buscar imagens do carnaval e das comidas.

O encantamento com as imagens do carnaval me deslocou para diversos momentos da minha vida. Lembrei-me de Flavinha, minha amada irmã, no colo de painho e eu com mãinha de mãos dadas, indo juntos para o carnaval de bairro. Lembrei-me da minha amiga Cláudia, Bá, com sua mãe, Gleilda, que nos levava para o Campo Grande. Lembrei-me da minha carreira de folia de bloco de trio dos 14 aos 28 anos de idade. Lembrei-me das minhas duas únicas idas ao Sambódromo do Rio de Janeiro e do carnaval de Santa Teresa, também no Rio. Lembrei-me da saída do Ilê e da Mudança do Garcia. Mas me lembrei, sobretudo, do meu laboratório de informática em 1996. Lembrei exatamente quando eu explicava a tarefa e ficava circulando no laboratório para fazer mediações...

Fiz tudo aplicadamente e sentindo um prazer enorme. Me encantei com o editor

de texto fazendo as correções automáticas no meu texto. Estava aprendendo naquele momento, com aquela mediação do digital. Tudo isso é tão óbvio. Mas para mim, tão único e tão interessante. Cheguei a pensar: por que não ter um dispositivo todo em inglês para continuar no Brasil este exercício? Mas rapidamente pensei e já constatando a dificuldade que é conciliar tudo isso no Brasil, com tantas atividades que tenho e com a precariedade dos modelos de negócios dos cursos de inglês de lá. Tudo caro, pouco tempo e nenhuma imersão cultural.

Atividade concluída, lá vou eu mandar para o e-mail da professora, que solicitou que nomeássemos nossa *storytelling* com o nosso primeiro e último nome. Texto voando pelas nuvens e chegamos ao final do nosso primeiro dia de aula em San Francisco. Agora, vamos fazer turismo e navegar pela cidade.

O almoço foi incrível. Comemos comida mexicana. Tudo junto e misturado num enorme pão tipo árabe. A comida caiu super bem com a cervejinha aguada deles. Os caras são bons em destilados, mas, em relação a cerveja, deixam a desejar... Ainda com a cidade gelada e o céu cinza, fomos andar pela rua Market. Todos os caminhos nos levavam para a meca Apple Store... Por sinal, a Apple aqui de San Francisco fica muito perto de outras lojas que adoro, como: Desigual, Macy's, Disney, Forever 21 (por sinal, essa big loja da Forever 21 é num prédio que é um luxo de arquitetura; fiquei até com pena da subutilização). Como não comprar num lugar lindo e com belas coisas com preço relativamente bons? Mas, como nesta viagem nada é barato, já aceitei que não posso me empolgar. Por falar nisso, o almoço no mexicano nos custou 62,00 dólares, ou seja, 188,00 reais da época. Constatamos uma coisa importante já ventilada por nós, desde a primeira refeição no aeroporto: a comida é cara para nós, mas a bebida é muito mais. Então, menos bebida combinada com comida. Precisaremos acionar planos b, c, d...

Entramos no templo do Jobs e lá fomos nós ao encontro do iPhone 6 *plus*. Eu não estava nada desejosa, juro de verdade. Estava empolgada para que Marco adquirisse um. Afinal, ele sempre herda os meus iPhones e dessa vez sairia na frente com o objeto de desejo do momento. Na primeira demonstração, o encantamento já virava admiração profunda. A bateria agora dura muito mais, promessa de três dias. Mas as novidades estão mesmo nos recursos de imagem. Antes de clicar para capturar "o instante", é possível ajustar luz e contraste diretamente na tela, gravar sequências de fotos em segundos, ampliar panorâmicas, gravar vídeos com efeitos, enfim, muita qualidade e recursos. Tudo isso agregado ao excelente atendimento. Em San Francisco, a coisa é ainda mais séria. Todos os vendedores são tão competentes como nas demais capitais, mas aqui são descolados e super, mega descontraídos.

De repente o Marco começa a formular uns dilemas. Ele é ótimo, mas eu terei de andar sempre de bolsa. Eu gosto de ter meu celular no bolso e com fácil acesso. Que tal você ficar com ele e eu com o seu iPhone 5? Seu velho 4 ficará para a Nina, uma vez que o Theo acabou de comprar um 5C. Nina Sofia acaba de entrar na cadeia do consumo

da maçã. Mais uma vez eu lembrei dos velhos tempos... Meu primeiro celular tijolo foi comprado quando eu entrei na faculdade, via amiga muambeira, e eu tive que esperar 6 meses na fila de uma tal “habilitação”. Nem lembro exatamente quando eu tive meu primeiro iPhone, mas já faz tempo...

Não aceitei imediatamente esse presente do Marco, até porque eu adoro meu iPhone 5. Mas acabei aceitando... Então vamos que vamos. Aproveitamos a super conexão da loja e atualizamos a cópia de segurança nas nuvens e saímos de lá depois de 4 horas com o novo aparelho. Nossos novos aparelhos e nossas velhas e acumuladas informações. Eu com meu iPhone 6 *plus* com os dados do antigo 5, Marco com o 5 com os dados do seu 4s e o 4s limpinho para presentearmos nossa pequena.

Já está tarde e ainda mais frio, vamos agora entrar rapidamente na Forever 21 para uma circulada. Adorando o prédio e algumas bugigangas. Compramos coisas para Nina e Maria, e fomos direto procurar um lugar para jantar. Afinal, a essa altura Mag já estaria dormindo e nós não gostamos de incomodar. Comemos num chinês incrível cogumelos deliciosos e fomos ao encontro do nosso *bus* 5 Fulton. A parada no *china* nos custou 38,00, ou seja, 100,00 menos do que no almoço. A caminho do ponto de ônibus, vimos o centro mais pesado. Rodinha de drogados com seus cachimbos de craque e muita gente em estado deplorável. Mas não senti medo algum. As narrativas da Lynn mais uma vez me foram úteis. Eles realmente não incomodam ninguém e vivem no mundo deles. O cheiro de maconha no centro acontece em plena luz do dia. Pena que esse cheiro bom da natureza não nos remete ao que Gilberto Gil já disse: “Maconha é para sociedades felizes.” Não sinto isso por aqui, mas quem sabe eles não são mesmo felizes à sua moda... E, para citar mais um bom baiano, “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, não é, Caetano?

Ao entrar no ônibus, agora com nosso cartão *clipper* comprado na *drugstore*, que aqui é exatamente como em NY – tem de tudo, já percebemos a diferença. Muitos *homeless* e pessoas bêbadas e drogadas. Sentamos e fomos embora. Na metade do caminho, todos foram descendo e nós e outros gatos pingados continuamos nossa viagem em direção a Ocean Beach. Chegamos muito bem, depois de mais um bom dia em San Francisco... mas eu ainda terei de me acostumar com meu iPhone 6 *plus*. Que dilema... kkk.

[]s

Méa

18 de fevereiro de 2015

O que fazer na aposentadoria? Qual o sentido da vida na terceira idade? Como conviver com autoria, produtividade e alegria, quando os filhos, os netos e os amigos já estão navegando por outros mares ou até mesmo morando em outras dimensões? O que

acontece se nada disso for pré-requisito para ser feliz e garantir uma aposentadoria ativa e em boa companhia? Por que falar sobre isso agora em plenas férias? Afinal, como disse Adriana Bruno outro dia: “férias são para limparmos a cabeça”. Ah! E este é o diário das minhas merecidas férias de inverno...

Saímos da nossa suíte e encontramos a Mag, nossa anfitriã fazendo a sua ginástica básica. Ela sempre se exercita assistindo a filmes de faroeste – como ela curte isso, gente! Tenho reparado que ela vive diante da TV, seja no sofá, seja na bicicleta ergométrica. A vida dela é malhar, passar cremes e ver TV. Obviamente, essa é a parte da vida dela que conhecemos. Nada de julgamentos, só mesmo observação ligeira...

Aqui nos EUA há um canal específico para este gênero cinematográfico, o faroeste. Será isso um gênero? Seja o que for, esse tipo de narrativa em que os brancos americanos e mexicanos matam índios de “pele vermelha”, ai meus tempos de infância... Antes de ir para a escola, almoçava na companhia de Daniel Boone. Só pude neutralizar essas mensagens grotescas e de mau gosto muito mais tarde. Acho que no ensino médio e na faculdade, nas aulas de currículo, graças aos textos de Michel Apple e de Peter Maclaren. Por falar nesses craques, onde estarão? Será que estão aposentados e entregues à TV? Afinal, a moda agora é pós-estruturalismo e outros pós...

Aposentar-se é ficar entregue à TV? Como não pensar em painho, que até o final do ano deve se aposentar pela segunda vez. Olha a minha cabeça ficando cheia em plenas férias... Ele não tem outra atividade produtiva além do seu trabalho. Sem contar que a dona da casa é mãeinha... kkk. Dilema para resolvermos em família, quando estas férias acabarem. Em casa, painho fica entregue à TV, que por sinal já aumentou muito de tamanho. Uma beleza que me inspirou a trocar a minha também, por outra, registre-se, inteligente... Como a Mag, eu adoro fazer atividades diante da TV. Passar cremes também. A diferença é que ela malha na bicicleta e eu no computador, geralmente trabalhando ou criando umas loucuras, como este texto. Enquanto ela tem 70 anos de idade com corpo de 40, eu tenho 40 com corpo de... abafa!

Mais um dia frio. Saímos correndo para não chegarmos atrasados ao curso. Se chegarmos 15 minutos atrasados no primeiro horário (9 horas às 10h40), temos de matar tempo fora da sala, até a chegada do segundo horário (10h50 as 12h30). Viver isso aos 40 é algo que só pode ser encarado com muita diversão e bom humor. Rir de si mesmo faz bem. Nada de atraso, e muito menos café da manhã. Lá estou eu na minha segunda aula de *storytelling*. Rapidamente entendi que ali estava prestes a acontecer uma avaliação da aprendizagem do módulo. Nesta escola, os módulos do curso acontecem em quatro semanas. Estávamos na quarta semana de um bloco já iniciado. Moral da história: chego ao final de um módulo e só aproveitarei duas semanas iniciais do próximo módulo. Hora de começar a pensar nas próximas férias, no próximo pós-doc ou num ano sabático... kkk.

A professora sorteia a ordem das apresentações, e eu fico na última posição, ou seja, a décima a fazer minha apresentação. Os esperados cinco minutos solicitados não

foram respeitados e as apresentações variaram de cinco a 15 minutos. Resultado: eu e alguns coleguinhas só apresentaremos amanhã. Eu bem que estou empolgada e doida para me exibir e exibir meus carnavais do axé e do samba. Todos atentos e com posturas curiosas e respeitadas. Reparei que a *teacher* fazia anotações, registrando comentários sobre conteúdo, forma, desenvoltura com a língua e a linguagem.

A diversidade das histórias foi incrível, tanto em termos de conteúdo como de forma. Mas algo era comum: quase todos falaram sobre si, sobre seu país ou cultura, e alguns retrataram seus objetos de desejo e aspirações para o futuro. Além de apresentar sua *story*, cada estudante formulou duas questões para que os demais colegas respondessem acerca do que foi apresentado. Isso tudo foi conduzido com muito ludicidade. Como não lembrar da Cris d'Ávila? A professora perguntava ao final de cada apresentação o número de acertos de cada estudante, registrando no quadro como um *game*, descontraído os colegas nervosos. Como ainda temos medo, vergonha ou até mesmo problemas com a “autorização”!

Essa atividade avaliava a capacidade de entendimento e compreensão de toda turma a partir da apresentação do colega, considerando seu nível de inglês. Muito bom neste momento avaliar, ser avaliado e se autoavaliar. Com isso, o tempo voou. Saí dessa aula com o inglês no mesmo nível que entrei. Serei mesmo intermediária? Kkk. Não tenho certeza, pois perdi muitos detalhes e não consegui compreender mais da metade das questões formuladas pelos meus colegas. Entender o inglês intermediário de um colega asiático não é fácil. Penso que para eles o sentimento seja o mesmo diante do meu inglês apimentado pelo *baianês*.

A turma é uma beleza! Quanta gente linda, diversa, alegre e com repertórios culturais tão variados. O grupo é formado por professores, engenheiros, cozinheiros, administradores, artistas, médicos, estudantes. Como dizemos no Brasil, “o nível dessa turma é super alto”... Saí da aula com a certeza de ter ampliado um pouco mais o meu repertório cultural. Aprendi muito com histórias contadas sobre países da Ásia, Oriente Médio e América Latina. Para variar, a grande maioria é asiática. Tenho colegas da Coreia, Tailândia, China e Japão. Tenho duas colegas sauditas e mais alguns da Colômbia.

Por falar na Colômbia, as colegas de lá não nos pouparam. Resolveram falar sobre suas delícias culinárias praticamente na hora do almoço, bem no dia que saímos de casa sem café da manhã. Aprendi com elas que as comidas à base de milho são típicas e super valorizadas nas datas comemorativas. Lembrei-me da Jane, amiga que fiz em São Paulo na ocasião da minha pesquisa de mestrado... Além do milho e suas aplicações culinárias, me delicieei com a fartura de frutos do mar, bem parecida com a nossa, mas com preços bem mais acessíveis ao cidadão comum. Só poderei confirmar isso quando viajar para lá e conferir o que nos indica Maria Luiza com sua experiência em Cartagena das Índias... Pronto, me convenceram a incluir a Colômbia na minha lista de lugares a conhecer. Duas apresentações me encantaram: a primeira foi sobre os elefantes da Tailândia, a relação

do povo local com eles e os programas turísticos que vão desde passeios e brincadeiras, até o trabalho voluntário para cuidar e alimentar os bebês elefantes. A segunda foi sobre o casamento islâmico. Os noivos se conhecem ou são apresentados, depois os pais do casal negociam o contrato de casamento e organizam a festa. As imagens da festa revelam ostentação. Muita comida e luxo em tudo. A surpresa geral ocorre quando a colega revela que homens e mulheres comemoram separadamente. No final de tudo é que os noivos se encontram e têm alguma privacidade, ou seja, namorar só depois da festa. Sobre esse aspecto, as caras de estranhamento não negaram que vivemos em mundos realmente diferentes. Depois eu conto mais. Já estou ficando cansada... A riqueza de detalhes das apresentações em termos de imagens e narrativas foi surpreendente. Militamos todos por práticas de autoria por parte dos praticantes culturais. Ainda assim, nos surpreendemos sempre quando elas ocorrem. Aprendo muito sendo professora, pesquisadora e agora aluna num outro contexto e noutras condições. Sempre somos aprendentes com os cotidianos, *aprendendoensinando...*

Aula concluída, vamos para a segunda parte das férias: bater perna pela cidade. Neste terceiro dia útil em San Francisco decidimos explorar o entorno do curso, saindo da parte baixa do comércio para o centro. Agora não mais em busca de um brinquedinho com a marca da maçã, mas deixando a cidade se revelar também como centro financeiro e comercial. Vamos dar a esta cidade a chance de se mostrar, mesmo quando o céu nublado e o frio insistem em nos desafiar.

Caminhamos em direção à estação de trem para encontramos um lugar para almoçar. Afinal, caminhar por pelo menos umas oito horas requer, antes de tudo, bateria carregada. A escolha dessa vez foi por um restaurante francês. Como este povo consegue fazer bem e com estilo até franquias de comida rápida e barata. Optamos por um *combo* de sopa com salada e pão francês. Como caiu bem essa comidinha quente e fresca! Comemos bem e pagamos o almoço mais barato até ali. Pagamos 15,00 dólares por dois *combos* e uma água mineral, algo em torno de 45,00 reais na época.

De volta à rua, já havíamos mapeado o caminho para o Chinatown. Mas resolvemos esperar um dia mais quentinho para desfrutarmos esse importante bairro de San Francisco. Então, vamos ao projeto inicial: do “DT para MT” a pé e com muita energia e amor para aquecer o dia frio. Durante o caminho, muitas pessoas correndo de um lado para outro e nas direções mais variadas como nunca vi, nem em Nova York... Gente comendo em restaurantes, de pé em frente aos *food cars* que ficam estacionados nas calçadas, nas praças públicas e muito mais gente comendo em acelerada circulação. Que gente é essa? São pessoas misturadas, pouco ou totalmente índias, negras, asiáticas, de pele branca...

O clássico WASP – branco, americano, anglo-saxão – parece não ser maioria por aqui. A região financeira e o centro da cidade não são áreas limpas. Esta cidade é muito misturada mesmo, o que faz diferença sobretudo na qualidade de vida de quem é local. Em contrapartida, a quantidade de pessoas em situação de rua é enorme, como nos alertou

a Lynn. Muita gente sozinha, em grupo, com cachorros. Ser melhor amigo do homem é entrar em cada roubada, não é Rex? Só me lembro da Maira com sua sensibilidade para a natureza e os animais em geral, principalmente os cachorros.

Como um passe de mágica e muito por acaso, pois nem recorremos a mapa, nos deparamos com a Union Square. Que felicidade! Afinal, já sabemos onde fica a praça que será ponto de encontro para nossa viagem a Los Angeles no dia 27 de fevereiro e, quem sabe, Napa, no próximo final de semana. Por falar na viagem para Los Angeles, descobri hoje que ela envolve três dias e duas noites na região de LA e não é uma atividade acadêmica, ou seja, uma extensão das aulas de inglês. O que acontece é que a escola tem uma parceria com uma empresa de turismo que trabalha com clientes de escolas de inglês.

Enfim, nem tudo é perfeito... Por sinal, não tinha turma para o nível do Marco também. Mas, sedutor como sempre, ele já arrumou um jeito de ter aulas particulares com uma linda professora que neste momento estuda espanhol. Já falei com ele para ele estudar inglês e não ficar ensinando espanhol para a professora. Considerando que ele é interativo, fará “participação/intervenção”, “bidirecionalidade/hibridação”, “potencialidade/permutabilidade”... É uma troca de apps danada! Ele já mostrou para ela sua *best* AccuRadio e ela a gameficação do ensino de inglês, com o Duolingo. Hummm... kkk. Estou super feliz com tudo isso, afinal quero que ele tome gosto pela língua inglesa...

Voltando para a Union Square, nos deparamos com lindos prédios ao nosso redor, um jardim bem simpático e uma praça cheia de pintores e artesãos. Agora nada de fotos. Por falar em fotos, não fiz o álbum de hoje. Apenas postei uma foto no Instagram. Vejam lá... Não senti vontade de fotografar nada. Luz péssima, frio na canela. Além disso, é proibido fotografar no centro da Union Square. Os “Picassos” daqui não permitem registros de seus trabalhos. OK, respeitemos...

Paramos para tomar um delicioso café e repor as energias. Aliás, estamos tomando café em diferentes lugares e franquias. Claro que uma parada na Starbucks é obrigatória, o que sempre nos leva pelo menos uns 6,00 dólares, ou seja, 18,00 reais. Após a recarga com cafeína e atualização das conexões com o ciberespaço, visitamos várias lojas no entorno. Aqui temos duas enormes lojas da Macy’s, uma só para *men*. Vários andares e quase nada com bons preços e nada de liquidações. Assim, foi na H&M também. Acabei, para variar, comprando muitas coisinhas para Nina. Mas não posso reclamar, pelo menos não agora, talvez depois que a conta do cartão de crédito chegar. Fiz um estrago na Desigual. Mais uma vez constato: a Desigual nos EUA é bem melhor que na própria Europa em termos de descontos. Já tinha notado isso em NY, nas minhas três únicas idas à Big Apple, e ano passado, vivendo e circulando pela Europa, pude confirmar o que era só uma desconfiança. Garimpei umas coisas ótimas. Ai meus sais e meu cartão de crédito...

Muito rápido, o tempo passa e o dia acaba. A noite já se adianta muito e o centro já começa a ficar muito esquisito. Como disse antes, sem medos. Mas com muita pena das pessoas. Gente ralada, algumas machucadas, tentando ganhar o pão com um bатуque

num balde, outro loucão tocando sua guitarra escalavrada, outros delirando total... Enfim, tudo junto e misturado diante de megamecas do consumo ocidental.

Onde será o jantar? Acabou sendo num Tai. Eu num velho e bom pato com arroz e verdinhos e Marco numa enorme e picante sopa de *noodles* com *seafood*. Os restaurantes asiáticos nos salvam. Além de adorarmos sua comida, eles são bem baratos. O jantar completo com uma bebida custou 20,00 dólares, ou seja 60,00. No Tai estamos no perfil de professores da UERJ. Não podemos comer aqui pagando mais caro do que pagamos no Planeta. Não é mesmo, Conceição? Só lembro de nós duas em Régua-PT. Ah! E professor da UERJ nem pode comer no Planeta todo dia. É caro para nós. Temos de variar com cantinas e nos a quilos pelos andares. O bandeijão até que é bom, mas as filas inviabilizam a coisa...

Na volta para casa, equipados com nosso rico Clipper, lá vamos nós para a rua Market esperar nosso certo *bus* 5 Fulton, sabendo que a Mag já estará nos braços de Morfeu e nós ainda teremos de encerrar frio. Tirar a roupa e tomar banho ...

[]s

Méa

MOVIMENTO A - QUEM VIVEU ALGUMAS CIDADES, TEM HISTÓRIAS EM FORMA DE DICAS... PORTO, BRAGA E LISBOA PRA VOCÊ

De agosto de 2013 a agosto de 2014, morei em Portugal. Lá fui professora visitante na UAB de Portugal em Lisboa. Produzi muito academicamente. Partilhei saberes e aprendi bastante. Rastro dessa produção pode ser encontrados em meu Currículo Lattes e no meu site/acervo: www.edmeasantos.pro.br. Aqui, nesta parte 3, preparei um mini-guia pra você. Na verdade, preparei este guia originalmente para minha amiga Máira, que foi a Portugal participar de um congresso, aproveitando suas ricas férias.

A partir daí este guia circulou bastante entre amigos, amigos de amigos. Mas não o recebi de volta com outras contribuições. Espero que você possa aproveitar e que posso cocriar comigo, me apresentando outros lugares fruto do seu caminhar. Aqui temos um guia descolado, próprio para que gosta de “turistar”. Tem de dicas urbanas, artísticas e compras. Deixo claro que não recebo financiamento das instituições comerciais listadas aqui. São mesmo dicas de que viveu ou passou por estas cidades. Começo pelo Porto, passando por Braga e voltando por Lisboa. Mas você faz seu roteiro. Poderia incluir aqui, mais Portugal. Mas ficaremos com estas três cidades para começar. Aproveite. Revendo o roteiro agora, fui capaz até de sentir cheiros e reviver os sabores de Portugal. Espero voltar muitas vezes e caminhar muito por este país que eu amo.

1 - PORTO

Chegando pelo Porto a primeira coisa é comprar um cartão do Metro. Lá não se fala Metrô. Compre um cartão para dois dias, custa uns 6,00 euros. Assim, será possível circular livremente e pagando pouco. O metro do Porto é de superfície, o que já é duplamente vantajoso. Você circula rápido, barato e conhece a cidade. Valide o cartão ao entrar na estação e não dentro do vagão. Não esqueça de validar, pois no Porto tem sempre os fiscais que te pedem o cartão. A multa é de 100 euros, caso seu cartão não esteja ok.

Do aeroporto já entre no metro e vá para seu hotel. Para dois dias de Porto, sugiro os seguintes programas:

Primeiro dia...

1 – Comece logo pela Ribeira. Tem várias formas de passear por este lugar mágico. Me sinto em casa. O universo do meu axé todo se concentra lá. A Ribeira é um mix Salvador/Rio de Janeiro com algo novo que é o próprio Porto, com seu céu azul e as águas do Douro. Se você fizer a Ribeira por baixo, ou seja, caminhando pelo Rio Douro, vale a pena ir caminhando pela orla em direção à ponte. Paradinhas para conhecer cardápios, artesanatos, conversar com as pessoas. Tome vinho verde gelado, coma frutos do mar.

Sardinhas, polvo lagareiro, bacalhau...Caminhe em direção a ponte. Existem várias pontes ao longo do Douro. Falo da Ponte principal que liga Ribeira (Porto) a Gaia (outro município). Caminhe pela ponte atravessando da Ribeira para Gaia. Tem passarela para pedestre.

2 - Do lado oposto a Ribeira, temos Gaia, você poderá fazer um passeio de barco. Imperdível. Compre o ticket com uma moça ou rapaz (lindos) que se ventem de marinheiros. Eles ficam na calçada e te levam direto ao barco. Custa uns 12,00 euros. O passeio inclui passeio pelo Douro, passando pelas pontes até o encontro do Douro com o Oceano Atlântico, 2 ou 3 visitas a Caves do vinho do Porto. Nestas visitas você conhece um pouco da história e degusta o vinho. Todas as lojas de vinhos ficam em Gaia. Então caminhe pela orla da Gaia e conheça as lojas e as novidades dos produtores de comidinhas, artesanatos....

3- Ainda na parte de Gaia, ande de teleférico. Assim você terá a visão da orla por cima. Lindo! Custa 7,00 euros. Imperdível. O teleférico na volta, deixará você na parte de cima da ponte. Então, volte para o Porto a pé. Tem ponte de pedestre. Assim, você dividirá a ponte com o Metro. Na parte de baixo, o pedestre divide a ponte com os carros. Mas cada um tem seu lugar garantido... A pé caminhe até a catedral da Sé e já faça uma visita...

Sobre teleférico: <http://gaiacablecar.com/>

Segundo dia...

Centro histórico...

1 - Uma boa opção é pagar 12,00 euros e fazer o passeio no ônibus turístico. Pegue o mapa e vá descendo e conhecendo os lugares, volte ao ônibus...Fiz isso uma vez e gostei. Outra opção, é pegar o mapa no centro de informações turísticas. Pegue seu cartão de metro e vá até os lugares. Nos mapas do Porto você tem o caminho da cidade e a imagem dos pontos turísticos...

Alguns pontos:

- **Museu da fotografia** – muito bacana, tem uma história incrível e um acervo bem histórico de Portugal. <http://www.cpf.pt/>
- **Livraria Lello** – famosa por sua arquitetura. Toda em madeira. A livraria é linda, mas resiste com acervo modesto. Achei caída na última vez que fui lá ... mas vale a pena conhecer. Lá vende sabonetes “Confiança”. Os primeiros de Portugal. São deliciosos. Além dos sabonetes curta também as colônias... http://pt.wikipedia.org/wiki/Livraria_Lello_e_Irm%C3%A3o
- **Confeitaria Majestic** – Um espécie de “Colombo” carioca. Muito bonita. Coma o espagete mediterrâneo com camarão gigante. Massa preta. Não é caro. O vinho pode ser branco ou rose. Delícia. <http://www.cafemajestic.com/pt/Utilidades/Homepage.aspx>

Entre nas estações de Trem. Nas igrejas. Cada igreja é um Museu. Curta os azulejos...
<http://www.cp.pt/cp/displayPage.do?vgnextoid=87cbd5abe2a74010VgnVCM1000007b01a8c0RCRD>

http://www.cp.pt/cp/displayPage.do?vg_nexto_id=87_cbd5abe_2a7401_0VgnVCM1000007b01a8c0_R_CRD

Aproveite e veja o comboio para Braga. Bem pertinho...

Terceiro dia...

Palácio de Cristal – este lugar é imperdível. São muitos jardins. Caminhar, caminhar. Passeio para quem gosta de caminhar com e imerso na natureza. Vale a pena descer até o Museu. Lá tem uma casa completa do século XVIII. Atenção para sala de jantar e o espaço das crianças. Fiquei impressionada com o espaço das crianças, ali temos o mapa de como eram apartadas dos adultos e entregue aos serviços de terceiros. A visita é guiada e o guia é ótimo. Do Palácio de Cristal temos uma linda visão para a Ribeira, Douro e Gaia... Este palácio é uma casa de show, concertos, exposições artísticas. Veja programação e curta a noite. http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardins_do_Pal%C3%A1cio_de_Cristal

Quarto dia...

Se tiver mais um dia, vale a pena acordar bem cedo. Tipo 7 da manhã e ir de Trem, aliás comboio, até a cidade de Régua. A Estação é a Campanhã. A viagem é ótima. Custa uns 7,00 euros. Maravilha conhecer as vinhas. Em Régua, pegue o trenzinho turístico. Custa 5,00. A visita é uma delícia, pois passa por dentro das vinhas. No final tem para parada numa cooperativa. Veja o vídeo que conta a história do vinho do Porto e compre coisas orgânicas (azeite, mel, vinho do Porto). O vinho é da região da Régua. No Porto é só realizado o engarrafamento e o armazenado. O vinho vai de Régua para o Porto de barril.... Este passeio é ótimo, pois ajuda a completar a quebra-cabeça que começa a ser montado no passeio de barco pelo Douro, lá do primeiro dia....

http://www.cp.pt/cp/displayPage.do?vgne_xtoid=87_cbd5abe2a74010VgnVCM1000007b01a8c0RCRD

Ainda em Régua, aproveite e visite o Museu do Douro. <http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-museu-do-douro-20926>

Quinto dia

Compras... Gosto do centro. Desça no Metro Trindade. A rua Santa Catarina é ótima para garimpar. Tem FENAC (comprar tecnologia), Blanco (Acessórios).

Noite no Porto

Não tenho muitas dicas. Mas gosto muito da Casa da Música. Basta ir para Estação de metrô Casa da Música. Veja a programação. Tem música clássica, balé e um restaurante bacana. O restaurante vira boate. Gostei muito quando fui. Além disso, tem um terraço bem legal. A comida não é barata, mas é só escolher bem no cardápio. <http://www.casadamusica>.

com/

Veja a programação do “Coliseu”. Casa de espetáculos super bacana. Tem em Lisboa também. Shows em geral, peças de teatro. Vale a pena conhecer. <http://www.coliseudoporto.pt/>

Dicas:

Chame taxi. Pegue no hotel um cartão, dica do hotel e chame o taxi. Não chame os motoristas de “moços”. “Moços” em Portugal é palavrão.

2 - EM BRAGA

Ao chegar na Estação de Comboio pegue um taxi até o seu hotel. Bem no centro de Braga, logo na esquina é a entrada da rua onde costumo ficar, você tem o “Café a Brasileira”. Eu particularmente não gosto das comidinhas do Café. Mas sentar lá para tomar um vinho e petiscar é bom. Em Portugal peça “vinho fresco” no balde. Se ainda tiver calor... Ficar sentada na porta, vendo o povo passar é delícia... Braga para mim é bater perna pelo centro.

Ande tudo, entre nas lojinhas, cafés, igrejas...

<https://www.youtube.com/watch?v=IHn6CXG9Ofk> Neste vídeo, vi imagens da noitada. Não conheço a parte onde vão os jovens. Como a cidade é universitária, se jogue...

Lugares que adoro:

Centro de Braga

1 – Jardim Santa Bárbara. Este jardim é lindo. Super bem cuidado. Flores lindas, mini-labirintos. Tem construção medieval de um Castelo antigo. Tem rede wi-fi na praça, então tire uma foto linda e poste no seu Instagram para nós. http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim_de_Santa_B%C3%A1rbara

2 – Visitar a Catedral da Sé. Ande por todo o complexo. Fotografe cada cantinho. Passe pela entrada e pelo Portal (<http://www.igogo.pt/arco-da-porta-nova-2/>). http://www.se-braga.pt/tesouro_museu.php

3 – Em Braga tem a tradição das joias de filigranas. Pelo que andei vendo, em Braga é o lugar mais barato. Garimpe uma bem linda e se presenteie... Há tempos ganhei uma do amigo Bento Silva, ela é tão linda, que fico com medo de usar aqui no Rio de Janeiro. Preciso usá-la...

4 – https://www.google.com.br/search?q=joias+de+filigrana+Braga&client=firefox-a&hs=7LI&rls=org.mozilla:pt-BR:official&channel=sb&tbo=u&source=universal&sa=X&ei=xI8TVLqXKsSOyASuILCgDw&ved=0CB4QsAQ&biw=1280&bih=647#facrc=_&imgdii=_&imgrc=ajEzWye5eWgGuM%253A%3BBBS4CTGvS0fe8RM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.shoppinglovers.net%2520Ffotos%2520

252Fprodutos%252Fp brf1253d_0_14371688355346c29 35fa67.p ng %3Bhttp%
253A%252F%252Fwww.shoppinglovers.net%252Fpt%252Fcatalogo%252Faccessori
os-de-mod a%252Fjoias %252Fbrincos%252Fbelov e-filigrana-rainha-prata-dourado
%252F%3B358%3B360

Miradouro de São Bento

Este lugar é incrível. O miradouro mostra uma vista panorâmica da cidade. Tem igrejas, hotéis e restaurantes. O restaurante é gostoso e tem um menu do dia que vale a pena. Ande no teleférico. Este é um lugar de muita natureza e arte.

Na universidade do Minho

Coma sempre no restaurante panorâmico. A comida é ótima. O menu acompanha entradas, pratos quentes, sobremesas e ótimo vinho. Eles servem vinho Alvarinho. Um alvarinho especial que não achamos no supermercado. Custa uns 8,00 euros o menu completo. No almoço, aproveite para encontrar as pessoas e fazer novas amizades.

Nas cantinas, se quiser café peça “um longo”. Se você não falar nada vem uma borrinha no fundo da xícara. A cerveja é “um imperial”. Nas cantinas eles servem almoço barato por uns 4 euros...

Castelo de Guimarães

Caso você consiga escapar um pouco de Braga, busque em alguma agência de turismo um passeio para a cidade de Guimarães. Vá e conheça o Castelo. Foi lá que Portugal começou. A cidade é lindinha e se almoçar, como cordeiro. Não é longe de Braga e se tiver oportunidade, vale muito a pena. De repente você aluga um carro com um grupo e vai de carro.

3 - LISBOA

De Braga para Lisboa, vá de Comboio Alfa Pendular. Este é mais caro, mas é rápido, confortável, tem bar e internet. Compre lugar com mesa de 4 cadeiras. Peça um lugar de frente. Andar de constas por 4 horas é duro... Eu não gosto. Se você voltar com amigos é ótimo para bater papo. Em Lisboa tem duas Estações de paragem. A primeira “Estação Oriente” (Parque das Nações) e a segunda é “Santa Apolônia”. Pare em Santa Apolônia que fica bem no Centro de Lisboa. Lá tem ponto de taxi que te leva direto para o hotel. Mas você pode ir de Metro também. Tem uma Estação lá. Na verdade, as Estações são híbridas...

Considerando sua chegada em Lisboa no sábado à noite...

Noites de Lisboa. Só coisa boa...

Deixe suas malas no Hotel e se arrume linda para a noite. Opções:

Bairro Alto

Se quiser logo entrar no clima de Lisboa, vá para o Bairro Alto. Lá é uma espécie de Pelourinho... Ruas estreitas, cheias de ladeiras, muitos bares e restaurantes... Uma fartura. O mais incrível é o povo na rua. Pessoas ficam literalmente na rua conversando, bebendo. Lugar de muita gente jovem, bonita e diversa... Pode andar à vontade pelas ruas. É seguro. Tem muito taxi em pontos estratégicos.

Comece por aqui...

Lostin – super recomendo. Para pôr do sol e começo da noite, super recomendo o Lostin. Eu adoro este lugar. A decoração é linda, a comida é de chef e a loja de roupas indianas é um luxo. Eu adoro, não deixe de visitar e comprar.

<https://www.facebook.com/lostin.esplanada>

Bares para visitar: **Pavilhão Chinês**. Este bar é incrível. Tem uma coleção de objetos e brinquedos. Muito bacana. Sem sinuca, mesas para grupos, bancas em American bar. Bem variado. Depois...Ande pela rua, passe pela Praça do Príncipe Real (Nina brincou muito nesta Praça. Em frente tem um lugar incrível, mini shopping chamado Embaixada. Vale a pena ir na Embaixada no horário comercial. Lá você encontrará um universo de arte, designer jovem e arejado.

<http://www.yelp.com.br/biz/pavilh%C3%A3o-chin%C3%AAs-lisboa-3>

Baixa Chiado

Ainda no centro, tem também o Baixa Chiado. Como diz o nome fica na parte baixa do Centro. Lisboa é ladeira... Não deixe de visitar o bar “**Pensão do Amor**”. Muito giro. Bom para dançar, bebericar, paquerar. Este bar tem uma conexão com uma rua onde você poderá circular e ir trocando de bar até a madrugada. Bem legal... Prepare-se para lavar o cabelo antes de dormir. O povo fuma loucamente... Terás que encarar...

<https://www.facebook.com/pensaoamor>

Perto do Castelo de São Jorge

Por outras bandas...

Eu adoro o **Chapitô**. Durante o dia é uma escola de arte, teatro, circo. A noite é um descolado lugar de muito bom gosto. Veja site: <http://chapito.org/?s=page&p=38>

Se quiser focar num só lugar é aqui. Tem vários ambientes. Restaurantes, pista de dança com DJ ótimo para dançar. Dancei muito ali. Tem um bar de serve GINtônica muito bom. Tomar e dança muito... Mas se quiser só jantar, também é bom.

Alfama

Recomendo o **Fado Vadio da Tasca do Chico**. Cuidado com os assédios e promoções mirabolantes pelas ruas. As ofertas são muitas. Mas a Tasca do Chico é nativa. Tens que chegar as 20:00 h. Tem poucas mesas e fica cheio logo. É muito legal. O fado vadio é não ter cantor ou cantoras fixos. Os cantores, entram cantam e saem. Cantam 3 ou 4 músicas e param. Daí você conversa, come, bebe...Quando eles cantam, ninguém conversa. É muito bacana. O Marco adora. Recomendo o vinho branco de pressão. Adorei! O bacalhau de lá é bom. Gosto também da morcela, amo este prato e lá é o lugar para come-lo.

Alfama em geral é a região dos fados. Vale a pena, durante o dia visitar o **Museu do Fado** e andar pelas ruas. Quase moramos neste bairro...

Mouraria

Esta região é muito rica em bares e espaços culturais. Tem muitos ambientes temáticos com cultura Africana e Lisboa. Mas não recomendo ir sozinha ou na primeira noite. É preciso ter mais ambientação...

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mouraria>

Para o domingo

Logo pela manhã...

Castelo de São Jorge. Vá de taxi. Deixe para andar depois...Leve sua carteira de estudante ou docente que consegues descontos. Deve custar uns 12 euros. No Castelo é andar tudo e fotografar bastante. A vista para Lisboa é de tirar o fôlego. Lisboa é linda... Salvador com Rio Antigo...

** Não deixe de visitar a Câmara Clara. Tem entrada a cada meia hora. Vale a pena esperar. Observe a tecnologia, fotografe e aproveite... Sempre que vou lá, entro sempre e a cada ida, descubro uma coisa nova, seja da técnica, da história...

Saindo do Castelo de São Jorge, desça a rua a pé. Passe pelo mirante, Catedral da Sé. Em frente a Sé, tem vários restaurantes. Todos são ótimos. Almoce um arroz de mariscos...Hummm.

A tarde no domingo

Se tiver energia, sugiro que vá para a região de Belém. Aqui não tem Metrô. Tem auto-

carro (bus). Vá de taxi. Vá comer um pastel de Belém no lugar original. Pastel de Belém só em Belém. Os outros todos são pastéis de “natas”. Nesta região você pode visitar:

Mosteiro São Jerônimos. Linda arquitetura. Se não puder entrar (pelo cansaço) já vale a pena curtir o seu jardim.

<http://www.mosteirojeronimos.pt/pt/index.php?s=white&pid=168&identificador=>

Em frente ao mosteiro tem o **CCB**. Não se assuste com a arquitetura moderna e quadrada. Este lugar é um grande centro artístico e cultural. Tem museu de arte moderna, teatros, livraria (por sinal, vi muita coisa boa de fotografia por lá). Vale a pena passear por lá.

<http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/Pages/default.aspx>

Visite a Torre de Belém. Ponto turístico famoso que fica nesta região. <http://www.torrebelem.pt/pt/index.php>

Para acabar o dia... Tem sempre **jazz no jardim** no final de tarde de verão. Muito lindo!

Segunda-feira

Ande pela Av da Liberdade da Praça Marquês de Pombal até a Praça do Comércio. “Sebo nas canelas”, filtro e chapéu se for verão. Fiz isso com todo mundo que visitou Lisboa. Quase todo mundo reclama, mas se você gosta de andar vai se enamorar por Lisboa... Ande pelo centro da Av. E vá mudando de lado, deixando seu olho te levar... Lá não é só o lugar das lojas. Tem muitos teatros, restaurantes.

Passarás pela Praça do Marquês, Restauradores, Rossio, Rua Augusta. Tudo reto e em frente...

A Rua Augusta é linda. Ao final você passará pelo Portal. Vale a pena subir. Ande pela Praça do Comercio e molhe seu pé no TEJO. Tome um vinho verde para se refrescar... E se no caminho entrar algo assim: “Temos caracóis!”, peça uma porção e tome com um belo imperial...

Após esta longa caminhada, ainda na Praça do Comércio, pegue um elétrico e faça o passeio da linha completo. Assim, você descansa da caminhada e conhece o lugar. No elétrico (bonde) fique esperta. Tem carteirista...

Procure a linha que passe na Praça Camões na Baixa Chiado. Em frente a estação do Metro, tem o Café a Brasileira. Vale a pena descansar e tomar um super café.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Caf%C3%A9_A_Brasileira_%28Lisboa%29

O café a Brasileira fica no topo de uma ladeira. Pode ir descendo em direção ao Mercado do Chiado... <https://www.facebook.com/armazenschiado>

Visite a livraria . Fica quase em frente a Brasileira. É a livraria mais antiga de Portugal. Visite a loja antiga e quase original... Vc terá outras sedes... mas são comerciais... Visite esta. http://pt.wikipedia.org/wiki/Livraria_Bertrand_do_Chiado

Ela é linda , todo de madeira.

Descendo a Ladeira...

No Mercado do Chiado você encontrará:

FNAC – tecnologia - <http://www.fnac.pt>

CALCEDONEA - meias e calças lindas (inverno) - <http://www.calzedonia.it/pt/>

KIKO – cosméticos - <http://www.kikocosmetics.pt/>

H&M – roupas e acessórios - <http://www.hm.com/pt/>

PARFOIR – acessórios e bolsas - <http://www.parfois.com/index.php?pais=pt>

** você encontra estas lojas em toda Europa. Já garimpe em Braga e no Porto...

Tome o melhor sorvete de Lisboa bem em frente ao Mercado. No verão tem fila. Até eu me rendo as vezes...

Vá descendo até o Rossio e pegue o metro para seu hotel... Voltarás cansada, com comprinhas e super apaixonada por Lisboa...

Ah! Se tiver fôlego, volte a pé. Sairás na Av. Da Liberdade....kkkkkkk. Acho que depois das comprinhas, terá que ser taxi mesmo...kkkkk

Noite de Segunda...

Recomendo um cinema no Cine São Jorge. As sessões lá começam as 17:30 e acabam a meia noite. Tem um café simpático, gente descolada, mas fumadora.... Tem ponto de taxi na porta... Super seguro.

Na mesma aérea tem também a **Cinemateca** que tem um belo Bistrô.... <http://www.cinemateca.pt/>

Se preferir um shopping, recomendo o Amoreiras. Tem umas salas vips de Cinema Francês e lojas bem elegantes. Fica bem perto da Praça do Marquês. Só subir uma ladeira...

Dia para o Parque das Nações. Rio Tejo parte Nova da Cidade...

Todos os programas ficam ao lado um do outro.

Metro linha Vermelha, Estação Oriente. A Estação é dentro da Orla do Tejo. Saída pelo **Shopping Vasco da Gama**. Tem um designer interessante das Caravelas. As Torres são residenciais. O shopping é fraco. Na verdade, os nossos são melhores...

Caminhar pela orla...Belas fotos... Tem muito pólen de flores da primavera ...Leve soro...

Oceanário de Lisboa. Imperdível! Oceanário dividido por Oceanos. Maravilhoso! Entrada vale cada centavo, 15,00 euros. <http://www.oceanario.pt/>

Teatro Camões. Ver programação para a noite. O Balé local é bem honesto. <http://www.cnb.pt/>

Teleférico. Passeio muito bacana, por cima do Tejo. Se o dia estiver lindo, belas fotos. É barato. 7,00 euros.

Dicas para saídas rápidas e de Metro

Shopping Colombo – maior e com mais lojas. Linha azul, estação Colégio Militar. Atenção para loja PriMark. Se tiver tempo veja um filme 3d. Melhor 3d que já vi na vida. Sala é perfeita. <http://www.colombo.pt/>

El Corte Inglés – Galerias de grandes marcas, cinemas, farmácia onde você encontra tudo e ainda ganha brindes. Linha Azul, estação São Sebastião. Tem opção de filmes de arte e comerciais também. Boa praça de alimentação. Compre frutas no supermercado e vá ao cinema. As frutas já são higienizadas. Eu sempre comprava tamarindo. Tamarindos da Tailândia, menos azedos que os nossas. Uma delicia... <http://www.elcorteingles.pt/>

Fundação Gulbenkian – Linha Azul, estação São Sebastião. Mesma do El Corte Inglês. Mas tem que andar um pouco. Vale um taxi... Aqui é o máximo. Veja a programação. Tem eventos científicos, artísticos, um museu e jardins lindos.

<http://www.gulbenkian.pt/Institucional/pt/Homepage>

Museu de Arte Antiga – Fica mais perto de Belém. Tem que ir de taxi. Museu fabuloso de Arte Sacra e Jóias. <http://www.museudearteantiga.pt/>

Museu do Designer – Fica no Centro perto da Rua Augusta. Linha Azul, Estação Baixa Chiado. Saída pela Rua do Crucifixo. <http://www.mude.pt/>

Museu de Ciências e História natural e Jardim Botânico. O Museu é fraco, mas o

Jardim Botânico é lindinho. Ficam no Bairro Alto em Frete a UAB Palácio. Linha Amarelo, Estação Rato. <http://www.visitlisboa.com/Conteudos/Entidades/Museus/MUSEU-DE-CIENCIA.aspx>

Jardim Zoológico – vale o teleférico que circula todo o Jardim por cima. Muito bacana. Mas eu adorei mesmo foi o show dos golfinhos. Nunca achei que fosse gostar disso. Amei! <http://www.zoo.pt/site/index.php>

Para terça ou sábado...

Lisboa tem que ter Feira da Ladra. Uma feira maravilhosa de antiguidades. Bom para garimpar obras de arte, loiças, roupas, livros, discos, luminárias ... Super organizada. http://pt.wikipedia.org/wiki/Feira_da_Ladra

Comece pela entrada da rua onde fica “A voz do Operário”. Entre pelo portal da Catedral. Por sinal, os concertos lá na Catedral são fantásticos e grátis. Se tiver sorte, entre e aproveite! O órgão é o melhor de Lisboa.

Entre e vá garimpando a feira. Programa maravilhoso para interagir com os Lisboetas “malucos belezas”. Histórias e narrativas incríveis...

Entre no Mercado de Santa Clara. Tem sempre algumas exposições e um restaurante ótimo. Todos que trabalham lá fazem parte de uma comunidade de voluntários. A comida do Alexandre é de comer rezando. Ele é de Cabo verde. Veja a programação dos jantares shows. Muita África neste lugar.

Continuando a caminha e descendo mais, encontrarás uma feira mais desorganizada. Por outro lado, encontrarás pérolas da África, como tecidos, objetos em geral. Aproveite e visite o Panteão de Lisboa. Lá estão enterrados os famosos de Portugal, como por exemplo a Amália Rodrigues. A arquitetura é ótima. Descendo mais, sairás na Estação de Santa Apolónia. Mas tem taxi fácil também.... http://pt.wikipedia.org/wiki/Pante%C3%A3o_Nacional

Bem, tem muito mais... Mas você descobre e depois me conta com o seu próprio roteiro. Caminhe e registre seus caminharés!

Vamos ampliar este guia!!!

[]s Méa

Da casa de Léo...

MOVIMENTO L - DA CABEÇA AOS PÉS: O CAMINHAR COMO DISPOSITIVO DES-ARTICULADOR

Com a postura sentada pretende-se acalmar o animal inquieto e criativo, um verdadeiro vulcão pronto para entrar em erupção a qualquer momento. Com a ação de sentar acredita-se ter domado o corpo e civilizado o homem. Parece que tudo no mundo moderno (e nesse “tudo” se incluem principalmente todos os meios de comunicação mais sofisticados) gira em torno de uma cadeira, um banco (de sentar), uma banqueta. Sentar-se tornou-se sinônimo de conforto. E a tecnologia contemporânea investiu todas as suas fichas em aparelhos que são operados por pessoas sentadas” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 18).

A pedagogia moderna e sua obsessão cognitivista foi a responsável por nos acomodar a certos movimentos do corpo e a expurgar outros, fenômeno chamado por Foucault (1987) de docilização disciplinar do corpo, concebida por Sloterdijk (2000) como domesticação do humano. Além de uma pedagogização do conhecimento (VARELA, 1995), estamos de modo mais amplo numa leiturização do conhecimento e do mundo da vida. Nesse processo anátomo-político¹, a pedagogia moderna colocou as mãos a serviço da cabeça e a concebeu como sinônimo de civilidade, porque condição necessária a experiência eleita a mais legítima e formativa: a do leitor/a². Para Bosi (2017, p. 8): “parece ser próprio do animal simbólico valer-se de uma só parte do seu organismo para exercer funções diversíssimas. A mão sirva de exemplo”. As mãos articuladas à cabeça são as responsáveis pelo avanço dos processos de simbolização, segundo essa visão cognitivista. Seu desenvolvimento faz com que a aprendizagem seja pensada prioritariamente em termos mentais. O que

1. É o fenômeno em que vemos o corpo se desenhar enquanto arquitetura política privilegiada. Alvo de saberes e poderes que vão tentar conformá-lo e os seus movimentos. Como Foucault (1987) já mostrou, vários espaços são mobilizados neste processo. O corpo é disciplinado de modos análogos na fábrica, na casa, na escola, na caserna, no exército, nos hospitais, nas prisões, etc. A disciplina pressupõe a mobilização de dispositivos que têm por fito o corpo e seus movimentos. Toda vez que a disciplina está operante é dos movimentos dos viventes que se encarrega.

2. Não queremos de modo nenhum afirmar que a leitura não é importante, ela é. Porém, ela não pode mais ser percebida como a tradução por excelência do conhecimento. O conhecimento é muito mais plural, complexo e múltiplo do que a leitura, ainda mais um tipo de leitura que se acomodou aos arcanos do instituído, do consagrado pela ordem dominante. Transgredi-la é liberar a criatividade para os diversos modos de experimentação com mundo e vida. Aqui também cabeas experimentações com as leituras.

tem de crescer é a mente. Nesse movimento, quais os lugares conferidos aos pés? Eles não são considerados condição distintiva que levaria os humanos a se sentirem eleitos e especiais, portanto, é colocado como condição menor, subalterna que o iguala a vários outros viventes.

Os pés também nos aproximam dos seres rastejantes, do solo. O desleixo que muitas vezes apresentamos com o solo é semelhante ao descaso com os pés. As mãos representam a civilidade e os pés são responsáveis pelos movimentos necessários — desde que a pessoa saiba para onde vai e o que está fazendo. Ou seja, os pés têm de ser codificados pelos signos das mãos em sua união com a cabeça. Quem diria que a pedagogização do conhecimento criou uma disposição corporal geral, reforçada e propagada pelos modos usuais de se pensar e fazer currículos, que cria uma disposição geral do corpo, através do qual os movimentos são determinados pelo controle realizado pela parceria mãos-cabeça, em que os pés são colocados a serviço das “boas ações”, ou melhor, das condutas tidas como civilizadas. Questionar tal enquadramento do corpo passa, necessariamente, pela crítica ao processo de modernização e, portanto, nos leva a pensar na decolonização do conhecimento. Quando Viveiros de Castro (2001) afirma “somos todos indígenas”, está emitindo um alerta de que podemos habitar outros corpos, outras formas de ser e estabelecer relações com: conhecimento e mundo da vida.



F Imagem 1 - Entre o solo e os pés

Fonte: Van Gogh Museum, Amsterdam (Vincent van Gogh Foundation)

A pintura de Van Gogh, de 1886, expondo calçados de um modo um pouco desleixado, já foi bastante analisada. Porém, o que nunca foi dito é que ela busca valorizar os pés. São justamente eles que são desvalorizados no processo de modernização já analisado. Aliás, os estabelecimentos de ensino parecem ter verdadeira aversão aos pés. Geralmente, o processo educativo ocorre na sala de aula, onde o corpo quase sempre se encontra sentado, e não se tolera os movimentos e a mobilidade dos pés. Os únicos

movimentos permitidos são os das mãos, que estão conectadas à cabeça, no intuito de se aperfeiçoar e desenvolver a maquinaria da escrita. Esse modo de proceder facilmente se esquece que “foi no chão que aprendemos a escrever, riscando, rasgando o solo com um objeto pontiagudo qualquer” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 39).

Um exemplo do controle e da fiscalização que se tem de exercer sobre os pés é o fato deles só serem permitidos no âmbito doméstico, e em outros poucos lugares específicos. Alguém que é visto perambulando descalço pelas ruas logo é colocado sob suspeita e tido como vagabundo. Um caso interessante e emblemático é a ida à praia. Quando estamos indo à praia geralmente fazemos o trajeto calçado e vestido como “pede as circunstâncias”. Geralmente, só retiramos o calçado quando chegamos na areia. É como se a areia suspendesse a costumeira e cotidiana vigília que paira sobre os pés propiciando seu desnudamento. Ocorre que o afastamento prolongado da faixa de areia criará novamente a “necessidade” de colocarmos o calçado. É como se a visibilidade excessiva dos pés ofendesse os padrões reinantes dos códigos de civilidade. A exposição extensiva de sua nudez ofende e provoca os passantes. Pés demasiadamente expostos pode ser traduzido como transgressão e resistência aos comportamentos característicos do estilo de vida modernizador. Esse tipo de anátomo-política foi preparado durante milênios como nos mostra Ingold (2017, p. 72):

A ideia de que a locomoção bípede libera as mãos, e, além disso, de que a mão livre dota os seres humanos de uma superioridade intelectual sobre todas as outras criaturas, pode ser rastreada até a Antiguidade Clássica. Ela pode ser encontrada nos escritos de Xenofonte, Aristóteles, Vitruvius e Gregório de Nissa, e já era comum entre os naturalistas do século XVIII e início do século XIX. [...] Para Darwin, então, a descendência do homem *na* natureza também foi uma ascendência *para fora* dela, na medida em que progressivamente liberou os poderes do intelecto de seus embasamentos corporais no mundo material. A evolução humana foi retratada como a ascensão e finalmente o triunfo da cabeça sobre os calcanhares” (INGOLD, 2017, p. 72; *grifos do autor*).

O autor retrata bem o que chamou de ascensão da cabeça sobre os pés. Só não explicita que toda uma pedagogia anátomo-político é forjada no processo, criando repartições, alianças e o esquadrinhamento do corpo, ligando-o à hermenêutica que identifica suas partes com os códigos característicos da modernização ou o aburguesamento dos estilos de vida. As mãos conectadas à cabeça são ligadas ao intelecto, e percebidas como tecido constituidor de cultura. Os pés atrelados ao solo são colocados sob suspeita e associados à natureza, mais do que a cultura. O calçado é o verniz que o adorna, no intuito de apagar os rastros da natureza, isolando-o do contado direto com o solo. Porém, “caminhar é complexo e rico, ter sapatos em vez de caminhar é pobre e simplificador” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 133). Ainda seguindo as pistas deixadas por Ingold (2017, p. 72-73):

Isto imediatamente nos permite compreender as observações de Darwin a respeito da significância relativa das mãos e dos pés. Diferentemente do quadrúpede, com quatro pés plantados solidamente no chão da natureza, o bípede é apoiado apenas por dois, enquanto os braços e as mãos, liberados de suas funções anteriores de apoio e locomoção, tornam-se capazes de responder ao apelo da razão.

Calçar os pés é uma forma de controle. Esse tipo de anátomo-política foi construído durante milênios. “Os sapatos passam a ter outra função, distinta da proteção dos pés que caminham” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 133). Darwin também estava refém da hermenêutica do mundo e da vida. Apesar de ser compreendido como um especialista que colocou a natureza em mais alta conta e o ser humano em seu verdadeiro lugar, ele também pode ser interpretado como alguém que conseguiu estender com sucesso o modelo de leiturização ao chamado reino da natureza; e, ao fazê-lo, não ameaçou o lugar de destaque e de domínio que, geralmente, se atribui ao humano.

A academia costuma tratar o conhecimento de modo muito cognitivista, associando-o, apressadamente, à busca pelos significados ou a algum tipo de conduta intencional. Esta última noção, além de ser tributária do cognitivismo, é a responsável por ligá-lo ao tema da instrumentalidade, porque, sob sua seara, as ações são colocadas numa teleologia funcionalista, como as das estratégias, que as arrastam e as conectam a uma finalidade (sempre pré-estabelecida). Desse modo, as estratégias podem ser codificadas e lidas a partir da sua relação com o instituído, o dado, o previsto, o esperado. A conduta intencional é uma ação docilizada, porque demasiadamente amparada ao que se espera dela. Ela foi domada pelas expectativas e anseios previamente postos como finalidades, antes que a própria ação ocorresse. Da ação, a ciência espera extrair os códigos, os significados e eliminar sua singularidade e as opacidades e mistérios de sua trama. Inspirados nas argumentações de Ingold (2015b) e Doll JR (1997) podemos dizer que o processo não é levado em conta, porque se determina, de antemão, através de planejamentos engessados, os passos a serem dados, por isso “definimos o bom ensino (resultando numa boa aprendizagem) como a transferência do conhecimento – geralmente na forma de trabalhos nobres e procedimentos aceitos pela tradição ocidental, humanista” (DOLL JR, 1997, p. 74).

Uma das explicações para tal fenômeno é a não problematização ou o silenciamento relacionado a importante relação entre academia e a tradição da linguagem escrita. Os livros sempre consistiram no modelo ideal da comunidade dos acadêmicos. É por isso que Sloterdijk (2000) pôde dizer que o humanismo está todo ancorado no modelo burguês da comunidade de leitores. E Serres (2017) pôde lamentar o reinado absoluto das humanidades nas ciências contemporâneas, ao afirmar que o diálogo com as coisas foi limitado e empobrecido pelo predomínio das imagens do mundo, tornado palco exclusivo dos humanos. Foi por causa dessa relação que Sloterdijk (2000, p. 13) pôde associar esse modo de vida com o mundo burguês, porque para ele

o humanismo burguês, substancialmente, não foi mais que o pleno poder de impingir os clássicos à mocidade e reivindicar o valor universal das leituras nacionais. Nesse sentido, as próprias nações burguesas seriam até certo grau produtos literários e postais – ficções de uma predestinada amizade com compatriotas distantes e leitores congregados pelo puro e simples fascínio do conjunto de seus próprios autores.

A ambiência das humanidades — composta a partir da cultura dos letrados literatos — influenciou na constituição da concepção de humanidade. Por extensão, podemos afirmar que as ciências da natureza também foram fundadas a partir da operatividade desse princípio antropocêntrico. É muito comum nos esquecer disso, porém, difundir o argumento oposto ou não problematizar essa aliança nos estudos e pesquisas em educação.

As pistas deixadas por Sloterdijk (2000) permitem entender que o humanismo começou em uma pequena comunidade de leitores burgueses e se espalhou pela Europa a partir da cultura de valorização e difusão do livro, em que a criação da imprensa teve um papel fundamental; e, depois, tentou se impor em todo mundo através do processo de colonização. A cosmologia humanista sempre esteve comprometida com a imposição do domínio do grupo de letrados e leitores e seus códigos e estilos de vida característicos. Não podemos aceitar a desvalorização das ciências humanas. Como diz Serres (2017) — e como Descartes nos pediu —, tornamo-nos senhores e possuidores da natureza. Este programa traçou o caminho do progresso. O resultado desse projeto é que cada vez mais as coisas do mundo passaram a “depende de nós”, ou seja, nos comportamos como se o mundo concreto tivesse sido feito por nós. “Confiamos numa velha política cuja característica essencial define-se por esse jogo a dois: mão a mão, humano contra humano. Ela foi um dia chamada de dialética e chegou a ser considerada o motor da história” (SERRES, 2017, p. 50).

Sloterdijk (2000, p. 14-15) afirma: “a era do humanismo moderno como modelo de escola e de formação terminou, porque não se sustenta mais a ilusão de que grandes estruturas políticas e econômicas possam ser organizadas segundo o amigável modelo da sociedade literária”. A constatação do autor nos permite dizer que o humanismo constituído por esse tipo de educação terminou, porque está embasado no modelo burguês da comunidade de leitores. Já Serres (2017, p. 50), com seu apelo ao diálogo e interação entre ciências naturais e humanas, aponta a emergência do contrato e do direito naturais, porque “o ar, ausente dessas negociações, ou antes pretexto para elas, não para de ser poluído, o mar se esvazia de vida, as espécies morrem...”, desse modo:

Quem defenderá os peixes, mudos em seu túmulo d'água, mas que alimentam um quarto dos pobres? O ar e a água, sem boca nem língua, quem vai falar em seu nome? Quem representará a terra e o fogo, as abelhas e as plantas por elas polinizadas? (SERRES, 2017, p. 50).

Eis o verdadeiro golpe contra o narcisismo humano, desferido na chamada era do antropoceno. A crise ecológica que se impõe é uma realidade inconteste como mostram os últimos relatórios escritos por especialistas de diversas áreas. Nenhum especialista responsável e respeitável é mais capaz de assumir que não estamos diante de uma crise ecológica, com desdobramentos em várias ordens (STENGERS, 2015). Fiquemos com o apelo e alerta de Serres:

O jogo a dois que apaixonou as multidões, opondo apenas seres humanos, o Senhor e o

Escravo, a esquerda contra a direita, os republicanos contra os democratas, determinada ideologia contra outra qualquer, os verdes contra os azuis [...], desaparece em parte a partir do momento em que interfere esse terceiro. E que terceiro! O próprio Mundo. Aqui, a areia movediça; amanhã, o clima. A água, o ar, o fogo, a terra, flora e fauna, o conjunto das espécies vivas... esse país arcaico e novo, inerte e vivo, que mais adiante chamo de Biogeia. Fim dos jogos a dois; início de um jogo a três. Eis o estado global contemporâneo (SERRES, 2017, p. 49).

A intromissão do terceiro excluído (a terra), a que regressa, segundo já dei a entender, quase não é problematizado nos estudos do currículo. Somente a subárea da educação ambiental ocupa-se de tal constatação. É como se a iminente catástrofe ambiental só ameaçasse a alguns. Nada mais errado: se é verdade que não podemos apontar que uma crise é pior do que a outra, podemos dizer, sem receio, que estamos diante da crise mais ampla e catastrófica, jamais vivida pelo projeto de humanidade que detalhamos acima. Estamos diante de uma crise que nivela todos os humanos, porque a espécie encontra-se ameaçada e essa ameaça se estende a milhões de outras espécies. Estamos diante de uma das questões curriculares e ecológicas mais graves da história humana — mas ainda incipiente nos estudos e pesquisas em educação — e a urgência de discuti-la não pode ser apenas resolvida com diálogo. Temos de ter em vista a assertiva de Stengers (2015): a intrusa não nos ouve, não escuta nosso apelo. Os encantos “mágicos” e sedutores dos códigos da linguagem não levam à salvação. O currículo não pode mais ser traduzido como o reflexo da comunidade ideal de leitores, nem de falantes. Não pode mais se envolver em princípio purista e asséptico e querer tratar apenas dos humanos. Se o humano nunca foi puro, seu composto é um misto de constituições variadas, muitas delas nos remetendo a muitos outros seres e reinos. O princípio da simetria (LATOURET, 1994) pode nos ajudar a criar horizontes narrativos mais justos e conhecimentos mais plurais e condizentes com o composto processo de formação dos humanos.

CLIVAGENS NAS PEDAGOGIAS DAS MÃOS

As mãos são privilegiadas nos estabelecimentos de ensino, afinal escreve-se com elas. Já temos numerosos estudos que mostram a primazia e valorização da escrita na educação ocidentalizada, em detrimento e subordinação dos códigos da oralidade. Como já assinalei, a pedagogia de valorização das mãos é dependente da modernização do mundo e dos estilos de vida que decorrem deste processo. Mesmo aí, porém, não podemos tomar a valorização das mãos de modo universal e homogêneo. As mãos são recortadas e hierarquizadas pela hermenêutica da comunidade de leitores. Não por acaso, mãos lisas estão associadas a pessoas de classes sociais mais abastadas e aos profissionais liberais, que trabalham mais com o intelecto. Já as mãos calejadas e grossas são associadas as pessoas das classes populares, que se ocupam dos trabalhos manuais. A distinção de trabalho manual e trabalho intelectual também deixa marcas nas mãos e as reparte

hierarquicamente. Os calos nos dedos podem ser sinal de marcas nas próprias expectativas criadas pelo processo civilizador e pelo seu conseqüente humanismo burguês. Os corpos e as mãos dos camponeses não representam o ideal deste processo. Eles são invocados e valorizados pela arte, através da imaginação do implícito que se esconde nas botas de Van Gogh (ver imagem 1), afinal podemos insinuar que se trata de botas utilizadas para a lida no campo, por camponeses.

Nesse sentido, a arte se apresenta como espaço de resistência, a partir do momento em que é capaz de mostrar e mobilizar a potência daquilo que se quer excluir. Arte como impressão implícita dos pés, buscando inclusive novas articulações com as mãos. Tal articulação pode ser invocada a partir de outro quadro de Van Gogh (ver imagem 2), os comedores de batatas.



Imagem 2

Fonte: Van Gogh Museum, Amsterdam (Vincent van Gogh Foundation)

Diante disso, marca-se que a aliança entre cabeça, mãos e escrita, pode funcionar como maquinaria de guerra contra os pés e o corpo que se coloca em movimento. Para ser escolarizado/a, transformado/a em aluno/a há que aprender a se sedentarizar, a silenciar os movimentos do corpo, especialmente, os movimentos característicos aos pés, ou, de modo mais geral, os movimentos provenientes das partes baixas do corpo.

Quem diria que aprender a escrever possui implicações com o caminhar? Um exemplo pode ser ilustrado pelos vários estereótipos e preconceitos que ainda estão presentes nos cotidianos das escolas e dizem respeito ao modo como os/as alunos/as estudiosos/as no geral são percebidos/as, como péssimos/as praticantes de esportes, ou seja, como pessoas que não possuem habilidade corporal desenvolvida. O oposto geralmente é dito aos estudantes praticantes assíduos de esporte. Quem nunca ouviu a expressão: “treina tanto o corpo e os músculos, mas o cérebro...”. Esta disposição tende a persistir, afinal de contas costuma-se conceber à formação de modo fragmentado e dicotômico, como

se fosse possível existir um praticante que se exercita e não pensa, ou, uma pessoa que pensa e não se envolve em práticas. Para acabar com tal visão limitada e maniqueísta temos de assumir que todo praticante também é pensante, e vice-versa. Aliás, o exercício conecta e comporta os mais variados tipos de treino, sejam os considerados mentais ou os corporais e musculares. O corpo em exercício é um corpo que se equipa e está aprendendo a desenvolver-se tanto física quanto mentalmente. Por trás de todo exercício há a operação simultânea de uma física e de uma matemática. Elas não precisam ser compreendidas como opostas, mas como complementares. Física que se opera através de forças que incidem diretamente no corpo, e numa matemática que opera através de programas e lógicas operatórias que se transforma em *habitus*. Processo complementar de forças físicas e imperatórias que se impõe e se agregam ajudando a formar o corpo com órgãos.

O caráter indissociável entre pensamento e prática que o exercício mobiliza pode ser bem demonstrado através da prática meditativa. O foco na atenção incentivado por tal prática faz com que não haja possibilidade de cisão entre os movimentos de corpo. Todos são igualmente importantes e necessário. O corpo aprende através de uma inteireza que lhe é constitutiva. Tal prática é bem diferente dos exercícios mobilizados pela arquitetura da escola moderna, como já vimos, com foco nos movimentos aéreos. Numa prática meditativa, por exemplo, uma das preocupações é estar com o corpo descansado, preparado e bem posicionado, corpo-atento.

Dispor mãos e cabeças através de uma articulação que compõe o dispositivo humanista, a partir de sua herança na cultura renascentista, é também apontar como a educação ajudou a compor e reforçar um modelo de cultivo eurocêntrico. Afinal, os indígenas ao serem ensinados a partir do dispositivo mãos-cabeça passam a ter seus corpos invadidos por empreendimentos de uma tecnologia que lhes era estranha.

Esta disposição articulada mão-cabeça é uma das principais tecnologias do processo civilizador que Elias (1994) compreende como controle das emoções e do corpo. O corpo forjado através do privilégio deste dispositivo é um corpo que se coloca na condição de corpo educado, em oposição a um corpo rude, ou seja, corpos que possuem às mãos voltadas para outros instrumentos. Através desta imagem, não é difícil compreender o processo de escolarização como a tentativa mais sistemática em impor o dispositivo articular mão-cabeça, criando disposições orientadas e disciplinadas de corpos cultivados segundo os padrões eurocêntricos de educação.

Neste sentido, decolonizar o currículo, é se abrir para outros dispositivos, outras configurações e experiências que não se deixam reduzir ao “princípio cartesiano do ser humano-cabeça”. Esta expressão evidenciada está equivocada porque atribui a Descartes a famosa separação entre corpo e mente, e porque aponta que ela ocorreu ao tentar separar a cabeça do resto do corpo. Todas as duas respostas estão parcialmente erradas. Primeiro, a imposição de tal dispositivo articular não começou com Descartes, mas pode

ser remontada à atmosfera da cultura renascentista e sua ênfase na valorização do classicismo. Porém, não devemos nos esquecer que tal aparelhagem já era preparada pela cultura cristã, bem como já tinha sido cultivada pelas pessoas cultas da Grécia e Roma antigas. O segundo diz respeito à cabeça, afinal ela não fora desarticulada de todo o corpo, ela fora unida às mãos, com o objetivo de transformar-se na maquinaria responsável por impulsionar a cultura letrada.

A difusão da cultura letrada precisou da aliança entre as mãos e a cabeça. Pensando de modo mais amplo, cabeça, mãos e cultura letrada formam um triedro que consistiu em um dos principais dispositivos de constituição do *ethos* do civilizado. Não é preciso dizer que esta articulação fora imposta em grande parte do globo através dos processos de colonização. O corpo que se impôs foi uma maquinaria de guerra articulada através do triedro já citado. Mãos, cabeça e caneta representam a aparelhagem que o *ethos* civilizador elegeu como o dispositivo mágico capaz de constituir currículos e criar processos de aprendizagens institucionalizadas que nos levaria a uma espécie de mundo perfeito. Mãos, cabeça e caneta ligam-se a processo de salvação que colocam a educação e a religião no início daquela. Laicizar a educação foi apenas um nome que os homens cultos modernos inventaram para tentar separar a institucionalização do ensino da instituição religiosa. Trata-se mais da luta pelo domínio, pelo controle dos grupos que “reinarão” sob o novo território criado, do que das tentativas de se operar um processo de escrutínio e problematização da educação de cunho civilizador, afinal “na raiz de todo dispositivo está, deste modo, um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo, numa esfera separada, constituem a potência específica do dispositivo” (AGAMBEN, 2009, p. 44). Se não fosse isso, o quadriedro mãos, cabeça, caneta e salvação não seria tão valorizado, compreendido mesmo como a experiência por excelência, aquela que se encontra no topo, capaz de operar a tradução de todas as outras. Isso explica o trânsito intenso entre o *ethos* civilizado e o *ethos* das pessoas cultas. Porque,

pode-se definir religião, nessa perspectiva, como aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas do uso comum e as transfere a urna esfera separada. Não só não há religião sem separação, mas toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso. O dispositivo que realiza e regula a separação é o sacrifício: por meio de uma série de rituais minuciosos, diversos segundo a variedade das culturas, que Hubert e Mauss pacientemente inventariaram, o sacrifício sanciona em cada caso a passagem de alguma coisa do profano para o sagrado, da esfera humana à divina. Mas aquilo que foi ritualmente separado pode ser restituído pelo rito à esfera profana (AGAMBEN, 2009, 45).

Neste sentido, ser salvo pela escrita significa tornar-se civilizado, ou seja, habilidoso na articulação que une as mãos e a cabeça com o simbolismo que lhe é característico e que ajudou a forjar todo o humanismo dominante até hoje. Como vimos em Sloterdijk (2000), tal humanismo é representativo de uma minoria. Se durante muito tempo, os cultos foram compreendidos como os capazes de dizer melhor do que os outros as experiências que eles mesmos passam, o que eles mesmos são ou deixam de ser, não podemos mais nos

contentar com os limites de tal humanismo. Abri-lo é desarticular o referido triedro a partir das experiências dos diversos grupos e povos que foram/são excluídos. É aprender com elas outros modos de experimentar e outros estilos de vida, passando para articulações de novas relações com os corpos. Desse modo, segundo Agamben (2009, p. 44), as táticas e estratégias que devemos “adotar no nosso corpo a corpo com os dispositivos não pode ser simples, já que se trata de liberar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum”. Para o autor, tornar comum se faz a partir do dispositivo da profanação, sobretudo porque é ela “que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido” (AGAMBEN, 2009, p. 45).

Considerando que diante da artimanha (da imposição do dispositivo articulador mãos-cabeça) criada pelos rituais de obediência aos discursos e práticas consagradas à elite quis universalizá-la, a partir da imposição do dispositivo articular assinado, as escolas enquanto locais de resistência devem des-consagrar as racionalidades forjadas através deste processo, e a partir daí, todo conhecimento que se coloca como verdade de manutenção do *status quo* de uma minoria. Inspirado nos escritos de Benjamin (1987), Agamben (2007) desenvolve sua própria noção de profanação. Acreditamos que tal noção consiste num potente recurso heurístico, com forte reverberação prática, para se compreender e trabalhar a formação, pensando-a de modo mais abrangente e através dos fenômenos mais realçados ao campo da educação.

A relação da mão que escreve na lousa pode ser ilustrativa acerca das potencialidades na mudança da perspectiva dicotômica centrada na relação sujeito-objeto para uma perspectiva centrada no processo. Quando é a própria atividade do escrever que está em foco, buscam-se elementos que ajudam a formar e compor os ambientes. Quando a escrita é realizada num suporte que se encontra mais em paralelo com o corpo de quem escreve, como a lousa, percebemos que se trata de atividade qualitativamente diferente de uma escrita que ocorre num caderno. “A lousa que abre o mundo para os alunos, e os alunos que literalmente sentam perto dela. Ou o professor que, com sua voz, gestos e presença, invoca algo do mundo na sala de aula” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 38-39). A atenção é diferenciada, os movimentos mobilizados e requeridos são outros. Trata-se de habilidades similares, mas diferentes. Todo o ambiente tem de ser levado em questão, tudo que o compõe é passível de consideração.

Quando a ênfase recai no processo, compreende-se e entra em cena uma série de elementos que ficariam de fora da narrativa caso estivéssemos enviesando a atenção com o foco territorializado e estabilizador na relação sujeito-objeto. No caso da escrita na vertical de si, as mãos servem como suporte do mesmo modo que a lousa, os variados movimentos e as dinâmicas linhas que se criam neste encontro, neste confronto não podem ser descritas em termos de agência, nem de intencionalidade e/ou desejo sob o perigo de recairmos nas aporias da consciência e de limitarmos à atividade aos limites da relação dicotômica já citada. A escrita pode ser compreendida como movimentos de animação que

compõem linhas variadas de possibilidades, amparadas em gestos de indeterminação, afinal, nada está marcado, não há previsão, não há como domar a linguagem. Na relação entre quem escreve e o que é escrito, há a formação de fluxos, de devires que não dizem mais respeito nem a um nem a outro, os suportes se vetorizam, aí realmente pode-se dizer que “a lousa ganha vida, porque permite ir criando, deixando de lado as confecções já feitas” (LARROSA, 2018, p. 31). A lousa, foco de atenção de estudantes e professores, como ato de solenidade e compartilhar que reúne e abriga colegas, estudantes e professores em atos rituais confere e certifica a qualificação das habilidades, pode ser compreendida como a materialização do conhecimento tornado público (LARROSA, 2018). Quem diria que a materialidade da lousa contribuiria para um dispor do conhecimento no sentido de o tornar aberto, partilhado, possibilitando a instauração do comum.

Endossando escola como lugar público, a partir do qual o “particular se converte em comum, onde qualquer matéria, qualquer coisa, qualquer mundo se abrem e não são propriedades de ninguém, e sim de todos, convertidas em ‘bem comum’.” (LARROSA, 2018, p. 32). Notem quanto perigo comporta este projeto, ainda mais em tempo de tentativas sistemáticas de fragilização das tecituras que se fazem em conjunto, em partilha. A instauração do comum e a partilha do sensível possuem profunda relação com a formação mobilizada através da escola. A escola enquanto projeto, ou melhor, o projeto da escola é o exato “oposto da privatização e da domesticação” (LARROSA, 2018, p. 32), sobretudo porque “os alunos são tirados de seu mundo e levados a entrar num novo. Assim, de um lado da moeda há suspensão, isto é, uma interpretação inoperável, uma libertação” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 39).

Diante desse panorama, das possibilidades de instauração do comum, faz-se mister tentar des-bloquear, des-consagrar a escuta, a fala, os movimentos..., torná-los profanos, para que se transformem em possibilidades de livre exercício em que todos/as possam tê-los ao alcance e usufruí-los das maneiras que melhor lhes convier. Porém, é bom que não caiamos em nenhum romantismo, de maneira desavisada e distraída, afinal, o apelo à profanação parece ser mesmo incessável, pois “profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas” (AGAMBEN, 2007, p. 73).

De modo geral, profanação pode ser compreendida como todo movimento ou gesto que possui por fito, ampliar e “democratizar” o acesso a algo. Só é passível de ser profanado alguma coisa que se encontra sob uso restrito, uso com-sagrado a poucos. Aliás, “consagrar era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar, por sua vez, significava restituí-la ao livre uso dos homens” (AGAMBEN, 2007, p. 65). Desse modo, profanar torna-se atividade importante e necessária em todo e qualquer lugar em que o uso das coisas não estejam sob a comum tutela de todos.

Aqui, faz-se, ao mesmo tempo, um chamado, um manifesto. Esboço e traçado metodológicos por uma escuta profana! Escuta colocada num movimento e exercício de

disponibilidade e acessibilidade a todos. Além da escuta, também se quererá que seu gozo e os benefícios do seu exercício, se tornem igualmente comuns. Afinal, “é importante toda vez arrancar dos dispositivos – de todo dispositivo – a possibilidade de uso que os mesmos capturam. A profanação do improfanável é a tarefa política da geração que vem” (AGAMBEN, 2007, p. 79). A educação, enquanto exercício democrático, necessita da escuta profana. Ela preparará as gerações futuras e atuais, a aprender a ouvir com certa leveza séria, estado semelhante ao de crianças que brincam.

Aprender a pensar com e sem os glúteos

Baitello Junior (2012), no interessante livro, *O pensamento sentado*, lembra que Nietzsche foi um dos primeiros modernos a chamar atenção para o pensamento que não nasce dos movimentos e das atividades livres. O autor já havia percebido um século antes o fenômeno que iria se agudizar no final do século XX, o que Baitello Junior (2012, p. 17) defende como “a sobrecarga dos glúteos – diante de telas, telinhas, telonas, no trabalho, no lazer, na educação”. Ainda para o autor, o que Nietzsche pretendia diagnosticar é o “pensamento que se assentou, ou se sentou mesmo, literalmente, tornou-se um ato sem impulsos, sem saltos, sem prontidão de movimento”, sem vivacidade, mas construído de passagens lógicas e discursividade previsível” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 17). Essa interrupção dos movimentos é uma violência. Para Dussel e Caruso (2003), o dicionário de autoridades de 1737 define pedagogo como “qualquer um que ande sempre com outro, e o leva aonde desejar ou lhe diz o que deve fazer. Neste caso, aparecem tanto o significado de “pé” como o de conduzir ou guiar como ação própria” (DUSSEL e CARUSO, 2003, p. 19). Essa pedagogia, na verdade, consiste mais em um chamamento, porque nos lembra uma pedagogia em seu estado nascente, como nos aponta Serres (1993, p. 59) ao dizer que:

outrora chamava-se pedagogo ao escravo que conduzia para a escola o filho dos nobres. Hermes acompanhava-o também, por vezes, como guia. A criança abandona a casa de família; saída: segundo nascimento. Toda aprendizagem exige essa viagem com o outro e com a alteridade, mas, durante essa passagem, muitas coisas se alteram.

Existe essa compreensão sobre a origem da palavra pedagogia. A palavra Pedagogia tem origem na Grécia antiga, *paidós* (criança) e *agogé* (condução). Aliás, não podemos esquecer que “a palavra pedagogia compartilha sua raiz – *ped*: pé, aquele que anda a pé – com a palavra pedante, que é aquele que “se diz sábio”, aquele que pretende ser erudito” (DUSSEL e CARUSO, 2003, p. 19). Aprender, nessa perspectiva, não significa mais reter, segurar, depositar, ampliar o domínio, mas: circular, dispor, fluir, seguir rastros, ser-em-devir. Outra coisa que chama à atenção no relato é a presença de Hermes. Esta divindade possui várias semelhanças com a divindade Exu (RANGEL, 2016). Ambos são mensageiros e caminhantes, são divindades das passagens e estradas, da transformação e invenção. Ambos possuem forte ligação com a humanidade, porque é através deles que

as mensagens são enviadas, logo, é a partir deles que existe a possibilidade de circulação do fluxo, do saber. Baitello Junior (2012), discorrendo acerca dos modos de vida aéreos dos nossos ancestrais, e da sua necessidade em se manterem nas copas das árvores, nos aponta que a plenitude e o chão possuem a mesma raiz etimológica. As incríveis, moventes e plásticas possibilidades do chão não podem ser esmagadas pela sanha antropocêntrica e imperialista que o ser humano implantou a partir dos processos de colonização e da imposição da civilização etnocêntrica, afinal

O plano ou a superfície não havia senão como grande inferno e ameaça, o chão. Todos os grandes temores estavam associados à queda e a esse grande e assustador plano. (Inevitável lembrar que o grande e insondável chão estava pleno de perigos: palavras como “plano e pleno, chão e cheio” vêm de uma mesma raiz etimológica, o indo-europeu “*peld-*”, com o significado de “abundância”, “multidão”). O chão significava uma multidão de desconhecidos e conhecidos perigos, profusão de ameaças, abundância de predadores, dos minúsculos aos gigantes, dos muito lentos e venenosos em seu bote certo aos muito velozes e fortes, com suas garras afiadas. Mas, como éramos curiosos e inquietos, excursionávamos, sim, rapidamente, nos territórios do nosso medo. E foi assim que, nas circunstâncias adversas do desaparecimento de áreas de florestas, não nos restou alternativas senão nos lançarmos ao chão, ao plano, quer dizer, ao inferno e as suas multidões, para nele aprender a sobreviver novamente, em um acordo complexo e difícil, agora não mais das garras com os galhos, mas dos pés com o chão, caminhando, sempre caminhando, como nômades, com os olhos no vento, mas os pés no plano do chão” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 20).

Nesse sentido, eles podem ser vistos como metáforas, como figuras constituintes do saber. Em movimento antropofágico, podemos, mesmo, nos apropriar de Hermes enquanto Exu. Assim, Hermes pode ser caracterizado e transmutado como nosso Exu (RANGEL, 2016). Nessa versão, o nosso Hermes afro-brasileiro, latino americano, nos mostra que a viagem, o caminhar, as encruzilhadas são de fundamental importância na condição daquele que se coloca disponível e aberto ao aprender. Como figura icônica do saber e como princípio da transformação, Exu nos envia a uma configuração na qual os próprios saberes se dão na dependência do movimento, nas encruzilhadas e estradas, no próprio processo do caminhar. Não é à toa que, na mitologia afro-brasileira, ele consiste na figura mais controversa e temida.

O pensamento circulante, caminhante, brincante e dançante está atrelado a Exu como seu ícone e mensageiro original, assim como “a mobilidade é a defesa do nômade contra as ameaças do chão, seus glúteos se desenvolveram como grandes impulsionadores, alavancas poderosas para sustentar o movimento das pernas e suportar o peso da postura ereta” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 20). Quem diria que um dos possíveis modos de decolonizar o pensar poderia estar atrelado a insinuação de Deleuze e Guattari (2010) quando sugerem: é preciso aprender a pensar com o cu³. Pelo exposto, insinua-se que

3. Para os autores, não faz sentido pensar em corte natureza e cultura, pois somos simultaneamente produtos e produtores de máquinas, agenciados a partir de múltiplos processos. A questão que se coloca não é “o homem como rei da criação, mas antes como aquele que é tocado pela vida profunda de todas as formas ou de todos os gêneros, que é o encarregado das estrelas e até dos animais, que não para de ligar uma máquina-órgão a uma máquina-energia, uma árvore no seu corpo, um seio na boca, o sol no cu: o eterno encarregado das máquinas do universo. Este é o segundo sentido de processo; homem e natureza não são como dois termos postos um em face do outro, mesmo se tomados numa relação de causação,

é preciso aprender a pensar com e sem os glúteos, pois eles “são os primeiros a pagar caro com a imobilização do corpo pela postura sentada. Tornam-se meras almofadas, ainda que naturais. Não são mais alavancas para o salto ou para as corridas” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 20). A novidade maior é que convidar Exu, simultaneamente mensageiro, caminhante e divindade do sexo, pode ser sinal de salvaguarda de proteção dos corpos e dos seus movimentos, contra o pensamento sedentário. Temos a criação de outro dispositivo. A imposição ou intromissão do emaranhado pés, cabeça e decolonialidade.

de compreensão ou de expressão (causa-efeito, sujeito-objeto etc.), mas são uma só e mesma realidade essencial do produtor e do produto” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 15).

MOVIMENTO E - CAMINHADAS, DESLOCAMENTOS E PAISAGENS

O presente capítulo será inspirado em conversas que tive com Brenda e Marcelo¹, especialmente nas conversas que se desenrolaram a partir da primeira personagem conceitual. Ao chamar Brenda, uma pessoa real de personagem conceitual, queremos marcar a não distinção entre abstração e concretude, elas são interdependentes e intercambiáveis, afinal a muito já sabemos que o real é sempre constituído a partir de ficções, histórias. Não há oposição entre eles. Porém, isso não é desabilitar o potencial da verdade, mas afirmar o poder da criação na constituição da realidade. Há criação que podem ser consideradas verdadeiras. Assim como existem criações que podem e devem ser consideradas falsas. As *fake News* que pulularam nas eleições presidenciais no Brasil em 2018 são um exemplo do que as mentiras podem provocar de danoso e perverso.

Brenda define o caminhar como um modo de deslocar-se, de conhecer algo novo e aventurar-se. Para ela, há dois tipos básicos de caminhar: o concreto e o abstrato. No primeiro, o deslocamento é físico. Trata-se do “caminhar do dia a dia, do cotidiano, que você se locomove. Vai até à feira, à Universidade, à igreja, enfim”. No segundo, o deslocamento é mental: “quando você toma uma decisão, você caminha para ela. Não assim literalmente”. Trata-se do caminhar como exercício do pensamento, da cognição. Estamos diante do desenvolvimento mental enquanto aguçar ou florescer da abstração.

Para Brenda, o caminhar concreto mobiliza uma motricidade irrecusável e inevitável que pode até ser dispensada e/ou amortecida no caminhar abstrato. Isso sugere que o demarcador ou o ponto de viragem, de inflexão, entre concreção e abstração é o corpo. Então, é o uso que se faz do corpo que nos diz se nos movemos em um caminhar concreto, ou se estamos diante do caminhar abstrato. O caminhar é dependente do deslocamento. Como acredito na unidade do corpo, penso que o abstrato e o concreto são apenas momentos interligados do corpo em movimento. Os usos servem para nos mostrar se o movimento é mais virtual e/ou mais tátil. Mas, não há dicotomias nesse processo. Aliás, em conversa com Marcelo, a relação entre movimento e caminhar também fora bastante ressaltada. Segundo ele,

Acho que o caminhar, na minha definição, é movimento. Eu tenho a ideia de que caminhar é como alguém que está em movimento. O caminhar sempre leva você de um ponto a outro ponto. É quando você sai de um lugar para chegar a outro. Acho que isso é um caminhar, quando você está em deslocamento, quando você está em movimento.

Na narrativa de Marcelo também se esboça forte relação entre o caminhar e o deslocamento. Parece que o deslocamento que ocorre nos dois tipos de caminhar assinalados por Brenda é diferente apenas em termos de intensidade. Podia dizer que o caminhar mental é mais interno, posto que o deslocamento físico é menos perceptível. Já

1. As considerações que faço aqui e no próximo capítulo partem de uma pesquisa desenvolvida no pós-doutorado em Educação – ProPEd/UERJ, e buscam retomar e desenvolver argumentos presentes em minhas pesquisas sobre os processos de subjetivações contemporâneos. Marcelo e Brenda são dois intercessores (DELEUZE, 1998) privilegiados neste capítulo.

o caminhar concreto é mais externo, ou para fora, posto que possui mais dependência de desdobramento e contato com a ductibilidade do espaço. Aqui estou retomando os dois tipos de caminhar em Brenda para mostrar como eles não são tão diferentes assim. Quero marcar a não dicotomia do processo, sem perder a distinção feita por Brenda.

O caminhar concreto não pode prescindir do deslocamento físico. Onde ocorre, deixa rastros, pegadas, passagens e linhas — soltas ou que unem dois ou mais pontos. Sua execução está atrelada a certa visibilidade que não pode ser facilmente apagada, e se faz através dos panoramas abertos pelo corpo em movimento. O caminhar abstrato, mobilizando um espaço mais interno, também cria marcas, linhas, mobilizando gozos e dores que muitas vezes permanecem sob o signo do silêncio e do segredo. Porém, já posso afirmar que as linhas, as marcas e os traços do ‘*corpomundo*’ são jornadas através dos movimentos dinâmicos de ‘*concretudes abstrações*’, responsáveis por criar os vários “*dentrosforas*” (ALVES, 2010) que nos formam e os quais ajudamos a formar. O ‘*corpomundo*’, como unidade de ação e pensamento, tem relação com a nova epigenética mobilizada pelos atuais estudos biológicos. Veja:

A epigenética é definida como modificações do genoma que são herdadas pelas próximas gerações, mas que não alteram a sequência do DNA. Por muitos anos, considerou-se que os genes eram os únicos responsáveis por passar as características biológicas de uma geração à outra. Entretanto, esse conceito tem mudado e hoje os cientistas sabem que variações não-genéticas (ou epigenéticas) adquiridas durante a vida de um organismo podem frequentemente serem passadas aos seus descendentes. A herança epigenética depende de pequenas mudanças químicas no DNA e em proteínas que envolvem o DNA. Existem evidências científicas mostrando que hábitos da vida e o ambiente social em que uma pessoa está inserida podem modificar o funcionamento de seus genes².

Nesse sentido, “as paisagens são ambientes, meios, atmosferas, antes de ser objetos a serem contemplados” (BESSE, 2014, p. 47). O visível como inscrição e encontro de corpos que se tocam e se repelem. O caminhar transforma os movimentos dos corpos em visibilidade. Se apresenta como panorama ou paisagens. Estamos diante da carne do mundo, como nos disse Merleau-Ponty (2007). Paisagem como inscrição, movimento de corpos, ou como “abertura às qualidades sensíveis do mundo” (BESSE, 2014, p. 45). Segundo essa perspectiva não é errôneo afirmar que os movimentos de uma dada montanha são incomensuráveis, afinal estamos diante do ‘*corpomundo*’. Os traços, as linhas e as marcas não respeitam mais separação entre uma externalidade que se encontra estaticamente fora, nem uma interioridade que se apresenta imutável e fechada.

O visível está em estreita conexão com o movimento, é dependente dele. O deslocamento descortina toda uma sensibilidade e mobiliza certa pedagogia dos sólidos³. O tato é um sentido que nos conecta de modo sensível ao visível. Ele pode ser compreendido como uma antropofagia, porque os traços e rastros do que se vê são transformados em

2. Fonte: <http://revistacarbono.com/artigos/03-epigenetica-e-memoria-celular-marcelofantappie/>.

3. A poética dos materiais de Bachelard (2018), pode nos ajudar a compreender a importante relação que os seres humanos estabelecem com as coisas. Ele já mostrava a importância das coisas em nossa formação, muito antes de Latour (1994), e sua teoria do ator-rede.

puro sentir. Afinal, aprende-se com as coisas, com sua manipulação. Os artesãos são seus mestres. Desse modo, em tal educação há forte ênfase na experiência, na prática. Como nos diz Brenda:

A criança se expressa pelo corpo. O corpo não pode ser marginalizado. Acho que o professor tem de estar aberto para isso, para esse espaço do corpo. Ele não pode marginalizar o corpo. O problema é que, às vezes, o professor não tem condições de fazer isso, às vezes o professor trabalha em uma sala assim, minúscula, com poucos materiais, com poucos recursos. Como é que ele vai adaptar tudo isso? Essa teoria e colocar na prática? É complicado. E ainda pode haver uma direção que não está aberta a essas sugestões, fica muito complicado para o professor, mas acho que o primeiro passo é: “poxa, aquele aluno corre, ele se movimenta”... “Vamos usar isso para alguma coisa, vamos elaborar uma atividade, vamos fazer alguma coisa com essa criança”. Óbvio que não dá para deixar uma criança correndo o dia todo na escola, tropeçando em todo mundo, não dá, mas vamos fazer alguma coisa, vamos elaborar uma atividade que considere o corpo e o movimento.

O corpo se expressa no movimento e faz emergir o/a praticante, aquele/a que executa ou experimenta algo, e, neste mesmo movimento, reflete, pensa suas práticas, seu estar no mundo. Ele/a caminha-pensa-caminha-pensa-caminha continuamente. A experiência é fundante para aprendermos a trabalhar com as coisas, sua materialidade e resistências, sua ductibilidade. Para Brenda, há que se trabalhar e desenvolver na infância esse gosto pelas coisas e esse saber lidar com elas:

A criança levada, que corre, que não para quieta, que quer ficar andando na sala... essa criança é muito marginalizada e isso acaba gerando, às vezes, um problema na fase adulta, porque a criança que não usa muito o corpo acaba virando um adulto meio desajeitado que não tem noção de espaço, que sai derrubando as coisas... Isso é consequência do que não foi trabalhado na infância... a noção de corpo, a noção de espaço, porque foi reprimido.

Em um só lance, estamos diante do corpo, dos movimentos, das coisas, das práticas e da sua suposta repressão. Trata-se do uso educativo do corpo, do seu potencial e dos seus movimentos. O corpo educado em contato com as coisas mobiliza toda uma pedagogia da visibilidade, do tátil, das paisagens e das passagens⁴. Corpos que se inscrevem no espaço, compondo paisagens, formando ambientes. A paisagem pode ser compreendida como o encontro do corpo com o meio, desse modo, é percebida como “essa presença do corpo e ao fato dele ser afetado, tocado fisicamente pelo mundo ao redor, suas texturas, estruturas e espacialidades: há nisso algo como um acontecimento!” (BESSE, 2014, p. 45).

O caminhar até agora, revelou-se como movimento de contato e encontro com as coisas. Ele ocorre através da manipulação, da *‘prácticamentoprática’* (ALVES, 2010) e descortina mundos que se apresentam através de visibilidades inarredáveis, de caminhadas através dos sons, dos cheiros, das cores, dos sabores, das resistências dos materiais, do chão, do ar que teima e grudar nos corpos. Das coisas externas que se fazem internas e vice-versa. É o que fica evidente na bela e ilustrativa narrativa de Marcelo, quando nos diz:

4. Por já termos tratado das passagens e dos limiares e suas reverberações na cultura e na educação, na obra *O sabor dos saberes* (RANGEL, 2016), nos debruçaremos nas temáticas das paisagens e dos movimentos, incluindo os que ajudam a criá-las.

O caminhar é algo que posso trabalhar em meus cotidianos, inclusive, escolares. É algo que contribui em nossa vida pessoal. Caminhar, para mim, como geógrafo é muito importante, porque é através do caminhar que olho, sinto e vejo a paisagem. Na minha formação, é uma das coisas que mais me chama a atenção. Ando pelos lugares e paisagem é algo que se modifica e, por ela se modificar, também vou me modificando, à medida que eu a vejo. O caminhar tem muito essa relação do movimento e o de modificar. Quando você caminha, quando você se movimenta, se modifica. Seu olhar se modifica também.

O que Marcelo aborda lembra muito a noção de espaço quântico do cientista italiano Carlo Rovelli. Para ele,

As coisas (os quanta) não habitam o espaço, habitam uma os arredores da outra, e o espaço é o tecido de suas relações de vizinhança. Se temos de abandonar a ideia do espaço como recipiente inerte, então deve ser abandonada também a ideia de tempo como fluxo inerte ao longo do qual se desenvolve a realidade. Assim como desaparece a ideia do espaço contínuo que contém as coisas, desaparece também a ideia de um “tempo” contínuo que flui, no decorrer (ROVELLI, 2014, p. 115).

O encontro dos seres e das coisas ocorre através desses diversos modos, através dos quais às coisas se oferecem e vão ao encontro dos viventes. A aprendizagem pode ser compreendida como esses encontros, choques, e como a tentativa mesma de apreendê-los. Apreensão dos movimentos que se dão através das resistências e das passagens. Afinal, é a partir destes encontros e dos choques que se formam os seres e as coisas. Não podemos esquecer que estamos em ambientes que formam os ‘*corposmundo*’.

De acordo com Besse (2014), a paisagem pode ser compreendida como uma intensificação particular da vida, uma tonalidade afetiva, como diria Heidegger (2010), que ocorre em lugar e momento determinados. É acontecimento, aquele momento em que ocorre uma espécie de grito mudo: “há paisagem!”. Quando somos tocados, arrebatados, transpassados. Para Besse,

A caminhada poderia constituir um exemplo fundamental dessa experiência da paisagem: e, mais precisamente, esse momento particular que é o cansaço da caminhada, cansaço que não é nem esgotamento, nem lassidão, mas que restitui a sua disponibilidade ao corpo e, como diz Nicolas Bouvier, a sua porosidade em relação ao mundo, que lhe restitui a sua capacidade de ser afetado pelos dados sensíveis do mundo” (BESSE, 2014, p. 48).

Nesse entrelace dinâmico e diverso, entre o eu e o mundo, abre-se passagem: espaço particular, poroso e comum. Este espaço é a paisagem! Brenda o define como espaço complexo e afirma que os dois tipos de caminhar levam a ela, porém com modos distintos de operar. Para ela, o caminhar abstrato é complexo “porque geralmente são decisões maiores. Por exemplo, uma pessoa que está se separando. Ela tá caminhando para uma outra fase da vida dela”. Parece que ela está considerando a materialidade das palavras ou pensamentos que, em alguma medida, são potência dos acontecimentos. Nesse enlace entre o eu e o mundo ocorrem transformações. As pessoas saem mudadas. As passagens abertas pelo caminhar abstrato criam panoramas que modificam vidas, mudam rotinas. Isso também ocorre com o caminhar concreto. Perguntada sobre o caminhar concreto,

Brenda responde:

Complicado, porque eu moro na Baixada, em Mesquita. Pego só um trem para vir. Só que é muito ruim morar na Baixada, não só para vir aqui para Universidade, mas para qualquer lugar. Baixada é longe, em qualquer canto que você queira ir... Quando você vai procurar um emprego, você também tem essa dificuldade. As pessoas não gostam de contratar pessoas que moram na Baixada. Pessoas que moram muito longe.

Estamos diante de complexidades diferentes. Vejamos como Brenda descreve seus sentimentos em relação à praia.

Vou dar um exemplo diferente: quando estou na praia, me sinto diferente que quando estou na cidade, no meio de um monte de gente. Eu gosto muito de ficar olhando para o mar e pensando na minha vida. Eu adoro! Quando estou triste, então, gosto de ir para praia. Eu gosto de ficar sentada em frente ao mar, gosto de ficar pensando em tudo... Acho que o mar me dá uma sensação diferente. Ele me dá uma calma. Eu penso muito em Deus. Penso muito na natureza. No meio da cidade, da aglomeração, não consigo pensar em nada disso. Só consigo ficar estressada, nervosa... O contato maior com a natureza traz uma reflexão que eu não consigo ter quando eu tô no meio da cidade mesmo.

Brenda está relacionando o movimento dela e das coisas: o mar, a cidade, as pessoas... Esse caminhar já está incorporado como sensação e linguagem, faz parte do corpo, compõe o corpo. Ela está tocando na importante questão do relaxamento e/ou do estresse. Toda uma educação da atenção que está sendo deslavada, apresentada, sobretudo porque podemos concebê-la como um movimento de abertura que cria paisagens, porque a “atenção é tanto um processo no qual se permite tocar com precisão, quanto abrir-se e ressoar a paisagem. É também participar da formação da paisagem onde a atividade humana e das demais espécies ocorre” (FERRAZ e PIMENTEL, 2018, p. 101).

Se colocar a caminhar, como *‘prácticamentoprática’* não dualista, envolve e mobiliza os sentidos, é “estar atento, nesse sentido, estar mais próximo de um estado dinâmico, de sintonia distribuída, do que a um estado de foco e inércia, no qual um corpo, emancipado do chão, do céu e do clima se encontraria” (FERRAZ e PIMENTEL, 2018, p. 101). Estamos diante do caminhar bastante dependente dos rudimentos espaciotemporais e dos sentidos. Há o desdobramento e formação de diversas paisagens. As práticas educativas que se apresentam a partir do caminhar são vastíssimas, porque descortinam muitos panoramas existenciais, trazendo para início da cena o *‘praticantepensanteparticante’*, aquele/a que percebe, experimenta: sente, cheira, ouve, vê, se movimenta. Educação mobilizadora de corpos e de estilos de vida.

AS CAMINHADAS E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS

O segundo tipo de caminhar, mencionado por Brenda, o abstrato, ligado diretamente ao cognitivo, parece mais circunscrito. Será que pode ser mais relacionado aos aspectos epistemológicos?! Vamos tentar compreendê-lo!

O caminhar abstrato, como mobilização do desenvolvimento mental, parece prescindir da dependência ao substrato físico. Pode ligar-se à terra, ao solo, aos seus elementos, se assim o quiser. Neste caso, a visibilidade parece cercar-se em mistério, esboroa na dependência e fica à espreita, como que à espera de um discurso que a sustente, a represente, a ordene. O discurso como modo de ordenação do caos em que se transformou o visível é substrato, que deixou de ser dúctil, serve como matéria-prima ao pensamento. Combustível do caminhar abstrato.

Porém, não precisamos nos colocar na postura de ter de escolher qual o melhor caminho. Brenda não escolheu, não precisou optar por nenhum deles. Ao invés disso, assinalou a existência e importância dos dois. Ela estava bastante consciente da importância dos movimentos do *'praticantepensantepraticante'*.

Aliás, se formos pegar a noção de *'praticantepensantepraticante'* de Nilda Alves (2010), temos de assumir o inelidível cruzamento e interdependência dos caminhares, afinal o praticante não deixa, em nenhum momento ou lugar, de ser pensador, nem o pensador deixa de ser um praticante. Desse modo, podemos afirmar que o caminhar rompe com o dualismo epistemológico clássico entre sujeito e objeto. Para Bachelard (2018, p. 21),

De tanto manejar matérias muito diversas e bem individualizadas, podemos adquirir tipos individualizados de flexibilidade e de decisão. Não só nos tornamos destros na feitura das formas, mas também nos tornamos *materialmente* hábeis ao agir no ponto de equilíbrio de nossa força e da resistência da matéria. *Matéria e Mão* devem estar unidas para formar o ponto essencial do *dualismo energético*, dualismo ativo que tem uma tonalidade bem diferente daquela do dualismo clássico do objeto e do sujeito, ambos enfraquecidos pela contemplação, um em sua inércia, outro em sua ociosidade.

Acontece que Bachelard, ainda muito atrelado nas aporias da consciência, coloca à vontade como primado. Esta é concebida como elemento distintivo do humano que o opõe aos objetos. Hoje não precisamos mais pensar deste modo, sobretudo porque a crise ecológica nos colocou na perspectiva da indeterminação e na importância de aprender com a pluralidade e multiplicidade dos viventes. É por isso que o paradigma ecológico ganha cada vez mais força e tem se colocado em vários domínios, inclusive em diversas áreas da ciência. A educação ainda trabalha pouco com os desdobramentos deste paradigma.

O mesmo pode ser dito do caminhar e dos desdobramentos das paisagens propiciadas por ele. O pé e o chão se afetam mutuamente. A força dos pés, exercidas sobre o chão, ressoa de variadas formas e provoca reações do/no chão. A dialética dinâmica e complexa entre ambos cria reverberações e ajuda a performar o mundo. Como o ser humano gosta de sentir-se acima desse mundo, não paramos muito para nos dar conta das relações de afecções que ocorrem a partir dos movimentos com o solo. O único tratamento que admitimos dar ao subsolo é o técnico, positivista, a exemplos dos estudos realizados em áreas como geologia, pedologia, etc.

Brenda denominou os caminhares de concreto e abstrato. Ingold (2015a) também assinalou a existência de dois tipos de caminhar, mas não chegou a denominá-los, só

caracterizou cada um deles. Segundo ele, há um caminhar para dentro e um caminhar para fora, respectivamente: i) de caráter funcionalista-cognitivista, referenciada nos processos de desenvolvimento, com foco especial na cognição e nos fenômenos associados à representação e transmissão de conteúdos; ii) de caráter fenomenológico, toma como foco a experiência e seus processos mais realçados. Possui grande acento nos fenômenos corporais, pois visa desconstruir a limitada dicotomia “cartesiana” entre corpo e mente.

Se, para a primeira, faz sentido pensar em uma mente distinta do corpo, a segunda procura modelos explicativos mais integrais, em que os processos ditos “mentais” são compreendidos de modo mais dinâmicos e realçados, em contextos em que os sentidos estão sempre abertos e referidos a um mundo que se encontra em perpétuo estado de sendo. Essas duas perspectivas levaram Tim Ingold (2015a) a caracterizar, respectivamente, essas duas abordagens de: funcionalista-cognitivista, de educação pelo dédalo; e fenomenológica: de educação pelo labirinto.

Qual a diferença entre dédalo e labirinto, para Ingold?

O dédalo imprime uma série de restrições ao movimento, porque impõe escolhas de movimentos preestabelecidos, cuja ênfase recai muito mais sobre as intenções e vontades, sobre as itinerâncias ou movimentos a serem percorridos, do que no próprio processo itinerante (INGOLD, 2015a). Para ilustrar, ele se vale do caminhar. O caminhante que se acostuma com o ambiente do dédalo, bastante presente nas cidades, só consegue caminhar guiado de intenções e planos sobre o caminho certo a ser seguido. O foco não recai sobre o caminhar em si, nem nas possibilidades de encontro que se desdobram a partir da caminhada, pois a atenção gira em torno das representações e intenções que estão conectadas com o plano previamente traçado. Essa forma de caminhar nos leva para dentro. “Para a maioria de nós, urbanitas disciplinados pela educação, as ruas não são um labirinto. Nós andamos por elas não pelo que revelam ao longo do caminho, mas porque elas nos permitem transitar de um ponto a outro” (INGOLD, 2015a, p. 24).

Estamos no mundo como vontade e representação, em que a educação se encontra encarregada de ajudar a transmiti-lo e assegurá-lo. É por isso que podemos dizer que esse tipo de educação, a partir do momento em que se fixa nos mecanismos de transmissão e re-apresentação do que já existe, se acomoda com a lógica da reprodução. Representar é se pôr a serviço da reprodução. É endereçar a herança que recebemos em códigos e regras predefinidos e preestabelecidos, com pouca margem para mudanças ou transgressões. Estamos diante de um tipo de educação apaziguadora, na qual as paisagens subjetivas têm de ser constituídas através de balizas e marcadores fixos e engessados. O importante é assegurar que as gerações mais novas tornam-se semelhantes através do que lhes é herdado.

A navegação mobilizada por esse tipo de educação é ancorada em códigos e símbolos cognitivistas, em que o foco incide no mental. Nessa perspectiva, ainda fez sentido a distinção entre corpo e mente. É por isso que esse tipo de educação é antropocêntrica e

não consegue lidar bem com o movimento ecológico, porque aqui não há possibilidade de um expressar das coisas, pois somente o ser do humano pode expressar-se. Uma fala que se desenrola, de preferência, a partir de uma mente “bem desenvolvida”. A qualidade requerida está indissociavelmente atrelada ao “desenvolvimento mental”. Apenas há algumas décadas é que essa perspectiva cognitivista conseguiu operar uma espécie de descentramento antropológico. Isso ocorreu com Maturana e Varela (2005), porque, para eles, os processos de estruturação da mente estão presentes em todos os seres vivos. Visto que a própria vida passa a ser concebida como um processo de conhecimento, contínuo e cíclico. Desse modo, onde há vida, há aprendizagem. Contudo, esse tipo de educação continua herdeira do que convencionou-se chamar cisão cartesiana, pois é lastreada pelo princípio da interioridade. É uma maneira de caminhar que nos leva para dentro (INGOLD, 2015a). Ela mobiliza um tipo de educação que deriva do verbo em latim *educare*, que significa “criar, cultivar, inculcar um padrão de conduta aprovado juntamente com o conhecimento que o sustenta” (INGOLD, 2015a, p. 23).

Porém, há outra forma de caminhar que nos leva para fora, hoje, pouco valorizada na educação. Esta forma também é uma variante etimológica: o “termo a *educere*, ou seja, ex (fora) + ducere (levar). Nesse sentido, educar é levar os noviços para o mundo lá fora, ao invés de – como é convencional hoje – inculcar o conhecimento dentro das suas mentes” (INGOLD, 2015a, p. 23). Esse tipo de educação é pouco usual, porque não oferece aos estudantes pontos de partida ou posições, mas os remove e os põem em exposição (INGOLD, 2015a, p. 23). O tipo de atenção exigida por essa prática se submete às coisas, ao invés de tentar silenciá-las. Busca percebê-las em seu aparecer, através do aguçar das forças imaginativas e criativas, desdobrando-se no plano da vida imanente (INGOLD, 2015a). Assim, temos que o encantamento do mundo não procura mais explicações transcendentais, messiânicas ou redentoras, como se fosse possível “recuperar” o “paraíso perdido na terra”. Trata-se das constituições de agenciamentos que promovam novas formas de criações, de encontros, do estabelecimento de novas relações com: o mundo, a terra, os seres, a vida etc.; sobretudo porque estamos nos movendo em solo da experimentação, no qual os movimentos de criação tornam-se radicais.

Precisamos ressignificar a noção de vida. Se partirmos do pressuposto de que a educação mobiliza, transforma, ou seja, envolve-se com modos de vida, e não apenas com a produção do conhecimento, compreenderemos melhor os aspectos ontológicos (existenciais) que estão sempre implicados nas redes educativas, que são formadas por nós e nas quais nos formamos. Sobretudo, porque a educação ficou muito tempo ligada às aporias da vida qualificada e comprometida com o esquema taxonômico hierárquico e fixista dos reinos. Esquema que a reparte, classifica, categoriza e a percebe apenas em parte dos “reinos” ou domínios: mineral, vegetal e animal. Ingold (2012), inspirado no pensamento de Deleuze, Guattari e Heidegger, cria a interessante noção de Ambiente Sem Objeto (ASO). Ele retomara a noção de coisa em Heidegger (1987, 2012), e de linhas de

força e agenciamento em Deleuze e Guattari (1995, 2014), justamente para mostrar como as coisas estão sempre vazando. Em vez de fechamento, há uma constante dinâmica de abertura que se apresenta de diversos modos. Ainda para Ingold (2012, p. 35), o ASO implica que o mundo não é material; ele consiste num “mundo de materiais, de matéria em fluxo. Seguir esses materiais é ligar-se a um mundo, por assim dizer, em fervura constante”.

A noção de ASO permite matizar esse biocentrismo, desestabilizando-o, sobretudo, porque compreende o ambiente como composto de fluxos de matéria e energia que se encontram sempre em devir, em eterno estado de diáspora, pois, como bem ressalta Leff (2016, p. 18), “o ambiente vai se configurando a partir dessa extraterritorialidade”, e, assim, vai “assumindo seu desterro e seu horizonte”. Os movimentos e ritmos da vida dançam em dinamismos, que traçam linhas de fuga. E pode-se entender: “os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 19). Esses devires pedem outros caminhos e fissuras de conhecimento. Reter, apropriar-se e dominar não são verbos a ser conjugados na busca do aprender. Os adágios do ar em movimento precisam tocar nos nossos ouvidos, para sermos-aprendermos com as itinerâncias dos que vazam.

CAMINHAR PELAS/NAS RUAS DAS CIDADES

Para Brenda, caminhar em contato com a natureza, especialmente na praia, é mais relaxante e prazeroso, por isso não há necessidade de ficar com os fones, ouvindo música. Porém, ao caminhar pelas ruas da cidade afirma, de modo enfático, não conseguir sem os tais fones, porque o estresse do dia a dia inviabiliza seu caminhar nas ruas agitadas sem estar ouvindo música. A música posta sobre os ouvidos funciona como amortecedor, com efeito de suspensão, capaz de filtrar o excesso de estímulos aos quais estamos sujeitos e expostos nas grandes e médias cidades. Tal relato lembra as observações e advertências de Simmel (2013), sobre a condição agitada da vida nas metrópoles. Para o autor, um dos grandes problemas da vida moderna decorre da reivindicação do indivíduo em preservar sua autonomia e individualidade em face dos embaraços criados pelas sociabilidades e a convivência nos ambientes citadinos. A individuação do cidadão é marcada pela exposição à intensificação dos estímulos nervosos, resultante da ininterrupta alternância entre os estímulos. Ainda para ele,

com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme (SIMMEL, 2013, p. 11).

Para Simmel, uma das formas de nos proteger desse excesso de estímulos é a partir

da criação da atitude *blasé*. Tal estilo protege os indivíduos das cidades uma vez que os equipam com conduta adequada, capaz de ajudar a filtrar o excesso de estímulos, fazendo com que o pretense fluir apressado das coisas seja amortecido ou amenizado pela criação de uma espécie de freio subjetivo, apelidado de comportamento blasé. “Nesse fenômeno, os nervos encontram na recusa a reagir a seus estímulos a última possibilidade de acomodar-se ao conteúdo e à forma da vida metropolitana” (SIMMEL, 2013, p. 16). Porém, o autor é explícito ao referir-se à criação de uma subjetividade capaz de auxiliar na adaptação ao apressado estilo de vida das cidades. Isso ocorre independente da utilização de artefato tecnológico. Não obstante, no relato de Brenda, a ênfase recai no uso dos fones de ouvido para ouvir música, então, se antes o comportamento mais tranquilo, fruto da indiferença em relação às coisas, era alcançado através da conquista direta da relação consigo mesmo; agora, tal comportamento passa a pressupor e depender da medicação dos artefatos tecnológicos, neste caso: o dispositivo para ouvir música. Mas, em que implica tal mudança?

Guattari (1996), no livro *micropolítica do desejo*, em parceria com Suely Rolnik, seguindo as linhas do seu projeto com o amigo Deleuze, afirma a completa produção imanente das subjetivações, no intuito de assinalar a processualidade e pluralidade existentes em tais processos, e alertar para os perigos legados pelas filosofias do sujeito, que sempre resguardaram algum processo de essencialização ou estabilização do subjetivo, como se fosse um quê, um “plus”, algum resto resguardado do divino. Contra tal tipo de fundação estável do sujeito, ele e o amigo Deleuze afirmam a completa inscrição terrena e imanente dos processos de subjetivações. Desse modo, “fundar, em outras bases, uma micropolítica de transformação molecular passa por um questionamento radical dessas noções de indivíduo, como referente geral dos processos de subjetivação” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 32).

Estamos falando de processos movedições, plurais e moventes de produção de modos de subjetivações. Neste movimento, o contato ou não contato com as coisas ajuda a formar, a nos tornar quem somos, a compor ambientes, percepções, ações, etc. Guattari menciona um exemplo que parece corriqueiro. As pessoas que utilizam o *walkman*⁵ nas ruas, não estabelecem uma relação com a música do mesmo modo que um ouvinte que escuta música na plateia de um concerto, ou de alguém que a ouve à moda antiga, na cadência mais lenta de uma vitrola. O uso do referido artefato faz com que a música se torne “interna”, seja parte direta dos sentidos da pessoa que a escuta, ou, neste caso também poder-se-ia dizer “se escuta”! Ainda para Guattari e Rolnik (1996, p. 32): “o que essa indústria faz é, literalmente, *inventar* um universo musical, uma outra relação com os objetos musicais: a música que vem de dentro e não de um ponto exterior. Em outras

5. Na época em que Guattari escreveu, na década de 80 do século passado, o que estava em voga era o *walkman*. Depois dele tivemos o surto dos mp3 e mp4, ambos já ultrapassados e substituídos pelo *smartphone*. O uso deste último ajudou a popularizar ainda mais a prática de ouvir música quando se anda pelas ruas das cidades, ou quando se está em trânsito nas estações de metrô, de ônibus ou nos próprios transportes.

palavras, o que ela faz é inventar uma nova percepção”.

Como estamos começando a notar, trata-se de relações variadas com o corpo, modos de se apropriar dele de formas distintas. Se antes o contato com as coisas exigia uma relação mais direta, sem muitos intermediários entre os corpos e as coisas, agora, significa que o poder de influência e de variabilidade dos mediadores se intensificaram. Isso faz com que nossa relação com o mundo circundante seja modificada, criando certa inflação do que poderíamos chamar de “mundo perceptivo”, imagético. Ao passo que pode criar uma subordinação e desvalorização da nossa relação com a materialidade das coisas. O que o autor chama acima de nova produção da percepção, já não nos parece tão nova assim, afinal desde o começo do século XXI, nos habituamos com as novidades e a enxurrada de notícias sobre inteligência artificial, novas tecnologias da informação e o avançar da virtualização das coisas. Ao ponto de podermos escutar com tranquilidade, no filme *Velvet Buzzsaw*, produzido pela *Netflix*, uma vendedora de arte, uma marcham, dizer algo corriqueiro e já bastante propalado: “não estamos aqui vendendo bens duráveis, vendemos percepção!”.

Ao que parece, as experiências de vida nas grandes cidades possuem maior poder de virtualização dos corpos dos cidadãos e, de maneira geral, da própria materialidade que os circunda. A experiência do computador conectado só veio potencializar ainda mais esta tendência da vida nas urbes, aberta pela utilização dos meios de transportes: de tração animal e motorizados, pelos telefones, celulares, fones de ouvido, etc. Assim como se faz uma obra de arte, ou qualquer outro artefato, também se produzem modos de subjetivações: percepções, afetos, sentires, pensares. A questão dos modos específicos de mobilidade contribui, sobremaneira para a formação das subjetivações, bem como em relação às maneiras como elas se manifestarão. A qualidade do caminhar pode ser um bom índice dos tipos de mobilidade, e conseqüentemente, das formas de subjetivações, ou, pelo menos, da exibição de como as pessoas se formam a partir delas.

Para Solnit (2016), a invenção do trem, na Inglaterra, modificou e intensificou o fenômeno de desincorporação da vida cotidiana, deixando para trás os anos dourados do caminhar. Isso ocorreu porque o veículo e sua incrível velocidade separam percepção, expectativa e a ação humana do mundo orgânico, no qual nossos corpos existem. Estudos apontam que os primeiros passageiros de trem não conseguiam distinguir os elementos da paisagem, pois a velocidade do veículo transforma o espaço circundante numa espécie de vácuo, ou, como a autora prefere: um “limbo espacial”. Dessa forma, “o envolvimento espacial e sensorial com a topografia entre o aqui e o acolá começou a evaporar” (SOLNIT, 2016, p. 425). O carro também participa do processo de desabilitação ou desinvestimento do caminhar nas ruas, ao passo que serve como um veículo de privatização dos espaços, na medida em que substitui o andar pelas calçadas e também é obstáculo do caminhar porque disputa espaço com os pedestres, pelo conforto e segurança de ser transportado das casas aos locais de trabalho, da casa ao shopping, etc. Evita-se ao máximo o perigo

das ruas, e, com isso, enfraquece-se o poder coletivo das reuniões, o possível potencial dos encontros fortuitos ou planejados, das deliberações verdadeiramente democráticas que podem surgir destes encontros, ocasionados pelo poder do caminhar.

Este receio em andar livremente pelas ruas das cidades pode ser um indício de que estamos desaprendendo (SOLNIT, 2016), e até perdendo a capacidade de caminhar em ambientes agitados. Vale ressaltar que tais receios são reforçados pelo sensacionalismo das notícias midiáticas, especialmente das notícias vinculadas na televisão, ao associar, quase a todo momento, uma relação de sinonímia entre espaço público, violência e perigo⁶. As condutas de risco imputadas aos ambientes públicos são responsáveis pela criação de imaginários, conversas, modos específicos de conduta, de proibições, recomendações, alardes, estando presente em grande parte do imaginário, dos simbolismos dos espaços e do tempo de grande parte dos cidadãos. Geralmente, os movimentos das crianças, das pessoas com deficiência física e mental e dos idosos são os mais vigiados e os mais colocados sob o signo da pre-ocupação, do cuidado e da vigilância.

Um dos motivos de tal desinvestimento, desencorajamento em andar pelas ruas da cidade, além da ênfase dos riscos associados aos espaços públicos, pode ser a ampliação das socialidades privadas, em detrimento das interações públicas. Com o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação, assistimos à ampliação da privatização dos hábitos e condutas, antigamente atinentes ao domínio público. Para Solnit (2016, p. 417):

A televisão, os telefones, os computadores pessoais e a internet completam a privatização da vida cotidiana que os subúrbios começaram e os carros aprimoraram. Tornam menos necessário sair pelo mundo e, portanto, incentivam as pessoas a se afastar da deterioração do espaço público e das condições sociais, e não a resistir a esse processo.

Parece que a caminhada em ambientes potencialmente perigosos e agitados está em processo de substituição pelo conforto do “*surf*” nas redes sociais, através das interações *online*; ou se especializa em práticas específicas de esporte, como as caminhadas ecológicas, as escaladas, ou como práticas das academias de ginásticas, cuja esteira é um dos grandes exemplos. Para Solnit (2016, p. 435), a esteira e a escada rolante significam o próprio desaparecimento do espaço, afinal “simulam as superfícies sobre as quais o caminhar acontece”.

Parece um exagero da autora afirmar, influenciada a partir das observações de Virilio (2014), que vivemos um fim do espaço, porém não devemos desprezar as drásticas transformações. A esteira pode ser considerada um protótipo de projeto urbano que tenta ao máximo restringir a mobilidade nas cidades. Ela substitui a relação entre o corpo e a topografia variada das paisagens — que provoca resistência, encantamento, impossibilidade de prosseguir e incitação ao continuar — pela relação quantificada por

6. É importante ressaltar que não se trata de minimizar a violência ocorrida nas ruas das cidades, mas alertar para o perigo da ênfase excessiva conferida pelas mídias, especialmente a televisão, à relação entre a violência e a coisa pública. Essa narrativa única, reproduzida pela mídia, intensifica uma violência simbólica (BOURDIEU, 2002) que antes de ser vivida, é sentida, traduzida pelo medo, pavor, espanto, aversões que silenciam outras possibilidades de experienciar a cidade. Desse modo, o imaginário da violência, antes de ser experienciado, é sentido.

um interesse baseado na eficácia entre corpo e aparelho, porque a esteira rolante retira o corpo do seu contato com as paisagens variadas, criando um ambiente homogêneo que só pode ser diversificado pela distração dos dispositivos tecnológicos. Trata-se do ‘*corpomundo*’ na estreita dependência dos aparelhos técnicos. Não estamos diante da mesma mobilidade. O corpo que se movimenta na paisagem e o corpo que se desloca no aparelho não estão experimentando a mesma experiência. “A esteira parece ser um dentre vários aparelhos que possibilitam o afastamento do mundo” (SOLNIT, 2016, p. 437). A participação, o envolvimento e o próprio habitar o corpo são modificados em contato com artefatos tecnológicos como a esteira.

Para Paul Virilio (2014), o espaço encontra-se em crise, pois seus referentes físicos estão sendo substituídos pela teleobservação, propiciada pelas Tecnologias de Comunicação e Informação — TICs. Isso implica uma crise da própria noção de dimensão, fazendo com que o espaço substancial seja preterido e substituído pelo espaço acidental, descontínuo e heterogêneo, cuja interface e a tela representam os novos vetores de potencialização de novas percepções. Ainda, segundo ele, “a transparência (televisada) substitui a aparência do olhar direto, a aparência sensível dos objetos sofre a transmutação da teleobservação e da telecomunicação dos dados da imagem, de uma imagem globalizante, que visa suplantar definitivamente as percepções imediatas, com os riscos de perturbação iconológica que isto implica” (VIRILIO, 2014, p. 28). Essas observações sobre a virtualização do mundo, especialmente das cidades, são importantes e não podem ser desprezadas.

Tal diagnóstico, porém, carece de matização, pois as cidades são muito diferentes e não são afetadas do mesmo modo pela onda “globalizadora” das TICs. Se fossemos seguir sua tese sobre o fim do espaço e da subordinação completa dos referentes, seríamos obrigados a afirmar que o caminhar deixou de existir e que não possui mais capacidade de reabilitação. Ao final, teríamos de chegar à conclusão de que o corpo tornado completamente transparente e exposto, perdeu sua capacidade de resistir, pois foi dominado pelas novas tecnologias. Por mais que tal diagnóstico seja importante e sirva como alerta, entendemos que sua radicalidade não auxilia na busca por saídas e por experiências que se contrapõem à tendência aberta pela globalização tecnológica das percepções, dos afetos, do pensar, do caminhar, etc. Por mais que haja a criação de novas percepções, novos afetos, ligados mais ao contato com o virtual do que aos referentes físicos, materiais, julgamos precipitado acreditar que o contato com o mundo sensível já se encontra superado. Por mais que haja uma ênfase do capitalismo contemporâneo em associar-se com as tecnologias de ponta, nunca conseguirá ultrapassar e sequestrar completamente as potências sensíveis do corpo. Por mais que se tente criar uma análise radical, não podemos afirmar que o corpo sensível, a observação direta, a mobilização dos diversos sentidos não foram completamente expostas a onda de virtualização, criada pelas TICs.

A utilização dos *smartphones* pode ser um exemplo de que tal fenômeno se encontra

em estágio avançado. O uso deste artefato interfere de modo direto nas relações face a face. Há muitas pessoas que mesmo estando próximas do seu interlocutor, preferem estabelecer uma relação mediada pelos dispositivos eletrônicos. Estes exemplos estão se tornando cada vez mais comuns, especialmente entre os jovens.

É precipitado acreditar que o contato com o mundo sensível já se encontra superado. É a isso que temos de reagir. O sensível é de extrema importância. É de uma potência formativa fenomenal. Não podemos perdê-la. É bom fazer algumas observações: (i) o Virtual tem “corpo”, “materialidade”: os 0 e 1, que, combinados, formam caracteres, pixels, sons, etc. A gente não interage diretamente com esse “corpo”, mas a partir de mediadores. Sem ele, porém, não existiria o que se convencionou chamar de “virtual”. (ii) Disso decorre que a teleobservação ou telepercepção só são à distância, mas são físicas/corporificadas, pelos sinais elétricos, pelos fotossinais, pelas ondas x, y e z, etc. (iii) Na relação com o mundo, a percepção é diferente, mas continua física, porque há acesso aos sentidos ao se experimentar as cores, as superfícies, os cheiros, os sons e os sabores. E ao se inventar um *chip* de percepções ainda continua físico, porque criam novos modos de encontros com os sentidos. (iv) As pessoas com deficiência têm percepções diferentes. Isso vale para as deficiências genéticas e de nascença também. Se a pessoa não tem a visão, tem a percepção tátil da luz (frio/quente). Se é surdo, pode “ouvir” o som como “onda sonora” que se percebe com o tato (aqueles aparelhinhos auditivos consideram essa possibilidade). E isso se aplica aos outros tipos de deficiência: o/a cadeirante também caminha. (v) Quando se considera a cidade, é preciso distinguir as geografias: cidade de Salvador — latitude tal, longitude tal — é uma, mas há tantas outras onde a percepção da violência é diferente e o caminhar ainda é possível ou incentivado. Disso decorre que a participação democrática também será diferente.

OS ‘PRATICANTESPENSANTES’ NAS/DAS/COM CIDADES

Em relação ao aberto dos campos, ao choque provocado pela vastidão do horizonte de pura natureza, as cidades só podem constituir um dentro, porque, por mais que tente imitar, por meio de projetos arquitetônicos paisagísticos: descampados, aberturas ou clareiras, há uma impossibilidade constitutiva e estrutural de chegar perto da experiência de encontro e espanto provocados pela vastidão do horizonte da natureza, sobretudo porque a cidade, aliada aos desígnios do capital, é regida pelo signo da funcionalidade. Segundo Virilio (2014), esse dentro atualmente está em crise.

Virilio (2014), ao dizer que o pleno, o interior, o limite, estão sendo substituídos por uma extensão sem limites, criada pelas novas tecnologias, cuja visibilidade e perspectiva se dão pela emissão luminosa dos aparelhos. À antiga ocultação público/privado e à diferenciação da moradia e da circulação sucede-se uma superexposição onde termina a

separação entre o ‘próximo’ e o distante” (VIRILIO, 2014, p. 10).

Contra tal tendência a transparência absoluta, e a completa visibilidade da superexposição, pode-se evocar as opacidades do corpo. O corpo se oculta e se revela, e, portanto, ainda não se tornou, e certamente nunca se tornará, pura transparência. Mesmo com os avanços da medicina, que já consegue escanear completamente o corpo, a imagem resultante não pode ser considerada capaz de revelar todos os seus segredos e mistérios. Contra o corpo transparente e transpassado pelas tecnologias, ainda podemos evocar o corpo antigo do projeto cínico. Um corpo que cospe, dorme, se masturba, defeca tudo em público, abolindo e criticando o que achavam ser a hipocrisia dos comportamentos que ocorriam em público de um modo, e no seio protegido do privado de outro. As fronteiras entre o público e o privado nem sempre significam aumento da dominação, vigília ou controle. Também pode ser um potente indício de crítica. Crítica que se faz com o corpo, incorporação que se apresenta como crítica e resistência. O projeto cínico, entre outros ensinamentos, nos mostra que “comer, descansar, deslocar-se, vivenciar o tempo atmosférico são experiências primárias do estar incorporado; entendê-las como negativas é condenar a biologia e a vida das sensações” (SOLNIT, 2016, p. 424).

Estou refutando a tese de Virilio, que só concordo em parte. Ele afirma que já estamos numa era em que tudo se tornou tecnológico e transparente. Afirmando que não e tomo como exemplo o corpo. Porque por mais que as tecnologias tentem criar um corpo pós-orgânico, e que os avançados exames da medicina tentem torná-lo transparente, ele resiste a partir de sua opacidade e mistérios e não se deixa tomar completamente pelos jogos de poderes. O corpo é um saber, que se oferece e se apresenta a partir de uma disposição inegociável que se faz abertura ao mundo da vida.

O corpo é esta abertura que se oferece aos diversos ambientes, ajudando a compô-los e também sendo composto por eles. Ele se movimenta de modo distinto nos campos e nas cidades. A partir do que já dissemos, da experiência urbana como constituição de interioridades e do corpo como abertura. Posso conjecturar que o corpo no ambiente urbano é uma abertura que se expõe aos enquadramentos que o urbano tenta impor. Mas, deve-se ressaltar que nenhum enquadramento é completo, nem absoluto, se assim o fosse o corpo sufocaria e sucumbiria aos arcanos da clausura. A cidade negocia através dos diversos ‘*espaçostempos*’ que a compõem, um jogo de enquadramentos provisórios, entre controles e liberdades.

O excesso de mediatização das experiências, denunciado por autores como Virilio (2014) e Solnit (2016) chama a atenção para o contato direto com as coisas mesmas e não para suas representações, imagens. O contato sensível e direto com as coisas é fundamental para aguçar os sentidos e tornar a aprendizagem potencialmente mais significativa, a partir de uma experiência mais referencializada, mais detida e direta. O corpo que se mobiliza em direção às coisas torna-se mais encarnado, e necessita da mobilidade como condição de expressão e contato com o mundo circundante. É o corpo que se plasma

com o ambiente, fazendo parte dele, pois está em contato, interfere, age e reage, ajudando a compô-lo. O corpo que se encontra em movimento e contato com as coisas é um corpo aberto, corpo paisagem. Não estamos diante do corpo fechado, ou voltado para si mesmo. Contra o fechamento, ou os dentro forjados pelas cidades, tal corpo só pode ser, desde sempre, um intruso, alguma espécie de resistente. Desse modo, a prática da caminhada mobiliza um corpo ativo que se coloca em estado de abertura, receptivo ao seu entorno, ajudando a compô-lo. Virilio (2014, p. 46) pode afirmar que “a crise das dimensões físicas, enquanto crise das medidas, faz par com a crise do determinismos e afeta hoje o conjunto das representações do mundo”, mas sua afirmação tem que considerar a afirmação e re-existência do corpo, afinal trata-se de materialidade incontornável, de determinação indispensável a qualquer experiência do estar vivo. Mesmo os atuais avanços da inteligência artificial não podem negá-la. A não ser que nossa análise parta de um futuro distópico, semelhante ao apresentado no filme *Matrix*, em que os *softwares* conquistam o mundo e reduzem os humanos a mero combustível, indispensável para alimentar seus propósitos e manter o sistema funcionando. Mesmo assim, a materialidade do corpo não pode ser completamente transgredida.

MOVIMENTO O - CAMINHADAS COM O VENTO, A FLOR E AS ESTRELAS

É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (KRENAK, 2019, p. 27).

Mas sempre é o corpo em movimento, em transmutações e transformações, em atividade e em performatividade (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 43).

Ela brotou tímida. Não se acreditava. Tudo parecia conspirar contra sua potência de mover-se. Pensara que seu destino era enredar-se, brevemente, por entre as paredes do grão, impossibilitada de germinar. Se tivesse que se definir, diria que não era nem morte nem vida. Pura latência de um nascer-morrer? Talvez sem morte, nem vida.

Era noite, ou melhor, baixa madrugada. O tempo estava úmido, lua minguante, o céu escuro contrastando as estrelas. Uma dessas noites mágicas e misteriosas, em que olhamos para o firmamento e não conseguimos deixar de contemplar a imensidão do universo. As estrelas brilham e vazam... Talvez mais correto: vazam na medida em que brilham, e conseguem refletir qualquer coisa no caminho, como no varal da memória. Elas vazam de modo semelhante ao alvejante que, em contato com a água e o vento, remove toda e qualquer rasura das fibras. Vazam também por conseguir matutar por sobre a manta úmida do asfalto.

O céu e as estrelas se entregavam em espetáculo, mas atentos a uma cena única, um monólogo, na coxia do teatro, em surdina. Cena sem o mesmo brilho e majestade de um dançante e musical céu de estrelas. Na verdade, para olhos cegos e ouvidos surdos, uma cena meio opaca (potência de cor e brilho), silenciosa (potência de som) e estática (potência de movimento). Para os ouvidos, narizes e olhos educados do céu e das estrelas, era colorida, perfumada e tinha o som da dissonância em ritmos próprios ao que é da natureza do terroso.

A flor surgiu — aplaudida pelo céu e pelas estrelas —, também em movimento perpendicular, pois é recorte que intercepta céu e terra; ar e água; e, pela sua cor, também fulgura o fogo. Já se antevê o que a vida pulula e o que ela soçobra.

Coisinha tão miúda, na fissura do asfalto, é relação entre céu e terra. Um quase nada, ainda sem nome próprio, que possui o brilho vazado das estrelas e reflete o paradoxo da condição humana. Ensinar-aprender — porque se trata de aprendizado da mais alta reluzência. A humanidade precisa ser descoberta no fruto inumano, que sempre devém. O humano floresce flor quando muitas forças, como as do ar, fundamento de toda vida, entram em contato com a quentura das narinas, rolam abaixo e sobem, modificadas. Esse ar-força é gentilmente purificado pela florzinha na fissura do asfalto. A flor e o ar, dinâmicos, propõem outras genealogias, outros graus de parentesco. Somos primos, filhos, irmãos... da flor e do ar.

Assim, trata-se de aprendizagem inumana, sobre-humana, mais que humana. Aprenderemos com os elementos que nos *encompassam*, atravessam céu e terra e se movimentam em vórtices. E nos ensinam uma filosofia, uma ciência e uma arte do vento — e da flor, do céu e das estrelas —, adágio do ar em movimento.

Emaranhamentos povoam a clareira aberta entre terra e céu. A flor emergiu como acontecimento singular, aclamada pela noite. Na aurora, o céu não contrasta mais as estrelas. O sol esquentava o asfalto. A fumaça dos carros sufoca a flor. Seu destino? Voltar a emaranhar, espetáculo de outras fissuras.

Os movimentos e ritmos da vida dançam em dinamismos, que traçam linhas de fuga. E pode-se entender: “os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 19). E a flor nos exige devires-vegetais. O monólogo na coxia do teatro, na fissura do asfalto, deu-se em devir-coisinha-flor, verdadeiro acontecimento, aplaudido, porque força e movimento transformadores. Esses devires pedem outros caminhos e fissuras de conhecimento. Reter, apropriar-se e dominar não são verbos a ser conjugados na busca do aprender. Os adágios do ar em movimento precisam tocar nos nossos ouvidos, para sermos-aprendermos com as itinerâncias dos que vazam. Sobretudo porque, andar na rua

é efetuar de tudo um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares etc.). A relação entrada/saída, dentro/fora penetra outras relações (casa/trabalho, conhecido/desconhecido, calor/frio, tempo úmido/tempo seco, atividade/passividade, masculino/feminino...). É sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social. É organizadora de uma estrutura inaugurável e mesmo arcaica do ‘sujeito público’ urbano pelo pisar incansável porque cotidiano, que afunda em um solo determinado os germes elementares (decomponíveis em unidades discretas) de uma dialética constitutiva da autoconsciência que vai haurir, nesse movimento de ir e vir, de mistura social e de recolhimento íntimo, a certeza de si mesma enquanto imediatamente social (CERTEAU e GIARD, 2011, p. 43).

A exposição dos encontros solicita à presença o abrir-se do mundo. A partir da exposição, a presença é instada na abertura que se faz mundo. Para Ingold (2017, p. 31, *tradução nossa*), a implicação desse argumento é radical, porque, nos diz que a educação trata de um saber “cuidar do mundo em que vivemos, e de seus múltiplos habitantes humanos e não humanos, então não é tanto sobre compreendê-los, mas restaurá-los à presença, para então atender e responder ao que eles têm a dizer”. Afinal, trata-se de aprender a estar em presença de outros seres e coisas. Dito de outro modo: trata-se de perceber que só somos através dos encontros com os seres e as coisas. Daí surge a presença. De acordo com essa perspectiva, o conhecimento implica-se e diz respeito ao aprender a viver e estar no mundo, como veremos ao longo desse ensaio. É um conhecimento comprometido com a vida, fazendo-se também nas escolas que se desdobram a partir do complexo mundo da vida, isto é, os cotidianos.

Porém, antes de falar propriamente acerca da presença e dos ‘conhecimentossignificações’¹, convém desenvolver essa conversa, explorando um pouco os labirintos sinuosos da linguagem, sobretudo porque ainda estamos bastante marcados pela chamada virada linguística, movimento que se iniciou no século passado e que nos acostumou a ‘*verouvirsentirpensar*’ os fenômenos característicos do mundo e da vida, especialmente, nos círculos mais atrelados e restritos aos signos da linguagem escrita; e, quando a linguagem é concebida de modo mais formal, como desdobramento de códigos associados à chamada norma ‘cultura’ ou padrão, a redução torna-se ainda mais abrangente, pois nesse caso, há uma tendência a excluímos uma gama maior de processos que não se enquadram na chamada norma ‘cultura’. Como exemplo, podemos citar grande parte das conversas que se dão nos cotidianos; os sentidos que nos ligam aos sabores, aos cheiros, ao tato, aos sons, ao contato direto com as coisas, propiciando uma abertura à multiplicidade de sentidos, que passam muitas vezes, por um tipo de silenciamento. “Isso nos induz a romper a segurança de nossas posições defensivas, tirar nossa armadura e conhecer o mundo de braços abertos. É uma prática de desarmamento” (INGOLD, 2017, p. 38, *tradução nossa*).

EXPOSIÇÃO, ENCONTROS, LINGUAGENS E PRESENÇA

Várias linguagens habitam em nós, ou melhor: somos habitados por múltiplas linguagens, como abertura à presença de algo que sempre nos extrapola e arrebatava. Afinal, a complexa e dinâmica relação que travamos com os sons, com a música, não pode ser reduzida à simples ‘leitura’². Pode ser isso, é isso, mas também é outra coisa que não se deixa capturar pelos códigos convencionais que costumamos atribuir à linguagem. A linguagem do silêncio ou esse silêncio da linguagem, geralmente, não é muito levado em conta em nossos processos formativos... Então, se quisermos sair um pouco dessa ‘zona de conforto’, do encanto e sedução prometidos e propiciados pelo império da linguagem, especialmente da caracterizada pelos códigos da escrita, temos de nos abrir às possibilidades dos encontros com a multiplicidade dos sentidos, movimento que possibilita aberturas às pluralidades de linguagens, inclusive à linguagem do silêncio, possível potencializadora dos movimentos complexos e variados que ainda não conseguimos experimentar. Porque quem habita apenas no ‘*tempoespaço*’, tornado somente literário, já se move no malogro de outras possibilidades, pois “quando o mundo e a experiência guardam ainda alguma

1. A necessidade de escrever esses – e tantos outros – termos juntos se deve a que, no transcorrer de nossas pesquisas, fomos compreendendo que as dicotomias necessárias à criação de conhecimentos pela Ciência, na Modernidade, significavam limites para as pesquisas dentro da corrente a que nomeamos ‘pesquisas com os cotidianos’.

2. É importante frisar que nosso intuito não é de modo nenhum depreciar a prática da leitura, ainda mais em contextos como o da América Latina e do Brasil, em que a democratização dessa prática ainda precisa ser alcançada. É preciso ampliar a comunidade de leitores. Nosso argumento, no entanto, é o de que a potência das experiências e dos encontros não podem ser restritos aos códigos da interpretação. Afinal, acreditamos com Deleuze (1985), que o mundo é mais para ser experimentado e vivido do que interpretado. Como veremos, isso possui reverberações radicais nas maneiras de se ‘fazerpensar’ educação.

opacidade, o escritor tem amplas zonas por onde mover o seu dizer” (PESSANHA, 2018, p. 26). Os encontros sempre extrapolam e excedem as expectativas e interpretações que podemos e tentamos fazer deles. Afinal,

Tocar agita e faz mexer. A partir do momento em que aproximo meu corpo de outro corpo - seja este inerte, de madeira, de pedra ou de metal -, desloco o outro - ainda que com um desvio infinitesimal -, o outro me afasta de si e de certo modo me retém. O tocar age e reage ao mesmo tempo (NANCY, 2014, p. 16).

Diante desse cenário das incríveis potencialidades abertas pelos encontros e movimentos, ou tentamos ampliar a noção de leitura, ou buscamos apontar outras relações que podemos travar com a linguagem e que não passa pela ideia convencional que costumamos fazer da leitura, apontando desdobramentos diversos de *‘verouvirsentirpensar’* que existem, estão nos emaranhados cotidianos, mas são pouco explorados. Porém, ao fazê-lo, também se chega a outras relações de/com a leitura. Afinal, a leitura do mundo e da vida só se deixam reduzir aos arcanos dos códigos formais se assim o fizermos. E esse processo de encobrimento e limitação da própria relação que se pode fazer na/com/pela leitura só ocorre ao deixarmos de apontar para a diversidade e a dinâmica que constituem os cotidianos, com as diversidades de imagens, sons, cheiros, sabores, texturas, etc. Então, a relação exagerada e exclusiva de formalização dos códigos da leitura e da linguagem traz à tona a tentativa de silenciar o dinâmico e variado fenômeno das linguagens com os cotidianos, sem êxito, é claro.

Desse modo, não há espanto ao se afirmar que há ciências³ que têm dificuldades em lidar com o mundo encarnado, em seus diversos fluxos cotidianos. Elas encontram-se bem equipadas e preparadas para estudar e compreender os fenômenos fora dos seus contextos originais de emergência. Um bom exemplo disso são as práticas correntes que se desdobram nos laboratórios. Afinal, por mais que se tente re-produzir o ambiente original do fenômeno a ser estudado, muitos elementos, inevitavelmente, serão postos de lado. O simples exemplo de uma bola de bilhar que corre sobre uma mesa uniforme, para se medir a velocidade, nunca conseguirá capturar as variações das condições atmosféricas em seu estado natural. Ou seja, o vento será retirado, ou, no mínimo, domado em sua relação com o fenômeno, suspenso de sua condição natural. Os diversos acidentes que existem no chão também não conseguirão ser re-produzidos no laboratório.

Desse modo, parece que o objeto que se estuda no laboratório só é compreendido quando várias forças que atuam em sua constituição são sistematicamente negadas ou

3. Em *Mil Platôs*, volume 5, Deleuze e Guattari (1997), fazem uma distinção entre as ciências do Estado e um tipo de ciência difícil de classificar. Poderíamos chamá-las de nômades ou rizomáticas. Estas últimas, possuem as seguintes características: 1) são inspiradas em uma teoria dos fluídos, não dos sólidos; 2) trata-se de um modelo de devir e da heterogeneidade que se opõe ao estável, ao constante; 3) trabalha de preferências não com as retas e suas paralelas, mas com as curvas e à formação das espirais e turbilhões; e, 4) possui como inspiração o modelo problemático, não mais com o teorematizado. Por isso, as figuras só são consideradas em função das afecções que provocam, do que acontece. Esquemáticamente, de modo apressado, poderíamos dizer que as ciências de Estado não conseguem lidar bem com a complexidade e os movimentos presentes na educação. Ao passo que as ciências do movimento, as nômades ou rizomáticas podem auxiliar o *‘fazerpensar’* educação.

controladas. Dito de modo mais direto: objeto é o que se encontra no laboratório sob atenção dos cientistas, em suspensão com a interface entre céu e terra. Por isso, pode-se dizer: o laboratório caracteriza-se como as tentativas de se controlar e suspender a sempre variada, dinâmica e caótica ebulição que ocorre no chão, através de procedimentos e protocolos bem regrados, sistemáticos e atenciosamente descritos. Ou, dito de outro modo:

É necessário que se apaguem as práticas linguísticas cotidianas (e o espaço de suas táticas), para que as práticas científicas sejam exercidas no seu campo próprio. Por isso não se levam em conta as mil maneiras de 'colocar bem' um provérbio, neste ou naquele momento e diante deste ou daquele interlocutor. Tal arte fica excluída e os seus autores, lançados para fora do laboratório, não só porque toda cientificidade exige delimitação e simplificação de seus objetos, mas porque a constituição de um lugar científico, condição prévia de qualquer análise, corresponde à necessidade de poder transferir para ali os objetos que se devem estudar (CERTEAU, 2009, p. 76-77).

Parece que a complexidade da vida precisa ser retirada de cena para que o trabalho do cientista possa começar (INGOLD, 2015b). Contudo, seria simplista afirmar que ela é completamente posta de lado. Afinal, é preparada sob “condições adequadas”, de modo a tornar-se compreensível enquanto leitura, isto é, transformada em texto. Traduzida de modo a poder ser lida! Vida que se lê, mas não se vive, ou melhor, se vive apenas na medida em que possa ser lida, traduzida. A prática que se desprende desse movimento está comprometida com as regras, normas e códigos da comunidade de leitores. Acontece que não somos apenas leitores no/do/com o mundo. Somos seres que vivem experiências plurais em um corpo encarnado, através da mobilização de variadas maneiras de “*verouvirsentirpensar*”.

Vivenciamos mundos que se fazem de maneiras complexas e variadas, extrapolando sempre o pretense modelo de leitura e dos ‘*conhecimentossignificados*’ que tentamos lhes impor. Afinal, o chamado do mundo nunca se reduz as nossas expectativas, aos planos, ou aos interesses. O ‘*sencientepraticantepensante*’, aquele/a que possui um corpo em movimento, não pode ser reduzido/a à experiência de ser um mero leitor⁴. Queremos lembrar das astúcias dos praticantes de modo a compreender que os efeitos do discurso e da ação não se encontram tão separados assim. Certeau (2009) criou uma semiótica ampliada que busca compreender as coisas, além da divisão cartesiana. Segundo ele,

Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos (CERTEAU, 2009, p. 97-98).

Na citação acima, encontra-se em jogo outro modo de leitura: plural, encarnada, não cartesiana, nem platônica, em favor da qual podemos tirar proveito no traçado de

4. Aliás, a leitura consiste numa importante maneira de ‘*sentirpensarpraticar*’, potente tecnologia do eu (FOUCAULT, 1984), mas não precisa ser compreendida como base de todo processo formativo e curricular *nas das com* escolas. Além dela, temos uma variedade de tecnologias de subjetivações a trabalhar, há toda a mobilização das pedagogias dos pés, dos tatos, dos cheiros, dos sons etc. A arte pode auxiliar muito nesse processo de desenvolver e criar novas maneiras de ‘*sentirpensarpraticar*’ com os currículos cotidianos *nas das com* escolas.

como se compreender, pesquisar e trabalhar educativamente com o os cotidianos e seus movimento, e com as multiplicidades de modos de *'verouvirsentirpensar'*, que nos levam a ampliadas formas dos *'conhecimentossignificações'* que circulam de modo complexo e dinâmico nas redes educativas. Aliás, o discurso pode ser compreendido como um dos modos específicos da prática. Desse modo, as atividades mentais podem ser entendidas como campos específicos de práticas. Afinal, trata-se de corpos encarnados que se encontram, experimentam e criam, através de diversos movimentos. Corpos em movimento que mobilizam *'conhecimentossignificações'*. Parece que a arte das táticas, como nos propõe Certeau (2009), pode nos dar pistas de compreensões dos referidos movimentos. Diante desse panorama, como criar conhecimento e fazer educação sem a exclusividade da hermenêutica que transforma o mundo e a vida em palcos de leitura? Como tentar perceber a força e a potência da vida que se desdobram e se apresentam através de movimentos que não se deixam capturar apenas pelos códigos da leitura?

Sendo assim, perguntaremos com Ingold (2017, p. 33, *tradução nossa*):

Como, pergunta Masschelein, 'podemos transformar o mundo em algo "real", como tornar o mundo "presente", para dar novamente o real e descartar os escudos ou espelhos que parecem nos ter trancado cada vez mais em auto-reflexões e interpretações, em infinitos retornos sobre "pontos de vista", "perspectivas" e "opiniões"?' Sua resposta é: adotando práticas que nos permitem, literalmente, 'nos expor'.

Isso requer um vir-a-ser com a presença. Acontece que a presença não é só formada pelas materialidades. É também constituída por forças que se encontram e se chocam, forjando sentidos, e os diversos modos de *'verouvirsentirpensar'*. Afinal, é preciso "deslocar o olhar para que possamos ver de maneira diferente, para que vejamos o que é visível" (MASSCHELEIN, 2008, p. 37). Com isso, nos aproximamos de Deleuze (2006). No livro *Foucault*, ele afirma ser impossível elidir a separação entre visível e dizível, porque temos que:

Os estratos são formações históricas, positivities ou empiricidades. 'Camadas sedimentadas', elas são efeitos de coisas e de palavras, de ver e de falar, de visível e de dizível, de regiões de visibilidade e campos de legibilidade, de conteúdos e de expressões. Buscamos esses últimos termos em Hjelmslev, mas para aplica-los a Foucault num sentido totalmente diferente, pois o conteúdo não se confunde mais com um significado, nem a expressão com um significante (DELEUZE, 2006, p. 57).

Ainda segundo os estratos e a autonomia entre o visível e o dizível, tem-se que:

Maneira de dizer e forma de ver, discursividade e evidências, cada estrato é feito de uma combinação das duas e, de um estrato a outro, há variação de ambas e de sua combinação. O que Foucault espera da História é esta determinação das visibilidades e dos enunciáveis em cada época, que ultrapassa os comportamentos e as mentalidade, as ideias, tornando-as possíveis (DELEUZE, 2006, p. 58).

Ou seja, temos uma visibilidade irreduzível que se faz presença⁵. Para Agamben (2017), essa é uma grande cisão que veio a configurar o ‘ocidente’. Há uma fratura que separou e tornou autônomas ciência e beleza (estética). Ainda para ele, é precisamente

porque o ato supremo do conhecimento é cindido de tal modo em verdade e beleza e resulta todavia concebível somente nessa cisão (‘a sabedoria é sabedoria das coisas mais belas’, o belo é ‘o que há de mais aparente’, mas a ciência é ciência do invisível), o saber deve constituir-se como ‘amor do saber’ ou ‘saber de amor’ (AGAMBEN 2017, p. 22).

O amor, como possibilidade de conciliação dos irreconciliáveis, nos mostra que se a ciência pode envolver-se na busca pelo conhecimento, sem relacionar-se com a beleza; o mesmo não pode ser dito da educação, porque, o tipo de conhecimento mobilizado por esta não pode se apartar ou pretender se apartar das visibilidades. Desse modo, podemos afirmar que os conhecimentos mobilizados pela educação, necessariamente implicam e solicitam o amor. Alguns/mas autores/as relacionam o amor como um modo de aprender a vir-ao-mundo. Este vir-ao-mundo, não necessariamente implica nascer, mas um abrir-se ao mundo, a partir da disposição do amor, isto é, “garantir o nexos (a unidade e, ao mesmo tempo, a diferença) entre beleza e verdade, entre o que há de mais visível e a invisível evidência da ideia” (AGAMBEN 2017, p. 20). Então, isso nos diz que a educação requer e mobiliza, simultaneamente, ciência e arte. Ela própria pode ser considerada como: ‘ciência que ao se desdobrar se faz arte’, ou, ‘arte que se coloca em busca, e se faz ciência’, ou dito de outro modo: ‘a educação é conhecimento amoroso, porque ocorre no busca dos cultivos que oscilam entre ciência e arte’. Esse conhecimento amoroso será chamado de ‘*conhecimentossignificações*’.

Para Masschelein, (2008, p. 37), é preciso que haja a valorização de uma educação da atenção, porque é importante estar atento às visibilidades que compõem movimentos, os ‘*verouirsentirpensar*’ da presença. Daí a importância que ele atribui ao caminhar, pois se trata da condição necessária à realização da experiência, uma vez que assinala o ex-por-se, ou “colocar essa posição em jogo, significa ex-posição, estar fora-de-posição”. Afinal, mobiliza o “deslocamento do olhar que propicia a experiência, não apenas como vivência passiva (de ser comandada), mas também como uma espécie de trilha na passagem pela estrada” (MASSCHELEIN, 2008, p. 37). Então, temos que o corpo não somente ‘fala’. Ele também vê e é visto. Consiste em visibilidade que se põe em movimento, e, além disso, fala. Aliás, dificilmente a linguagem de sinais pode ser reduzida aos códigos característicos da fala, tidos como imateriais, sobretudo porque sua expressividade não pode prescindir

5. De modo a nuançar mais e tentar perceber melhor a complexidade e dinâmica dos efeitos de presença, podemos evocar a distinção feita por Deleuze (1998), entre o atual e o virtual. Para ele toda multiplicidade é composta por elementos atuais e virtuais. Ainda para ele: “as imagens virtuais são tão pouco separáveis do objeto atual quanto este daquelas. As imagens virtuais reagem portanto sobre o atual” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 121). Essa indicação é de extrema importância, porque nos permite ultrapassar o reducionismo que tenta colocar a presença ora ao lado da mente, ora ao lado do corpo, porque, de acordo com a lógica das senão o virtual” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 122). Desse modo, a presença não tem por par o sujeito nem o objeto, sua morada se faz na miríade das multiplicidades, forjadas pelas diversas e dinâmicas forças da atualização e virtualidade, a presença faz-se nas atualizações que acontecem sempre no embaralhamento e emaranhado de virtuais.

da visibilidade. Portanto, também já temos que o corpo se expressa através de visibilidade que comporta gestos, paisagens, falas etc. Parece que na educação (MASSCHELEIN, 2008, p. 42),

não trata de tornar consciente ou ser consciente, mas sim de atenção e estar atento. Estar atento é abrir-se para o mundo. Atenção é precisamente estar presente no presente, estar ali de tal forma que o presente seja capaz de se apresentar a mim (que ele se torne visível, que possa vir a mim e eu passe a ver) e que eu seja exposto a ele de tal forma que eu possa ser transformado ou “atravessado” ou contaminado, que meu olhar seja libertado (pelo “comando” daquele presente). Pois tal atenção torna a experiência possível.

Os encontros dos corpos mobilizam ‘*conhecimentossignificações*’, através da multiplicidade dos diversos modos de ‘*verouvirsentirpensar*’, das cópias e das caminhadas, que não se deixam enquadrar nos códigos da escrita, nem em nenhuma outra semiótica dominante. O corpo em movimento é corpo encarnado e vivo, por isso nômade. É busca pelo conhecimento e por se fazer ciência, em condições cotidianas, sem elisão. Ali onde os sentidos se fazem morada, também parece ser o local em que todo sentido se depara com sua impossibilidade. Im-propriedade dos sentidos. O paradoxo do sentido nos envia ao corpo. Esse ‘*dentrofora*⁶’, forja da apropriação daquilo que nunca se deixa ser-apropriado. Quando se busca os sentidos, depara-se com o corpo. Onde o corpo se encontra, quase sempre os sentidos se fazem quedar. Silêncio, o corpo... Não apropriação daquilo que se deseja apropriar. Corpo como borda, limite. Transbordamento de toda possibilidade dos sentidos. As semiotizações (império dos sentidos que reinam quase absolutos) que tentamos impor aos corpos, mais cedo ou mais tarde, hão de se acertar com a própria condição de transbordamento. O corpo como fora e como possibilidade mesma do sentido. Como afirma Nancy (2000): este estrangeiro, porque se apresenta como um aqui mais longínquo do que aquele mais extremo lá. És um aqui-alhures. Corpo-abertura, simultânea e paradoxalmente, possibilidade e limite dos sentidos. A partir desse corpo-abertura, podemos conceber a criação e o encontro, de forma não utilitarista, nem antropocêntrica, considerados como o fundamento da interação, que também é percebida por Deleuze e seu intercessor, Proust:

Ser sensível aos signos, considerar o mundo como coisa a ser decifrada é, sem dúvida, um dom. Mas esse dom correria o risco de permanecer oculto em nós mesmos se não tivéssemos os encontros necessários; e esses encontros ficariam sem efeito se não conseguíssemos vencer certas crenças (DELEUZE, 2003, p. 26).

O encontro nos força a pensar. Nesses encontros forjados por práticas e circulações de modos diversos de ‘*verouvirsentirpensar*’, há o envolvimento com “uma atitude-limite que nos transforma, não ao nos tornar conscientes, mas sim ao fazer com que prestemos

6. Os ‘dentrosforas’ dos cotidianos não se confundem com o dentro e fora das instituições, pois, além de mostrar o plural, múltiplo e variado jogo de composições que ocorrem no mundo da vida, aponta para a imperiosidade do saber fazer que advém de laboriosos e constantes processos de ‘ensinosaprendizagens’, transmitidos de geração em geração, através da mobilização da educação da atenção e do mostrar, que, muitas vezes, frustra os projetos e interesses institucionais, evidenciado a complexidade e pluralidade de modos de fazer, sentir e pensar.

atenção” (MASSCHELEIN, 2008, p. 40). Em que o signo se torna o re-fazer-se desse encontro: “a criação, como gênese do ato de pensar, sempre surgirá dos signos. A obra de arte não só nasce dos signos como os fazem nascer” (DELEUZE, 2003, p. 92). Toda criação, toda produção parte da impressão, pois “apenas ela reúne em si o acaso do encontro e a necessidade do efeito, violência que ela nos faz sofrer” (DELEUZE, 2003, p. 140). Então, a educação, “não seria sobre incutir conhecimento *nas* mentes dos novatos, mas sobre conduzi-los *para* o mundo” (INGOLD, 2017, p. 33, *tradução nossa*). Nessa atitude, a

pesquisa se caracteriza por uma preocupação com esse presente, uma preocupação com estar presente no presente, que é uma outra forma de indicar que a preocupação primordial de tal pesquisa é estar atento. Estar atento é uma atitude-limite que não está direcionada a limitar o presente (a julgar), mas a expor nossos limites e a nos expor aos limites” (MASSCHELEIN, 2008, p. 40).

O tipo de atenção exigida por essa prática se submete às coisas, ao invés de tentar silenciá-las. Busca percebê-las em seu aparecer, através do aguçar das forças imaginativas e criativas, desdobrando-se no plano da vida imanente (INGOLD, 2015b). Assim, temos que o encantamento do mundo não procura mais explicações transcendentais, messiânicas ou redentoras, como se fosse possível “recuperar” o “paraíso perdido na terra”. Trata-se das constituições de agenciamentos que promovam novas formas de criações, de encontros, do estabelecimento de novas relações com: o mundo, a terra, os seres, a vida etc.; sobretudo porque estamos nos movendo em solo da experimentação, em que os movimentos de criação tornam-se radicais.

O mundo, portanto, apresenta-se de forma complexa, plural, através de uma entropia que não se deixa conter pela sanha de controle do ser humano. É urgente pensar em tentativas de se aprender sob inspirações ecológicas. É imperioso e imprescindível aprender a habitar um lugar comum. A vida, que durante muito tempo se viu demasiadamente conectada ao adjetivo qualificada, liberou-se e parece ter trazido o mundo consigo. Desse modo, o *biocurrículo* (RANGEL, 2016) pode abrir-se às diversas compreensões e práticas que situam vida nos mais diversos recantos e recônditos dos cotidianos, reconhecendo que “o sujeito consiste na trama permanente de elementos pré-individuais (aspectos sócio-históricos) e aspectos individuados (processualidades)” (CARVALHO e RANGEL, 2013, p. 186), imiscuído em pactos forjados *nas das com* naturezas culturas, “numa trama, numa rede de sociabilidades, numa rede de produção de subjetividades” (CARVALHO e RANGEL, 2013, p. 186), enfim, nas *redesmalhas educativas*. Várias ações nos ligam ao solo, aliás,

o corte na carne da terra foi a primeira marca da escrita. E é por isso que as palavras que a designam procedem do verbo “cortar” [...] Ambas, cortar e cavar, são ações que se referem à terra, ao chão e ao plano. E ambas atividades cortantes ou perfurantes. Talvez tenhamos uma memória profunda da escrita como cicatriz, como arranhão ou como escarificação, como corte sobre a pele, como resquício e marca indelével de uma ferida (nossos índios bororos se escarificam cada vez que morre um membro da

E, falando em corte e movimentos, no devir e nos estratos significantes, podemos intuir que a utilização da linguagem em outros registros passa, necessariamente, pela coragem de transformar a nossa própria linguagem em uma espécie de literatura menor, ou em uma espécie de dialeto, justamente como forma de valorização do que é considerado pequeno, pois, no processo de instauração das línguas oficiais, essas literaturas e dialetos, foram assim considerados para que fossem pulverizados, desvalorizados pelos jogos de poderes dos chamados Estados Nacionais, por isso, o que importa é, muito mais, o que encontramos em Kafka:

o que interessa a Kafka é uma pura matéria sonora intensa, sempre em conexão com sua própria abolição, som musical desterritorializado, grito que escapa à significação, à composição, ao canto, à palavra, sonoridade em ruptura para se desgarrar de uma corrente ainda demasiadamente significativa (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p. 14).

Portanto o que ficará é o próprio devir, o diferir, as experiências limítrofes. Elas nos inspiram a pensar em saberes que se dão a partir do movimento e da circulação. Ou, nas palavras de Lyotard (2015), sobre o pensamento do amigo Deleuze: trata-se, de algum modo, de mostrar que “o tempo, o espaço, o mundo, não podemos pensá-los ou agi-los na totalidade, nem defini-los; são redes planas e instáveis de linhas. Nos insinuamos por dentro, ajudamos as linhas a se encontrarem, isso pode produzir acontecimento, intensidade e levar um nome” (LYOTARD, 2015, p. 46).

Sempre se trata de algo da ordem da criação e, assim como o fogo, elemento da transformação, da transmutação. Não será forçoso dizer que o saber que expõe e faz crescer é um saber semelhante a todos os saberes que são criados nos mais distintos e diversos ambientes, afinal, trata-se sempre da criação, circulação, crescimento, envelhecimento e transformação, ou seja, de processos vitais. Tudo isso dando-se em movimentos ininterruptos, em fluxos e linhas variáveis, em vórtices que não conduzem a um centro e, se o fazem, é para desfazê-lo e espedaçá-lo em mil outros vórtices a-centrados. Sobre o saber, os poderes derivados, o fazer crescer e circular, podemos dizer que: “o histórico-mundial é o objeto querido das paranoias de poder, o sentido é uma flor inesperada, um suplemento de tensão que brota num encontro, inapreensível para os hermeneutas e outros semióticos” (LYOTARD, 2015, p. 46).

A flor, bem como a erva daninha, pode ser considerada inapreensível, porque estamos acostumados com uma epistemologia desencarnada que, ao dissecar seu objeto, acaba matando-o e transformando-o em algo fossilizado. Temos de nos abrir a tipos de saberes que consigam apreender a beleza desses acontecimentos que quedam em surdina, borbulham nas margens, que “abre sem barulho, é um acento, um tom, um modo estranho da voz, uma voz que não é a minha, nem a das coisas, um ‘figural’” (LYOTARD, 2015, p. 46).

Mas, afinal, o que os saberes fazem crescer? Na questão já encontramos parte da resposta: os saberes se envolvem com os processos vitais. Aqui, tanto a flor quanto os saberes nos convidam a pensar e praticar possibilidades de vida ou as condições de sua rarefação. Eles fazem crescer e circular a vida enquanto potência e capacidade daquilo que irrompe nos lugares mais improváveis, nos tempos mais insólitos. Para Ingold (2012, p. 35): “[...] coisas materiais, assim como pessoas, são processos, e sua agência real está justamente no fato de que” não se pode capturá-las ou contê-las, pois “é no contrário da captura e da contenção — na descarga e vazamento — que descobrimos a vida das coisas”.

Em vez de envolvermos o humanismo em processos de pureza, seria melhor abri-lo ao mundo da vida. Uma crítica ao antropocentrismo torna-se fundamental, mas essa empresa não resulta no enfraquecimento da potência do ser do humano, ao contrário, consiste em movimento pragmático que busca mostrar como este sempre fora dependente de agenciamentos múltiplos, afinal trata-se de evidenciar as conexões e emaranhamentos que sempre existiram, mas que foram encobertos pela arrogância da atitude antropocêntrica. Como Latour (1994), podemos dizer que se trata de tradução ou de rede, posto que estamos lidando com fenômenos sutis, porque encobertos pelo mundo dos interesses demasiadamente humanos. As noções de rede, conexões, emaranhados e agenciamentos nos ajudam a repensar o mundo, pois são “mais flexíveis que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas” (LATOURE, 1994, p. 9).

Portanto, o organismo vivo, seja ele humano, animal ou vegetal, deve ser compreendido “não como uma entidade limitada rodeada por um ambiente, mas como um emaranhado ilimitado de linhas em um espaço fluido” (INGOLD, 2015b, p. 113). Desse modo, os organismos vivos são caracterizados através de acoplamentos de percepção e ação, que surgem dentro dos processos de desenvolvimento ontogenético, sem nenhuma separação entre natureza e cultura, ou, entre história e evolução. Desdenhar desses emaranhados é desejar estar sentado quando temos vontade de dar vazão e liberdade ao “inquieto primata saltador ou ao incansável nômade. Resistir significa deixar de ouvir o corpo e sua necessidade de movimento, significa abstrair e subtrair a história natural da espécie em favor de um programa puramente mental” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 23).

CAMINHAR COMO VENTO

A relação entre terra, céu e pessoas é muito mais complexa do que frequentemente costumamos conjecturar. Há envolvimento e movimentos dinâmicos que compassam e relacionam os fenômenos do céu aos do chão. Para Baitello Junior (2012, p. 22), “não caminhar traz a progressiva atrofia dos músculos, quer dizer, reforça ainda mais a já crescente imobilidade de um animal que por sua natureza sempre foi inquieto e curioso,

saltador ou andarilho”.

Um exemplo interessante pode ser o ar, porque ele é uma substância que reúne o corpo a todas as outras substâncias do entorno (JERSTAD, 2017). Podemos dizer que o ar se reúne ao corpo, ou seja, ele compõe o corpo, movimentando-o, transformando-o em ambiente vazado, aberto, que se encontra em constante interação com outras substâncias. Aqui, as clássicas noções sobre a fixidez dos estados — interno e externo — evaporam, se esfumaçam no clima⁷, porque ele não conhece fronteiras, não tem zonas⁸. “Agora, com o início da “catástrofe sem nome”, retornamos todos aos destinos tecidos pelo vento, somos compelidos a um novo formato de vida, a um novo perambular pelos caminhos por onde nos leva o vento e suas formas mais radicais” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 29). É movimento e o meio, onde nos encontramos imersos. Os seres vivos se movimentam e se fundem com o ambiente, eles ajudam a compô-lo. Desse modo,

viver sentado é uma mudança radical de vida, uma negação da inquietude do saltador e do incansável caminhante. Significa assentar e aclamar o andarilho inquieto, sedar sua necessidade de movimento e sua capacidade de apreender (que significa agarrar) o que lhe cerca, de explorar curiosamente o mundo, de reagir ao encontro, de saltar de ideia em ideia. Sentados, estaremos anestesiados, sedados. E talvez seja realmente esta a intenção de tantas cadeiras e assentos: sedar. É no mínimo instigante que as palavras “sentar” e “sedar” sejam irmãs muito íntimas, filhas da mesma palavra-mãe latina. Ambas vêm de “*sedare*”, que significa, ao mesmo tempo, “sentar” e “acalmar”. Assim, não espanta que nos queiram acalmar colocando-nos sentados, sem a prontidão do movimento” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 21).

A antropóloga Heide Jerstad (2017) fez uma etnografia sobre o ambiente em uma comunidade que vive em montanhas de difícil acesso, na Índia. Para as pessoas desse vilarejo, a mudança climática é uma questão moral, como os próprios fluidos do corpo, pois a pureza não se relaciona apenas como marcador sociocultural entre as castas/classes, mas também está presente no clima. Há o ar puro e o impuro (poluído). Como eles moram em um lugar com topografia bastante irregular, visibilidade e clareza são tidas em alta conta (RANGEL, 2018). Um tempo bom sugere visibilidade da paisagem. Tal visibilidade também está associada à noção de limpeza. Ter uma casa suja, com poeira, é sinal de vergonha, de desleixo. Assim, as mulheres — responsáveis pela limpeza — procuram tornar a casa o mais limpa possível, como uma espécie de espelho que reflete o estado do ambiente exterior, em que a casa se encontra inserida, e vice-versa. O movimento da poeira se conecta ao clima pelo movimento da vassoura. A vassoura passa a ser um objeto-passagem, com a função e o poder de ajudar a limpar o ambiente de forma mais

7. Quando tomamos um campo de estudos como a meteorologia que tenta domar o clima, separando-o em zonas e tipos, percebemos o quanto a ciência positivista, com seus métodos e protocolos de previsibilidade, necessita simplificar os fenômenos que estuda. Porque, o clima é um dos processos mais dinâmicos, uma espécie de ponte de possibilidades, passagem que sustenta as relações entre céu e terra.

8. Segundo conversa com o colega de trabalho, o geógrafo Ivan de Matos, na geografia e na própria climatologia o tempo é o estado momentâneo da atmosfera e é estudado cientificamente a partir de seus aspectos: temperatura (termômetro), pressão (barômetro), umidade (higrômetro) pluviosidade (pluviômetro), velocidade do vento (anemômetro), etc. Há uma diferença entre esse e o clima. Por exemplo, quando a temperatura varia ao longo do dia, não é uma mudança do clima, mas sim a mudança do tempo.

ampla, de modo a assegurar o equilíbrio entre terra e céu, e, assim, fazer com que haja visibilidade e clareza da paisagem. Este objeto-passagem também pode ser visto como uma espécie de amuleto de limpeza. Ele se assemelha, em seu poder purificador, com os usos medicinais feitos da planta da arruda pela cosmologia afro-brasileira; a planta é um amuleto que evita mau augúrio e mau olhado; protege o agente de energias consideradas negativas ou desajustadas. A arruda, assim como a vassoura, tem uma espécie de poder restaurador, é um filtro de energia (RANGEL, 2018).

Para os habitantes dessas montanhas, a poluição — a visível e a invisível — podem ser consideradas matéria que se encontra em diáspora, deslocada, “fora da ordem”. Ela interfere no movimento do ar, desestabilizando-o, desorientando-o. E isso pode ser muito grave e perigoso, pois, para as pessoas da comunidade, a neblina densa (que supõe uma paisagem sem visibilidade), pode provocar a loucura, que é, também, uma perda de si em meio à neblina. Por isso eles procuram andar em pares; dificilmente, uma pessoa será vista sozinha. Trata-se de manter uma relação equilibrada entre céu e terra, entre a sanidade e a insanidade. A perda da referência com o chão, a desterritorialização, leva a pessoa a viver em outro mundo, onde a relação entre terra e céu se dá de forma diferente. É também por isso que as explosões causam muita dor à terra, deixando o ar poluído e causando novos desequilíbrios.

As paisagens, vielas, caminhos e descaminhos são um convite aos pés. São sinalizações que apontam aos corpos à importância de aprender a andar com o vento e como o vento, afinal cada jornada pode ser considerada como “uma narrativa tecida pelos pés” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 34). E foi com ele

que nossos ancestrais reuniram a experiência acerca do mundo. Foram com os pés que transformaram o mundo em trama de caminhos, em uma narratividade experienciada, vivenciada. Foi também a vida peregrina da savana que estimulou a transformação das vocalizações em fala. A fala e seu fluxo permitem não apenas o aperfeiçoamento das estratégias de caça, como também uma socialização mais complexa e, por fim, um refazer com sons os caminhos palmilhados. Se caminhar é ir em direção ao desconhecido e, portanto, ir ao encontro do próprio medo, narrar é reviver o sobressalto, o susto e a surpresa depois do suspense. Caminhar e narrar significam manter o suspense (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 34).

Estamos diante de um mundo composto de conexões, associações (para falar com Latour) e de linhas (para falar com Deleuze e Guattari), criado através das mais variadas matizes de “possessões”, em que as coisas encarnam diversos tipos de devires, sempre em contato com as “forças do fora”, ou seja, é como se “as relações do lado de fora se dobrassem, se curvassem para formar um lado de dentro que se escava e desenvolve segundo uma dimensão própria: a *enkrateia*, a relação consigo como domínio” (DELEUZE, 2006, p. 107).

Seguindo essas oscilações, podemos entender o ambiente como local de interface entre terra e céu, em que há constante permeabilidade e conectividade. O que chamamos de “chão não é uma superfície coerente, mas uma zona na qual o ar e a umidade do céu

se combinam com substâncias cuja fonte está na terra, na formação contínua das coisas vivas” (INGOLD, 2012, p. 31-32). Podemos compreender a própria história como uma das linhas. Ela refere-se à linha do fazer crescer que ajuda a florescer o mundo, porque aqui os seres humanos, com sua atividade produtiva, não transformam o mundo; mas, em vez disso, “desempenham um papel, ao lado de seres de outro tipo, na transformação do mundo por eles mesmos. É a este processo de autotransformação que me refiro com o conceito de crescimento” (INGOLD, 2012, p. 31-32). A história pode ser entendida como um fazer crescer, pragmático e não antropocêntrico, porque ela passa a significar o processo no qual seres humanos de cada geração, através de suas atividades vitais, fornecem os contextos de desenvolvimento nos quais seus sucessores chegam à maturidade. A história passa a ser vista como parte do processo mais amplo de evolução, que se desenvolve ao longo de todo mundo orgânico (INGOLD, 1995). Há todo um ambiente de colaboração e partilha em que o humano só floresce enredado em emaranhados diversos:

Uma boa forma de distinguir diferentes regimes de gestão das plantas e dos animais é considerar a natureza da implicação humana no estabelecimento de suas condições de crescimento. Para a compreensão dessa ideia, é suficiente uma simples mudança de perspectiva: em vez de pensar nas plantas e nos animais enquanto uma parte do ambiente natural dos seres humanos, devemos pensar nos seres humanos e nas suas atividades como uma parte do meio ambiente das plantas e animais. Essa inversão tem uma consequência capital. Se os homens, de um lado, e as plantas e animais, de outro, podem ser considerados alternativamente como componentes dos meios ambientes uns dos outros, não podemos pensar nos primeiros habitando um mundo social que lhes é próprio, situado acima do mundo da natureza que contém as vidas de todos os outros seres vivos. Tanto os homens quanto os animais e as plantas, dos quais aqueles dependem para sua subsistência, devem antes ser considerados como companheiros, participantes do mesmo mundo. E as formas que todas essas criaturas assumem não são dadas a princípio, nem impostas de cima: elas aparecem nos contextos relacionais da sua participação mútua (INGOLD, 1995, p 31-32).

Nesse contexto de participação, de mútua partilha, nos aproximamos do chão posto pela noção de espécies companheiras de Donna Haraway (2011), porque para ela o sofrimento causado aos animais em laboratórios (cobaias) não precisa nos imobilizar e entrar as pesquisas científicas, mas nos coloca irremediavelmente numa ética de partilha do sofrimento alheio, que não se apresenta tão alheia assim, afinal, há toda uma lógica da composição e agenciamento entre os cientistas e os animais que estes “manipulam”. Nada mais perverso e perigoso do que simplesmente declarar que determinado animal não importa, porque está comprometido com o progresso das ciências, ou seja, consiste em “efeito colateral necessário”, mas, em vez disso, é perceber que o próprio “importar está sempre dentro de conexões que exigem e possibilitam resposta, não classificação ou cálculo nus e crus. A resposta, é claro, cresce com a capacidade de responder, ou seja, responsabilidade” (HARAWAY, 2011, p. 30). Isso cria uma disposição de coparticipação e responsabilidade pela partilha do sofrimento daqueles que são postos nessa condição. Assim, o cientista encontra-se diante de dever ético e dos cuidados, porque está na “obrigação prática e moral de mitigar o sofrimento entre os mortais — e não apenas humanos mortais

— sempre que possível e compartilhar as condições de trabalho, inclusive o sofrimento, dos atores mais vulneráveis do laboratório” (HARAWAY, 2011, p. 29). Essas ciências, no plural, estão irremediavelmente envoltas em práticas de cuidado e na modéstia de quem sabe que suas práticas são sempre passíveis de serem revistas.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **Gosto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios I. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALVES, Nilda et alii. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: Inês Barbosa de Oliveira, et al (orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente; questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CVR, 2019, p. 18-45.

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: set., 2018.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, p. 13-38, 2001.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, Alice Casemiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Currículo**: debates contemporâneos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ARDOINO, Jaques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p.58-78.

ARDOINO, Jaques. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília: Plano, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2012.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **O medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Obras escolhidas, vol. 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BOSI, Alfredo. **Os Trabalhos da Mão**. São Paulo: Editora Posigraf, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CAERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. 1. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CARVALHO, Janete Magalhães; RANGEL, Iguatemi Santos. Currículos, multidão, políticas de narratividade. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (orgs.) **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: DP *et AlII*; ES: Nupec/Ufes, 2013.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é. **Povos Indígenas no Brasil**, 2001. Disponível em: https://www.pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf. Acesso em: 13 jan. 2020.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, vol. 1: artes de fazer. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**, vol. 2: morar, cozinhar. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- DAVIS, Mike. A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In: DAVIS, Mike, et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020, p. 05-12.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo – cinema 2**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DELEUZE, Gilles. Meio de 68 não ocorreu. In: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). São Paulo: Editora 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. In: ESCOBAR, C. H. (Org.). **Por que Nietzsche?** Rio de Janeiro: Achiamê, 1985.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

- DOLL JR., William. **Currículo**: uma perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FERRAZ, Gustavo Cruz; e PIMENTEL, Cesar Pessoa. A atenção deambulatória: habilidade e aprendizagem na antropologia ecológica de Tim Ingold. **Ayvu, Rev. Psicol.**, v. 05, n. 01, p. 89-116, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/27506>. Acesso em 04 abr. 2017.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**, vol. III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. São Paulo: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.
- GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidney; BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Criação e devir em formação**: mais-vida na educação. Salvador, BA: EDUFBA, 2014.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do Desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64, jan./jun. 2011.
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. São Paulo: Edições 70, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências I**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** Doutrina de Kant dos princípios transcendentais. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1987.
- INGOLD, Tim. **Anthropology and/as Education**. Boston: Routledge, 2017.
- INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Acesso em: jan. de 2015a. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777>. Acesso em 04 abr. 2017.
- INGOLD, Tim. O Dédalo e o Labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015a. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>. Acesso em: jan de 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0021.pdf>.
- INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015b.
- INGOLD, Tim. Sobre a distinção entre evolução e história. **Antropolítica**: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. Nº. 1 (2. sem. 95). Niterói: EdUFF, 1995.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JERSTAD, Heide. SIMONETTI, Cristián. Atmosferas cruzadas. Palestra proferida na **IV Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (ReACT)**. Universidade de São Paulo (USP), 16 a 19 de maio 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em 20 jan. 2017.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEFF, Enrique. **A aposta pela vida**: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEMONS, André. Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, v. 1, n. 1, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LUCENA, Simone; SANTOS, Edméa. APP-DIÁRIO na formação de pesquisadores em Programa de Pós-Graduação em Educação. **Educação Unisinos**, Novo Hamburgo, v. 23, n. 4, outubro-dezembro 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.234.04/60747434>. Acesso em: 13 mar. 2020.

LYOTARD, Jean-François. O tempo que não passa. **Cadernos de Subjetividade**. Ano 12, n 17. São Paulo: PUC, 2015.

MACEDO, Roberto Sidney. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA. 2000.

MACEDO, Roberto Sidney. **A etnopesquisa implicada**: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2011.

MACEDO, Roberto Sidney. **A pesquisa e o acontecimento**. Compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2016.

MACEDO, Roberto Sidney. **Atos de currículo e autonomia pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidney. **Atos de currículo formação em ato?**: Para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação. Ilhéus: Editus, 2011.

MACEDO, Roberto Sidney. **Chryssallis, currículo e complexidade**: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo. Salvador: EDUFBA, 2002.

MACEDO, Roberto Sidney. Compreender e mediar a formação: o fundante da educação. Brasília, DF: Líber Livro, 2010. MACEDO, Roberto Sidney. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2007a.

MACEDO, Roberto Sidney. **Currículo, diversidade e equidade**: luzes para uma educação intercultural. Salvador: EdUFBA, 2007b.

- MACEDO, Roberto Sidney. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.
- MACEDO, Roberto Sidney. Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação. In: MACEDO, R. S.; BORBA, S.; BARBOSA, J. **G. Jacques Ardoino e a educação**. Coleção Pensadores e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 68-96.
- MACEDO, Roberto Sidney. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: R. S. MACEDO; PIMENTEL, A.; GALEFFI, D. **Um rigor outro**: sobre a questão da qualidade nas pesquisas qualitativas. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 75-121.
- MACEDO, Roberto Sidney. **Pesquisar a experiência**: compreender/mediar saberes experienciais. Curitiba, PR: CRV, 2015.
- MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação & Realidade**. 33(1): 35-48 jan/jun 2008. Acesso em: fev de 2018. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6685/3998>.
- MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Editorial Psy II, 2005.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução por: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018. Traduzido de: Necropolitcs.
- Merleau-Ponty, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- NANCY, Jean-Luc. **Arquívoda**: do senciante e do sentido. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- NANCY, Jean-Luc. **Corpus**. Lisboa: Editora Vega, 2000.
- PAIS, José Manuel. Nas rotas do cotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Lisboa, n. 37, jun. 1993.
- PESSANHA, Juliano Garcia. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- RANGEL, Leonardo. **Educação dos sentidos e do encontro**. Curitiba: CRV, 2018.
- RANGEL, Leonardo. **O sabor dos saberes**: margens e experiências limiars na cultura e na educação. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.
- ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- ROVELLI, Carlo. **A realidade não é o que parece**: a estrutura elementar das coisas. São Paulo: Objetiva, 2014.
- SADE, Marquês de. **A filosofia na Alcova**. Tradução, prefácio e notas de Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **O perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2009.

SANTOS, Edméa. Formação de professores e cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 11, n. 17, p. 113-122, jan./jun., 2002.

SANTOS, Edméa. MARTI, Frieda; SANTOS, Rosemary. O museu como espaço multirreferencial de aprendizagem. Rastros de aprendizagens ubíquas na cibercultura. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, n. 1, p. 182-201, jan-mar. 2019. Disponível em: <https://sistemas.uff.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/6468/14696>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa Formação na cibercultura**. Santo Tirso: Whitebooks. 2014.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa Formação na cibercultura**. Teresina: EdUFPI. 2019.

SANTOS, Edméa; MADDALENA, Tânia L.; ROSSINI, Tatiana S. S. Diário hipertextual on-line de pesquisa: uma experiência com o aplicativo Evernote. In: COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (orgs.). **App- learning: experiências de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 93-108.

SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. Diários online, cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: SANTOS, E. (org.). **Diário online: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso: Whitebooks. 2014.

SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. Educação e cibercultura: aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática. **Rev. Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 285-303, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/8042>. Acesso em: 02 jan. 2020.

SANTOS, Thiago; SANTOS, Edméa; FELLIPO, Denise. As tecnologias computacionais contemporâneas e a educação: contribuições do ciborgue e dos objetos inteligentes. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 62, p. 987-1009, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/25505/23685>. Acesso em: 02 jan. 2020.

SAVIANI, D. **A pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SERRES, Michel. **O terceiro instruído**. Lisboa/Portugal: Instituto Piaget, 1993.

SERRES, Michel. **Tempo de crise: o que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e o futuro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: BOTELHO, André (org.). **Essencial Sociologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VARELA, Julia. O estatuto do saber pedagógico. In: **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

SOBRE OS AUTORES

EDMÉA SANTOS - Professora Titular-Livre da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua no Instituto de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC), na linha de pesquisa “Linha 1: Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas”. Foi professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED/UERJ), durante o período de 2007 a 2018 (onde colabora, junto à linha de pesquisa “Cotidianos, redes educativas e processos culturais”). Líder do GPDOC - Grupo de Coordenadora do GT 16 - “Educação e Comunicação” da ANPED - Associação Brasileira de Pesquisa em Educação, vice-presidente da ABCIBER - Associação de Pesquisadores em Cibercultura. Atua na formação inicial e continuada de professores e pesquisadores. Áreas de atuação: “Educação e Cibercultura, Pesquisa e Práticas Pedagógicas, Formação de Professores, Didática, Currículos: teorias, práticas e políticas, Informática na Educação, Educação Online, EAD. Full professor of the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ). Works at the Institute of Education and the Postgraduate Program in Education (PPGEDUC) Contato: edmeabaiana@gmail.com Facebook: edmea.santos Skype: edmea2 Facebook: edmea.santos Contato telefônico e Whatsapp: 55-021-996212804

LEONARDO RANGEL - Pós-Doutor em Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais pela ProPEd/UERJ. Mestre e Doutor em Educação pela UFBA. Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFBA. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT/IFBA. Associado ao Mestrado Profissional em Educação - MPED/UFBA. Participa de projetos nas áreas dos Processos Formativos, Currículo, Educação, Cuidado e Cotidianos, junto aos grupos de pesquisas Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema, suas imagens e sons - ProPEd/UERJ, e FORMACCE em aberto -FACED/UFBA. Possui experiências nas áreas: Sociologia da Educação, Teoria Social, Etnografia da Educação e Educação Profissional. Contato: leonardorangellreis@gmail.com. Whatsapp: 55-071-996192012

O CAMINHAR NA EDUCAÇÃO

NARRATIVAS DE APRENDIZAGENS,
PESQUISA E FORMAÇÃO

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

O CAMINHAR NA EDUCAÇÃO

NARRATIVAS DE APRENDIZAGENS, PESQUISA E FORMAÇÃO

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 